

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” –
FACULDADE DE CIÊNCIAS E ENGENHARIA**
Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento

LUIS FERNANDO PUPIN PEREIRA TAVARES

**O DISCURSO EM TORTO ARADO E O ODS 5: VOZES FEMININAS
ENUNCIAM O CONFLITO ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA**

TUPÃ
2023

LUIS FERNANDO PUPIN PEREIRA TAVARES

**O DISCURSO EM TORTO ARADO E O ODS 5: VOZES FEMININAS
ENUNCIAM O CONFLITO ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Tupã, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento.

Área de concentração: Agronegócio e Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Meio Ambiente

Orientador: Profa. Dra. Cristiane Hengler Corrêa Bernardo

Coorientadores: Profa. Dra. Angélica Góis Morales (PGAD)

Profa. Dra. Luciana Ferreira Leal (Unespar)

TUPÃ
2023

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Biblioteca e Documentação da FCE – Unesp, Câmpus Tupã:

T231d Tavares, Luís Fernando Pupin Pereira.
O discurso em Torto Arado e o ODS 5: vozes femininas enunciam o conflito entre sociedade e natureza / Luís Fernando Pupin Pereira Tavares. – Tupã: [s.n.], 2023.
158 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) –Universidade Estadual Paulista UNESP – Faculdade de Ciências e Engenharia, 2023.

Orientadora: Cristiane Hengler Correa Bernardo
Coorientador: Angelica Gois Morales
Coorientador: Luciana Ferreira Leal

1. ODS 5. 2. Personagens femininas. 3. Análise do Discurso Literário. 4. Arado. I. Título. II. Autor.

Fonte: Eliana Kátia Pupim, bibliotecária CRB 8 – 6202. Essa ficha não pode ser modificada.

TAVARES, Luís Fernando P. P. **O discurso em Torto Arado e o ODS 5: vozes femininas enunciam o conflito entre sociedade e natureza.** Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2023.

RESUMO

A literatura de ficção contemporânea tem sido bastante utilizada com função educativa e para análises sociológicas. Tais funções podem ser essenciais para se educar e discutir questões mais sensíveis e complexas, como o empoderamento feminino e a igualdade de gênero no espaço rural, um ambiente ainda dominado por uma postura patriarcal. Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo analisar como a obra *Torto Arado* apresenta os conflitos entre sociedade e natureza na perspectiva das personagens femininas e se insere na problemática apresentada no ODS 5, sobre a igualdade de gênero. Para o desenvolvimento da pesquisa de abordagem qualitativa, foi utilizado o método de Análise do Discurso Literário, na concepção de Maingueneau. Como resultados, as discussões propiciadas pelo livro poderão ser utilizadas para políticas públicas voltadas para a mulher. O próprio ensino formal, por meio das suas disciplinas de literatura, sociologia e filosofia, conseguirá utilizar essa discussão para auxiliar no empoderamento de meninas e mulheres e assim diminuir a desigualdade de gênero, principalmente no que se refere ao espaço rural.

Palavras-chave: ODS 5. Personagens femininas. Análise do Discurso Literário. Torto Arado. Itamar Vieira Júnior.

TAVARES, Luís Fernando P. P. **O discurso em Torto Arado e o ODS 5: vozes femininas enunciam o conflito entre sociedade e natureza.** Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2023.

ABSTRACT

Contemporary fiction literature has been widely used for educational purposes and for sociological analyses. Such functions can be essential to educate and discuss more sensitive and complex issues, such as female empowerment and gender equality in rural areas, an environment still dominated by a patriarchal posture. In this sense, this dissertation aims to analyze how the work *Torto Arado* presents the conflicts between society and nature from the perspective of female characters and is part of the problem presented in SDG 5, on gender equality. For the development of the research with a qualitative approach, the Literary Discourse Analysis method will be used, in the conception of Maingueneau. As a result, it is expected that the discussions provided by the book can be used for public policies aimed at women. It is also hoped that formal education itself, through its disciplines of literature, sociology and philosophy, can use this discussion to help empower girls and women and thus reduce gender inequality, especially with regard to space. rural.

Keywords: SDG 5. Female Characters. Literary Discourse Analysis. *Torto Arado*. Itamar Vieira Junior.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O DISCURSO EM TORTO ARADO E O ODS 5: VOZES FEMININAS ENUNCIAM O CONFLITO ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA


AUTOR: LUÍS FERNANDO PUPIN PEREIRA TAVARES

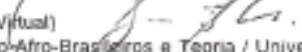
ORIENTADORA: CRISTIANE HENGLER CORRÊA BERNARDO


COORIENTADORA: ANGELICA GOIS MORALES

COORIENTADORA: LUCIANA FERREIRA LEAL

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento, pela Comissão Examinadora:

Professora Doutora CRISTIANE HENGLER CORRÊA BERNARDO (Participação Virtual) 
Departamento de Gestão, Desenvolvimento e Tecnologia / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Prof. Dr. DÁRIO BORIM JÚNIOR (Participação Virtual) 
Programa de Pós-graduação em Estudos Luso-Afro-Brasileiros e Teoria / Universidade de Massachusetts Dartmouth - EUA

Profa. Dra. ANA ELISA BRESSAN SMITH LOURENZANI (Participação Virtual) 
Departamento de Gestão, Desenvolvimento e Tecnologia / Faculdade de Ciências e Engenharia - FCE - UNESP - Tupã/SP

Tupã, 28 de junho de 2023

Dedico esta dissertação, primeiramente, a Deus, que me deu forças para superar todos os obstáculos. À minha mãe (*in memoriam*), que infelizmente não pôde estar presente neste momento tão importante da minha vida. Ao meu pai, grande companheiro dos bons e maus momentos. Ao meu namorado Bruno Gabriel, por toda paciência, compreensão, carinho e amor. À minha orientadora Profa. Dra. Cristiane Hengler Corrêa Bernardo pela confiança, paciência, incentivo, amizade e excelente orientação. E, por fim, aos meus amigos e familiares, que tornaram cada momento difícil mais leve.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não existiria sem o apoio de várias pessoas. Por isso, expresso aqui, por meio de palavras simples, mas sinceras, um pouquinho da importância que elas tiveram nessa tão sonhada conquista.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora Profa. Dra. Cristiane Hengler Corrêa Bernardo por toda paciência, carinho, atenção, mas principalmente pelo olhar maternal, sempre me corrigindo, quando necessário, sem nunca me desmotivar. Obrigado por sempre ter acreditado em mim.

Desejo igualmente agradecer às minhas coorientadoras Profa. Dra. Angélica Góis Morales e a Profa. Dra. Luciana Ferreira Leal pela importante contribuição e ensinamentos compartilhados. Meu muito obrigado.

Estendo os meus agradecimentos à Profa. Dra. Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani e ao Prof. Dr. Dário Borim Júnior que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca da minha qualificação e da minha defesa, trazendo riquíssimas contribuições para o meu trabalho. Gratidão eterna.

Quero agradecer aos meus amigos Omar Fernando de Carvalho Júnior por me apresentar o Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento da Faculdade de Ciências e Engenharia da UNESP (PGAD/UNESP), Campus de Tupã, e me fazer acreditar que o mestrado poderia deixar de ser um sonho para mim e se tornar realidade, à Amanda Bortoletto Balsys por ter me apresentado a obra Torto Arado durante nossos deliciosos encontros no grupo de leitura de contos Memento Mori, e à minha colega de turma Isaltina Santos da Costa Oliveira por ter me dado dicas importantíssimas e me ajudado a alinhar minha pesquisa. Vocês moram em meu coração.

Ao meu namorado Bruno Gabriel por todo o incentivo, carinho, companheirismo e amor dedicados exclusivamente a mim durante todo este longo percurso. Obrigado por sempre estar ao meu lado. Você é o meu maior orgulho. Eu te amo daqui até o céu, ida e volta.

Por último, quero agradecer aos meus amigos e familiares pelo apoio e pela ajuda incondicionais que muito contribuíram para a execução desta pesquisa, sempre me incentivando nos momentos difíceis e compreendendo a minha ausência enquanto me dedicava à realização do meu sonho.

Para todas estas pessoas e para as demais, que por algum motivo, seja o lapso ou o limite de escrita, não foram citadas, deixo aqui a minha gratidão e o meu muito obrigado.

Sou uma quilombola guerreira
Guerreira com muito amor
Não uso arma, nem tão pouco espada
No pensamento, carrego dor.
Negra de coração
Corajosa por herança
Amiga da liberdade
Com um coração de criança.
Negra e refugiada
Faço da resistência o meu escudo
Descendente de escravos
Meu quilombo é meu mundo.
Tenho fé e acredito
No resgate da identidade
Em meio a tantas lutas
No quilombo há felicidade (Gualberto, 2016, p. 19).

Que os traços da dor expressados pelas rachaduras da terra na qual não mais se pode plantar ou colher o que nos alimentaria, nos forneça, mesmo que pelos gritos das veias dos canais fluviais protegidos do sertão mais profundo, pela terra árida que ainda guarda esperança de vida, nos reserve saúde para seguir lutando;

Que o meio ambiente, o qual definha e queima a cada movimento de apropriação forçada do que antes sempre foi coletivo, siga resistindo no grito da causa dos povos originários, dos quais tiramos até mesmo o nome, pois não foram eles que nos denominaram Brasil, mas os estupradores das mulheres que Itamar Vieira Junior dá voz em sua narrativa.

O que chamamos Brasil é composto por milhares de corpos historicamente marcados, ora à ferro quente, ora pela chibata, hoje pelo cacete e a bala, ainda violados física, sexual, mental e ambientalmente, minando a auto estima daqueles que às custas de próprio sangue ergueram cada parede de um país continental. Que estes corpos, demarcados não pelo seu direito à terra, sobre os quais NUNCA se foi feita justiça, tenha em cada um dos caracteres escritos por Itamar Vieira Junior um dia a mais de luta e resistência. Avante.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. REVISÃO TEÓRICA	10
2.1 Textos de ficção.....	10
2.2 Literatura contemporânea	121
2.3 Literatura ficcional como papel educativo	123
2.4 Formação discursiva do autor	145
2.5 Teoria do discurso literário.....	126
2.6 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável	127
2.7 ODS 5	129
2.8 Torto Arado	25
2.9 Caracterização do espaço geográfico onde se passa a trama de Torto Arado	49
3. METODOLOGIA	54
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:	56
4.1 Análise do discurso como recurso de resistência em Torto Arado	56
4.2 Conflitos vividos pelas personagens femininas	72
4.3 Relação entre o ODS 5 e passagens da obra Torto Arado	115
4.4 Dificuldades para atingir o ODS 5	142
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	150

1. INTRODUÇÃO

A literatura de ficção contemporânea estabelece uma aproximação bastante estreita com a realidade. Entretanto, antes de ver de que forma essa realidade se apresenta na ficção, é necessário compreender como a literatura contemporânea se caracteriza. Marcada pelas escolas, a literatura parece até hoje precisar delimitar períodos para enquadrar os seus autores e obras. Todavia, a contemporaneidade, segundo Agamben, (2009), não pode ser estática, pois está em constante evolução. Para o autor a contemporaneidade reflete sobre a mudança do heterogêneo e do efêmero.

Nesse sentido, Agamben (2009) propõe compreender essa relação temporal como sendo uma congregação de gerações e, assim sendo, a literatura contemporânea estabelece diálogos não apenas entre o autor e o leitor, mas traz o passado e o presente para a narrativa. Pode-se dizer, assim, que a contemporaneidade está mais relacionada à forma como se lê a obra e se percebe na mesma. A contemporaneidade da obra está mais nas relações entre leitor e obra do que exclusivamente na própria obra, por isso a dificuldade de demarcá-la por tempo cronológico.

Boxall (2013, p. 168) observa a ampliação do conceito de espaço da consciência, ao dizer que “a ficção do novo século esteve envolvida na formação do que pode ser pensado como um novo tipo de consciência global”. Essa também é a forma de pensar de Shoene (2010, p.43), quando este diz que “o romance pode agora estar começando a se adaptar e se renovar, imaginando o mundo em vez da nação”. As fronteiras foram ultrapassadas pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e chegaram afetando tanto os produtos e processos quanto o próprio ponto de vista do narrador.

No que se refere, especificamente, à literatura contemporânea brasileira, Schollhammer (2011, p.11) relata que o traço da presentificação, da urgência é marca dessa literatura que, “(...) na produção atual, visível no imediatismo de seu próprio processo criativo e na ansiedade de articular e de intervir sobre uma realidade presente conturbada”. Essa excitação mediante a criação e a publicação, que muitas vezes é antecipada de forma digital, não permite que a realidade seja detectada diretamente, apenas vista de forma superficial. Essa crítica encontra ressonância nas próprias palavras do escritor de ficção, como quando, por exemplo, diz Freire (2008), “(...) de fato, escrevo curto e, sobretudo, grosso. Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta

vingança tem pressa. Não tenho tempo para nhenhêns. Quero logo dizer o que quero e ir embora”.

Utilizar a literatura de ficção contemporânea para fazer análise de uma situação que se assemelha muito à realidade vivida por muitos é uma forma de compreender essa realidade que, embora saída de uma ficção, traz elementos de veracidade que permitem com que se possa fazer inferências. Agamben (2009, p.13) complementa dizendo que, desse modo, passa-se a questionar a própria literatura e sua eficiência estilística, assim como “seu impacto sobre determinada realidade social e sua relação de responsabilidade ou solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo”.

Nesse sentido, esta dissertação utiliza para análise o livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, publicado em 2018, pela editora Leya e vencedor do Prêmio Jabuti em 2020, como o melhor romance literário. Na obra, representante da literatura contemporânea, Vieira Júnior narra conflitos vividos por duas irmãs, que vivem em uma comunidade rural na Chapada Diamantina, na Bahia. A região mais úmida da Chapada torna-se o cenário onde o autor apresenta o universo rural brasileiro, por meio do protagonismo de figuras femininas que resistem e lutam pela posse da terra, enfrentando uma sociedade escravocrata e patriarcal. Essa breve introdução a *Torto Arado* já revela o enorme potencial que a obra apresenta para uma Análise do Discurso Literário (ADL) tendo como orientação o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 que busca “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2015).

Tal proposta pode ser reforçada por Barros (2014, p.163), quando o autor afirma que a Análise do Discurso (AD) como metodologia dá possibilidades de ir além da observação do contexto em que o documento foi concebido, além do que está expresso em sua escrita. Importa também as omissões, aquilo que não foi dito, pois a AD traz para a sua metodologia alguns princípios inovadores que tem base “num jogo que se estabelece entre a produção linguística e a materialidade histórica”. A metodologia da AD busca “encontrar as rupturas e os lapsos dos textos (orais e escritos), os quais não são inocentes, uma vez que a própria produção textual é a atuação da ideologia em sua relação com o inconsciente – o sujeito”.

A mesma afirmação se aplica à Análise do Discurso Literário (ADL), uma vez que, como asseguram Silva (2011) e Versa e Soares (2014), a ADL não fica restrita à narração e a outros procedimentos adotados pelo autor para a construção da narrativa. Também é imprescindível que essa análise não se desvincule do contexto sociocultural

no qual esta obra se insere, tanto na perspectiva da narrativa quanto na da produção do sentido. Para este último, é necessário que seja aplicado o conceito de Formação Discursiva (FD) que, de acordo com Pêcheux (1997, p.160), em uma formação ideológica já definida, “determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc)”. Para Caprioli (2015), o conceito de FD é essencial para a AD, uma vez que propicia que o processo de produção de sentido seja compreendido, assim como a sua relação com a ideologia, permitindo que o pesquisador possa identificar as regularidades no funcionamento do discurso.

Para Maingueneau (2009, p. 43), a Análise do Discurso Literário possibilita devolver “as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas”. Nessa proposta, o autor pensa a ADL na perspectiva histórica e social da comunicação literária, fazendo uso das ciências da linguagem. Reflete assim que a ADL deve se debruçar sobre as seguintes categorias: cena de enunciação que determina o tipo do discurso, o gênero utilizado e a cenografia utilizada; o dêixis discursivos (que se referem ao enunciador e coenunciador), às coordenadas de tempo e à tipografia e, ao ethos (conjunto de costumes e de hábitos das personagens).

Trazer para análise da obra elementos da realidade, comparando exemplos reais a exemplos fictícios podem exponenciar o papel educativo da ficção, já vastamente utilizado para o ensino de línguas, de matemática, da própria literatura, da história, da geografia, dentre tantas outras áreas do conhecimento. Nessa direção, acredita-se que se possa trazer, como elemento de base analítica da literatura contemporânea, o papel dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), que fazem um apelo global para que sejam desenvolvidas com urgência ações para a erradicação da pobreza, proteção ao meio ambiente e ao clima e garantias de paz e prosperidade a todos, em específico o ODS 5 (ONU, 2015).

Medidas transformadoras que possam levar todo o mundo para o caminho sustentável, cada um dos ODS se referem a uma meta específica. O ODS 1 aborda a erradicação da pobreza; o ODS 2, a fome zero e a agricultura sustentável; o ODS 3, a Saúde e o Bem Estar; o ODS 4, a Educação de Qualidade; o ODS 5, a Igualdade de Gênero; o ODS 6, a Água Potável e o Saneamento; o ODS 7, a Energia Limpa e Acessível a todos; o ODS 8, o Trabalho Decente e Crescimento Econômico; ODS 9, a Indústria, a Inovação e a Infraestrutura; ODS 10, a Redução das Desigualdades; ODS 11, as Cidades e as Comunidades Sustentáveis; ODS 12, o Consumo e a Produção

Responsáveis; ODS 13, a Ação Contra a Mudança Global do Clima; ODS 14, a Vida na Água; ODS 15, a Vida Terrestre; ODS 16, a Paz, a Justiça e as Instituições Eficazes e, por fim, o ODS 17 que aborda as Parcerias e os Meios de Implementação (ONU, 2015).

Nilson, Boer e Fuzer (2016), antes mesmo dos ODS, mas já com base no material das Conferências da ONU sobre as questões ambientais, publicaram um artigo, que indica o potencial da literatura para a conscientização do leitor e a formação de um cidadão mais crítico. No caso trazido pelos autores, a análise se debruçou sobre a obra *A Chave do Tamanho* (1942), de Monteiro Lobato, que ao estabelecer a relação entre ambiente e natureza, traz elementos importantes para a discussão da sustentabilidade. Em suas conclusões os autores afirmam que os livros por fazerem verdadeiras fotografias dos “modos de vida das comunidades, seja na ficção, seja na realidade, com aspectos objetivos e subjetivos em diferentes tempos e espaços podem contribuir para a compreensão da sociedade humana e de fatores a ela relacionados” (Nilson; Boer; Fuzer, 2016, p.11).

A literatura científica internacional também já tem feito relação entre os ODS e a literatura de ficção contemporânea. Poray-Wybranowska (2020) aborda a relação entre literatura de ficção, as mudanças climáticas e o imaginário ambiental contemporâneo. A autora argumenta que o romance de ficção é a forma mais adequada para estabelecer relações entre os compromissos da literatura e as mudanças climática e já traz para o debate os ODS.

Johnson *et al.* (2020), em livro voltado para o ensino superior em gestão e negócios, também fazem uso da literatura de ficção para conduzir os discentes a estabelecerem um diálogo com a sustentabilidade, por meio dos ODS. De acordo com os autores, a experiência busca como resultados da aprendizagem, o desenvolvimento da consciência dos alunos de negócios e gestão acerca das várias perspectivas entre a sustentabilidade e os ODS. Isso, segundo os autores, ocorre usando os efeitos emotivos das narrativas ficcionais, promovendo a consciência sobre as necessidades da sustentabilidade nos negócios e na gestão, levando-os a buscar soluções (Johnson *et al.*, 2020).

O artigo bastante recente de Murphy, Brereton e O'brochain (2021) chega a falar sobre eco-ficção que acaba usando a natureza para a composição dos espaços e da natureza. Nesse cenário, encontra-se desde catástrofes climáticas a fontes de animismos, filosofia que atribui alma a todas as formas da natureza, o que inclui animais, vegetais e minerais. Os autores, além da literatura de ficção, levam os exemplos para as telas dos

cinemas e citam essa relação entre ficção e sustentabilidade, usando personagens árvores, como no caso de *Le Quattro Volte* (2010), no qual uma árvore assume o lugar de protagonista após a morte do humano. *Avatar* (2009) também é um exemplo dessa relação, inclusive com o uso do animismo, com a espiritualidade das árvores, alienígenas primitivos e a relação de parentesco com mundos naturais.

Voltando para a chamada eco-literatura de Murphy, Brereton e O'brolchain (2021), eles citam ainda as obras *The Story of Yew* (2001) e *His for Hawk* (2014), como exemplos, nos quais há ontologia do animal pós-humano e não humano, sem se mover em direção aos ideais das crianças, com relação aos animais antropomorfizados. Para os autores o uso de imaginários fictícios propicia o estabelecimento de valores coletivos de uma ética futura que pode ser utilizada em direção à sustentabilidade.

No que se refere ao Brasil, Michelotti (2017) apresenta resultados do Projeto “Despertando a Formação Inteligente por meio da Leitura” que está relacionado com os ODS, visando oferecer discussões de como reverter as situações de vulnerabilidade narrada nos livros. No que se refere ao ODS 5, a autora traz: “o papel das mulheres nos livros, de maneira sutil, mostra a igualdade de gêneros, acabando com a discriminação de meninas e mulheres, à medida que os autores dos livros conseguem reproduzir a força e coragem das personagens” (Michelotti, 2017, p.4). Os livros mostram também a vulnerabilidade, como é o caso de *Torto Arado* (2018), utilizado como obra de análise neste projeto, mas também mostra a força da mulher, o que pode servir de inspiração para as leitoras.

Diante de tal contexto esta dissertação tem como objetivo geral analisar como a obra *Torto Arado* (2018), na perspectiva das personagens femininas se insere na problemática apresentada no ODS 5, sobre a igualdade de gênero.

Especificamente busca-se atingir quatro objetivos, quais sejam: a) Verificar como é construído o discurso literário na obra analisada; b) Identificar os principais conflitos vividos pelas personagens femininas na obra analisada; c) Averiguar na trama de *Torto Arado* (2018) passagens da obra que se relacionam às metas específicas do ODS 5; d) Verificar na trama quais as dificuldades apresentadas para alcançar o objetivo 5.

Nesse sentido, se estabeleceu como problema de pesquisa a seguinte questão: como a obra *Torto Arado* (2018), na perspectiva das personagens femininas se insere na problemática apresentada no ODS 5, que aborda a igualdade de gênero?

Para tanto, esta pesquisa utilizou a análise do discurso literário na concepção de Maingueneau (2006) e contou com a divisão propostas por Orlandi (2021) que estabelece

para a análise três etapas: tratamento analítico; fenômenos linguísticos e relação entre o discurso e o seu contexto.

Esta dissertação está estruturada em seções, sendo que além desta introdução, considerações finais, referências, bibliografias, anexos e apêndices, tem-se: Revisão Teórica, Metodologia e Resultados e Discussões.

A seção intitulada Revisão teórica, discorrerá sobre os conceitos de textos de ficção, formação discursiva do autor, literatura contemporânea, teoria do discurso literário, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e ODS 5, além de um detalhado resumo da obra *Torto Arado* (2018) de Itamar Vieira Júnior.

A seção denominada Metodologia, trará o passo a passo dessa pesquisa qualitativa, baseada na análise do discurso proposta por Maingueneau (2006), onde serão analisados os conflitos vividos pelas personagens, assim como suas relações entre a sociedade e a natureza dentro do que é proposto pelo ODS 5.

E a seção nomeada Resultados e discussões, trará a análise do discurso literário em *Torto Arado*, os conflitos vividos pelas personagens femininas, a relação entre o ODS 5 e fatos da obra anteriormente citada e as dificuldades para atingir o ODS 5.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Textos de ficção

Para direcionar a leitura, será levada a cabo o conceito de ficção. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p.1336) define ficção como “1. Ato ou efeito de fingir, de simular uma intenção ou sentimento; falsidade. 2. Criação da imaginação, invenção fabulosa, opõe-se ao que é real; fantasia.”

Tais acepções procuram mostrar o que, de fato, a palavra ficção significa. Portanto, é preciso desacomodar o conceito comum de que ficção é fingimento, simulação, falsidade, invenção, irrealidade, fantasia, mentira ou inverdade. A palavra ficção foi apartada do vocabulário dos historiadores pelo compromisso que estes têm com a verdade, ainda que parcial e provisória, uma vez que para a ciência não existe verdade absoluta. Ficção é o verossímil, aquilo que se assemelha com a verdade, um evento possível ou provável por não contrariar a verdade. Seguindo o raciocínio de que a escrita ficcional não é falsa, pode-se afirmar que há espaço para ela na história. Um historiador ao buscar compreender, analisar um fato histórico, seleciona documentos, busca informações nas mais variadas fontes, elabora hipóteses, faz suas conclusões, porém, por

mais que seja criterioso e crítico na sua investigação, jamais conseguirá separar o verdadeiro do falso nos documentos, seguirá sempre a sua intuição, atribuindo um caráter duvidoso em relação à fidedignidade (Vieira, 2018).

Voltando ao conceito de ficção, tendo-a como fingimento, ela se torna autossuficiente, não tendo a obrigatoriedade de estar associada nem ao real nem ao falso, ficando no meio termo. Não é preciso ser real, mas sim coerente, cujo desfecho seja honesto consigo mesmo. Assim, fica claro que para um texto de história pode ser ficcional, basta apresentar uma hipótese coesa e coerente sobre o passado, cuja verdade revela-se na justificativa das hipóteses por meio dos fatos (Pereira, 2017).

Pode-se afirmar que a verdade não se opõe à ficção e ao optar por esta, não se tem a intenção de subterfugir a verdade. Em questões hierárquicas, em que a verdade possui uma positividade maior que a ficção é tão somente uma fantasia moral. Ainda que se atribua à verdade a realidade objetiva e à ficção a dubitável expressão do subjetivo, a verdade objetiva e os gêneros que ela pretende representar será o problema principal, já que a autobiografia, a biografia e todos os que entram na categoria de non-fiction deram as costas à ficção e deliberaram retratar a suposta verdade objetiva são os que carecem apresentar as provas de sua eficácia. Esta é uma tarefa árdua, sendo que o relato costumeiro e contingente exige que o autor não abandone o plano do verificável. É preciso deixar claro que ninguém escreve ficção por puerilidade ou leviandade, mas sim para salientar o caráter enredado da situação, cujo abandono do verificável implica a um empobrecimento. A ficção não é uma impugnação do falso. Ainda que ela incorpore o falso, tal ação serve para evidenciar o caráter duplo da ficção que mescla o empírico e o imaginário. Desta forma, a ficção mantém distância tanto dos que exaltam o verdadeiro quanto o falso (Saer, 2012).

Para valorar essa análise do conceito trazido pelo dicionário e nas diferentes interpretações dadas pelos autores supracitados, é oportuno ressaltar que não é porque uma obra é de ficção que ela não tenha nenhuma conexão com a realidade. Toda obra, seja ela de ficção ou não, carrega consigo o ponto de vista de uma determinada pessoa, no caso, o autor. Esse ponto de vista é o que enfatiza a criatividade e a originalidade da obra, assim como fez Itamar Vieira Júnior em *Torto Arado* (2018).

2.2 Literatura contemporânea

Definir literatura contemporânea não é uma tarefa fácil, pois toda definição traz consigo exclusões e falhas. Conceituar literatura contemporânea é dificultoso por não compreender o que é contemporâneo (Vieira; Rodrigues, 2021).

Diante da dificuldade acerca da definição de “literatura contemporânea” e na busca de entender o que é “contemporâneo” faz-se necessário recorrer ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p.817) que define contemporâneo como:

1. Na mesma época; do mesmo tempo; que habitou ou teve seu início na mesma época que outra coisa ou pessoa.
2. No tempo atual; que acontece ou tem seu início no presente, no tempo em que se está vivendo.
3. Que pode se referir ao período que, convencionalmente, teve seu início com a Revolução Francesa.
4. Algo ou alguém que fez parte de uma mesma época ou que faz parte do presente, do tempo atual.

As acepções trazidas pelo dicionário nos ajudam na formulação do conceito de literatura contemporânea, porém, é preciso compreender o seu permanente estado de construção.

Vieira e Rodrigues (2021) afirmam que o contemporâneo nunca está pleno e que ao dizer que algo ou alguma coisa é contemporâneo, ao terminar de afirmar já está ultrapassado, pelo simples fato de estar sempre em processo de plenificação e que literatura contemporânea é uma forma obscura de olhar as realidades.

Fernandes (2010) prefere utilizar os termos “pós-moderno”, “pós-modernidade” e “pós-modernismo”, pois carregam consigo uma força expressiva que fomentou o debate conceitual nas últimas três décadas do século XX.

Este termo “pós-moderno” foi utilizado por Joseph Arnold Toynbee (1889-1975) para denominar as duas últimas décadas do século XIX, período que, segundo ele, iniciava a destruição da Idade Moderna. Rapidamente este conceito passou a ser utilizado por historiadores e críticos literários. Nos anos 1960, o termo tornou-se fervoroso nos Estados Unidos, por mostrar a nova fase do modernismo. Na década de 1970, o “pós-modernismo” começa a ficar mais nítido e ganha novos críticos. Nos anos 1980, tem-se a dificuldade em usar “pós-modernidade” como oposição à “modernidade”, tendo de um lado os que confiam na razão iluminista e do outro os que acreditam no seu fim (Fernandes, 2010).

Cavalcanti (2017) aponta algumas lacunas metodológicas. A primeira delas é em relação à própria nomenclatura, restando a dúvida: até quando será denominada literatura contemporânea? A segunda é sobre os limites cronológicos, onde há divergências na

demarcação de fases e períodos, pois o período literário “Geração de 1945” ora integra o Modernismo, ora o “Pós-Modernismo”. A terceira aponta a falta de estilos, onde poesia, prosa e dramaturgia misturam-se na exposição cronológica e na organização temática ou regional. Para ele, o problema de estabelecer períodos na literatura contemporânea deve-se ao fato de o término das fases anteriores serem instáveis.

Agamben (2009) afirma que a contemporaneidade está em constante evolução, e a literatura contemporânea, além de trazer o passado e o presente para a narrativa, estabelece diálogos entre o autor e o leitor, o que dificulta a demarcação por tempo cronológico. Utilizar a literatura de ficção contemporânea para fazer análise de uma situação que se assemelha muito à realidade vivida por muitos é uma forma de compreender essa realidade que, embora saída de uma ficção, traz elementos de veracidade que permitem com que se possa fazer inferências. Agamben (2009, p.13) complementa dizendo que, desse modo, passa-se a questionar a própria literatura e sua eficiência estilística, assim como “seu impacto sobre determinada realidade social e sua relação de responsabilidade ou solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo”.

Apesar de haver um consenso de que a literatura hodierna é aquela produzida a partir do final da década de 1990, o contemporâneo consegue perceber a escuridão de sua época, que aqui é vista como a ausência de luz, isto é, de clareza. Perceber as trevas de seu tempo, observar as mazelas, pontos fracos e de certa maneira injustos da sociedade. Em outras palavras, é compreender e destacar os problemas do momento em que se dão. É contemporâneo não aquilo que é escrito atualmente, mas sim aquilo que entende o seu tempo, que é, de fato, atual.

A respeito do ponto trazido por Agamben, Batista salienta: “ser contemporâneo é ter a capacidade de se transportar ao tempo de emergência de um determinado texto ou autor, de um fato ou acontecimento, que não, necessariamente, esteja no mesmo espaço temporal do leitor” (Batista, 2017, p. 55), tal qual postula Nietzsche em *Considerações Intempestivas*, o contemporâneo não é aquele que de fato pertence ao seu tempo, mas sim aquele que, ao se distanciar dele, consegue compreendê-lo. (Agamben, 2009). Nesse sentido, contemporaneidade, pode ser compreendida como uma ligação que o sujeito manifesta com o seu tempo ou com outro tempo sobre o qual lance sua contemplação.

2.3 A literatura ficcional como papel educativo

A leitura, a cada dia que passa, ganha mais espaço dentro da sociedade, pois a todo momento nos deparamos com sinais gráficos, porém, não basta apenas decodificá-los, é preciso entender que o leitor tem um papel fundamental na leitura, sendo ele tão importante quanto o texto, onde a cada leitura realizada completa-se o significado proposto pelo autor e se faz uma nova construção de sentido. Assim como afirma Antônio Cândido (2004) “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade, visto que ela tem papel formador de personalidade”.

Nessa visão, Aguiar (2007) sustenta a ideia de que a arte literária é o espaço apropriado para a imaginação, o lúdico e a liberdade e que ao aceitar o pacto ficcional proposto pelo autor, o leitor inventa novos mundos, experimenta emoções jamais sentidas, e ao terminar a leitura, jamais voltará a ser a mesma pessoa de antes, porque terá consigo a experiência vivida por meio da leitura.

A consideração de Aguiar (2007) acerca da importância da leitura deixa evidente que o texto literário requer dos leitores envolvimento e reflexão em nível cada vez mais dinâmico e complexo. Por isso a leitura é vista como recriação, reescritura, interação criativa entre o leitor, a palavra e o mundo.

A literatura ficcional propriamente dita tem um papel fundamental na sociedade, atribuído à sua própria escrita, a capacidade de intervir na regulação social. A obra *A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores* (2013), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, um romance distópico que mostra um futuro que se segue ao Grande Desastre, e em que o Mundo deixou de ser como o conhecemos hoje, leva os leitores a refletirem sobre o futuro do planeta, repensando as suas atitudes e a sua relação com o meio ambiente. Obras como essa fazem com que os leitores reflitam e repensem sobre o assunto, buscando ressignificar suas vidas após a experiência vivida durante a realização da leitura.

Lopes (2010) afirma que a ficção se apresenta como um denso território de redefinições culturais identitárias, levando-nos a fazer uma relação entre a ficção e a realidade. É nessa relação que a ficção deixa de ser uma mera leitura para deleite e passa a ser reflexiva. Nesse momento, o leitor começa a se relacionar com o autor da obra, com texto lido, com outros leitores, com outros autores e até com ele mesmo.

Abre-se para um diálogo reflexivo, verificando se o texto ficcional em questão tem alguma relação com a realidade, se há possibilidade de aquilo que está contido nele

foi real um dia ou possa vir a ser. Independente de qual seja a situação, é indubitável que o leitor irá absorver tudo o que leu e tentará ressignificar muitas coisas em sua vida.

Não podemos negar, de forma alguma, que a ficção tem um papel educativo, seja ela na literatura ou na televisão. Com certeza, todos se identificaram com o pequeno Auggie no livro *Extraordinário* (2013) de Raquel Jaramillo Palacio, por terem vivido ou vivenciado algo parecido, por ser “diferente” das outras pessoas, seja por sua aparência física, gostos, por querer ser aceito por aquilo que é, ou simplesmente pelo fato de se colocar no lugar dele e ter empatia por tudo o que ele viveu.

As novelas brasileiras, em sua grande maioria, conseguem trazer para a ficção assuntos importantíssimos que precisam ser apresentados, discutidos e repensados pela sociedade, como *Barriga de Aluguel* (1990) que abordou o comércio de embriões uma prática ilegal no Brasil e que pode ser enquadrada na Lei de Transplantes e na Lei de Biossegurança, e *O Clone* (2001) que trouxe para as telinhas o tema clonagem humana, outra prática proibida no Brasil como prevê a Lei de Biossegurança. Cabe ressaltar que nas novelas, diferentemente dos livros, os expectadores interagem com os autores e muitas vezes acabam tendo o poder definir o destino das personagens e tal decisão é acatada pelos autores e por toda a equipe de produção para agradar ao público e manter os índices de audiência.

A televisão é ainda um grande meio para a obtenção de informações. É por meio dela, principalmente, que as pessoas entram em contato com os outros mundos, outros povos e culturas e isso reflete nas mudanças da sociedade, como ocorreu com a novela *Laços de Família* (2000) que mostrou o sofrimento vivido por Camila, seus familiares e amigos, na luta contra a leucemia e na corrida desenfreada pela busca de um doador de medula óssea. Todos que assistiram a essa novela partilharam do sofrimento dessa jovem e grande parte decidiu entrar na campanha de doação de medula óssea. O número de doadores aumentou não só enquanto a novela esteve no ar como permanece até hoje mais alto do que era antes.

Diante do exposto, destaca-se que a literatura ficcional não tem apenas o papel de entreter, mas de informar o leitor, ainda que seja uma ferramenta lúdica, trazer conhecimento histórico, social, político e cultural.

2.4 Formação discursiva do autor

Para falar de Formação Discursiva (FD) é preciso, antes, saber os conceitos de formações ideológicas, condições de produção de interdiscursividade, entre outros. Um dos princípios da Análise do Discurso (AD) é que o sujeito ao se comunicar atribui sentidos variados às palavras dependendo da sua posição ideológica que emanam de uma formação discursiva, constituindo a materialidade das formações ideológicas. À vista disso, a formação ideológica é que determina a linguagem produzida pelo sujeito a partir da situação sócio-histórica e do posicionamento socioideológico em que ele se encontra particularizando que sentido pode ser veiculado (Francelino, 2005).

Francelino (2005) ressalta que as Formações Discursivas (FDs) interagem entre si e que sendo heterogêneas não podem ser delimitadas com exatidão, permitindo aproximações e distanciamentos. Já Orlandi (2000) afirma que não se pode imaginar FD'S como algo homogêneo, mas algo constituído pela contradição existente nelas mesmas, em que as relações são configuradas e reconfiguradas incessantemente.

O interdiscurso é que determinará o que pode ser dito em cada uma das FDs, de acordo com o grupo social em que se encontra, permitindo que sejam atribuídos sentidos variados às palavras, conforme o apontamento na FD. A interdiscursividade é assinalada quando o sujeito interpreta o discurso do Outro a partir de sua formação discursiva (Francelino, 2005). Segundo Pêcheux (1998), o sujeito determina e aceita sua realidade conforme a FD em que se encontra e por conta disso não acata ao Outro.

Mediante o exposto, Francelino (2005) conclui que não tem como o sujeito negar que ocupa posições enunciativas diversificadas e que traz consigo a voz do Outro, ainda que de forma artificial, suprimida, inconsciente para firmar seu alicerce discursivo, ideológico, única e exclusivamente para se fazer aparecer e neutralizar o Outro, fazendo funcionar o mundo da discursividade.

2.5 Teoria do discurso literário

A sustentação da ideia de que o discurso literário é construído a partir de elementos intrínsecos ao texto literário teve início no século XX quando os formalistas russos abandonaram as explicações de base extraliterária e passaram a se preocupar com a materialidade do texto. Para eles, o discurso literário era visto como um procedimento de linguagem que sucumbia com os hábitos de leitura, exigindo do leitor um olhar mais atento, cauteloso, gerando novas experiências ao sair do automatismo da percepção

(Palma, 2007).

Sabe-se que demarcar a origem da análise do discurso é algo enredado e que pode gerar informações errôneas, devido às razões complexas e multifatoriais que geraram mudanças de paradigmas na França, em meados de 1960. Tais mudanças ocorreram também no campo teórico, onde a análise do discurso francesa surge para abordar a política (Soares, 2020).

Presentemente pode-se conceituar discurso sendo o “efeito de sentido entre locutores” (Orlandi, 2012, p.21), assim como uma “prática, resultante de um conjunto de determinações reguladas em um momento dado por um feixe complexo de relações com outras práticas, discursivas e não-discursivas” (Maldidier; Normand; Robin, 1994, p.82).

Soares (2020) sublinha que a análise do discurso francesa, embora tenha sido reconfigurada, teve vários domínios discursivos incorporados, tanto que se pode falar em análise do discurso midiático, publicitário, pedagógico, jurídico, religioso, publicitário, de ódio, entre outros.

Maingueneau (2006) evidencia a problematização da noção de discurso literário, distinguindo-o de discursividade literária, em que o primeiro abrigaria a literatura moderna, produzida no interior de uma instituição, e a segunda, a dispersão de discursos literários produzidos em outros tempos.

Ao considerar a literatura como discurso, Maingueneau (2006) aceita os textos literários como eventos enunciativos. Ele ainda indica a existência de três instâncias de funcionamento da autoria, a pessoa, o escritor e o inscritor. A pessoa refere-se ao indivíduo, à pessoa física; o escritor, ao ator que define uma trajetória na instituição literária; o inscritor, é tanto enunciador de um texto específico como ministro da instituição literária. O autor sustenta que a literatura mescla dois regimes de enunciação literária: o delocutivo, em que o autor se oculta diante dos mundos que instaura, e o elocutivo, em que o inscritor, o escritor e a pessoa esbarraram-se, uns nos outros.

Candido (1993) considera que o discurso literário nada mais é do que um “sistema específico de sentido, que pode ser convergente, paralelo ou divergente em relação ao sistema do mundo” (p.31-32).

O texto não-literário tem como marca a linguagem referencial e, por isso, também é chamado de texto utilitário. Tal característica pode ser percebida no texto a seguir.

2.6 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

No ano de 2000, a Organização das Nações Unidas (ONU), em uma ação que envolveu 191 nações, estabeleceu as metas do milênio que ficaram conhecidas como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Os oito objetivos internacionais de desenvolvimento estabelecidos para o período de 2000 a 2015 foram: acabar com a fome e a miséria; oferecer educação básica de qualidade para todos; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde das gestantes; combater a Aids, a malária e outras doenças; garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente e estabelecer parcerias para o desenvolvimento. Os oito objetivos internacionais de desenvolvimento, devido à sua simplicidade e objetividade foram bem aceitos e tiveram total apoio, mas não há como negar que tal ação não obteve êxito total e que inúmeras críticas foram realizadas, tais como, falta de consulta adequada à sociedade de países em desenvolvimento para a seleção dos objetivos, imposição da cultura ocidental como um modelo universal, pouco envolvimento da comunidade local, ajuda externa para alcançar as metas, entre outras.

Conseguidas melhorias na redução da pobreza global, no acesso à educação e à água potável, novas metas foram traçadas para os próximos 15 anos. Foi durante a realização da Conferência das Nações Unidas (Rio+20), realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2012, que ficou definida a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas, conhecida como “Agenda 2030”, surgindo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), cujo prazo estabelecido para o cumprimento das ações será o ano de 2030. Tal agenda é composta por 17 objetivos interconectados, desdobrados em 169 metas, que pretendem aumentar o desenvolvimento mundial e melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. São eles: ODS 1) acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; ODS 2) acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 3) assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades; ODS 4) assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos; ODS 5) alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; ODS 6) assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos; ODS 7) assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos; ODS 8) promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e

sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos; ODS 9) construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; ODS 10) reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; ODS 11) tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; ODS 12) assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; ODS 13) tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos; ODS 14) conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; ODS 15) proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade; ODS 16) promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; ODS 17) fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Os ODS, para garantirem o pleno desenvolvimento sustentável, apontam ações nas esferas econômica, social e ambiental e as metas, os caminhos a serem percorridos e as medidas a serem tomadas. Anualmente ocorre o Encontro do Alto Fórum Político dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (HLPF), em que são apresentados relatórios de todos os países sobre as ações realizadas. O HLPF é a plataforma que acompanha e verifica se a Agenda 2030 está sendo cumprida, estimulando e incentivando-os dentro de suas realidades e prioridades (IPEA, 2018).

Esta pesquisa circunscreveu a sua análise na problemática apresentada no ODS 5, sobre a igualdade de gênero, assim torna-se importante apresentar tal objetivo e suas metas.

2.7 ODS 5

O quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Este objetivo se desdobra em outras onze metas nacionais, sendo nove delas globais, que foram adequadas para atender aos diferentes grupos que compõem a diversidade brasileira. Essas metas são monitoradas por indicadores globais e nacionais e o seu acompanhamento é de extrema relevância para o Brasil por ser um dos países mais desiguais do mundo (IPEA, 2018).

São elas:

- Meta 5.1 (ONU) – Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as

mulheres e meninas em toda parte.

- Meta 5.1 (Brasil) – Eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

Para o monitoramento desta meta, estabeleceu-se analisar somente o indicador global, verificando se há a existência de dispositivos legais que promovam a igualdade e a não discriminação com base no sexo. Pode-se afirmar que o Brasil está avançado no que concerne o arcabouço legal, porém, não se é possível mensurar o grau de efetividade. As discriminações direta e indireta estão previstas na lei que proíbe a discriminação contra as mulheres, porém, nem a Constituição e nem as demais leis brasileiras contemplam tal diferenciação, deixando de tipificar a discriminação indireta. A legislação sobre estupro não criminaliza explicitamente o estupro de cônjuge. A licença remunerada paterna ou parental para pais ou parceiros está provida em lei, mas não é o suficiente (cinco dias) para alterar os efeitos discriminatórios no mercado de trabalho. As creches e a educação infantil são providas ou subsidiadas pelo poder público, mas não tem um amplo alcance. A idade mínima de matrimônio legal é de 18 anos, sem qualquer exceção, para jovens do sexo feminino e masculino. Enfim, é preciso não só criar dispositivos legais, mas aplicá-los para que se cumpra esta meta (IPEA, 2018).

- Meta 5.2 (ONU) – Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos.
- Meta 5.2 (Brasil) – Eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, o tráfico de pessoas e os homicídios, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

A violência contra a mulher está presente na nossa sociedade nas mais variadas formas, podendo ser física, sexual ou psicológica. Os indicadores previstos pela ONU visam o monitoramento da violência, mas há muita dificuldade em relação a esses indicadores. No Brasil, não se realiza pesquisa de vitimização regular, nacional e oficial, restando apenas os dados obtidos nos registros administrativos existentes, ressaltando que

não há um sistema nacional único que reúna todas as informações registradas no país e a existência de divergências quanto à tipologia adotada em cada uma. A violência psicológica, por exemplo, mesmo estando prevista na Lei Maria da Penha, não está tipificada no Código Penal, e acaba sendo enquadrada como ameaça, injúria, difamação, entre outros. Os homicídios, para serem computados, recorre-se aos registros feitos pelo Ministério da Saúde. No caso da violência sexual, há o Sistema de Agravos de Notificação (Sinan), também no Ministério da Saúde. O feminicídio, tipificação recente, ainda está em processo de incorporação pelos sistemas estaduais de segurança pública. Por fim, a violência atinge as mulheres de modo desigual e o que dificulta o monitoramento do enfrentamento da violência contra mulheres e meninas no Brasil, é, precisamente, a limitação dos dados existentes (IPEA, 2018).

- Meta 5.3 (ONU) – Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas.
- Meta 5.3 (Brasil) – Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, forçados e de crianças e jovens, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

A lei brasileira determina a idade legal para a união matrimonial de 18 anos, com possibilidade de anulação de casamento infantil. Porém, permite que jovens a partir dos 16 anos de idade se casem, desde que haja o consentimento parental, mas não prevê punição para quem permite casamento em contravenção à lei. A ONU afirma o Brasil tem o maior número de casamentos infantis da América Latina e o 4º mais alto do mundo (IPEA, 2018).

- Meta 5.4 (ONU) – Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais.
- Meta 5.4 (Brasil) – Eliminar a desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado e não remunerado, inclusive no trabalho doméstico e de cuidados, promovendo maior autonomia de todas as mulheres, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do

campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas, por meio de políticas públicas e da promoção da responsabilidade compartilhada dentro das famílias.

A divisão sexual de trabalho no Brasil ainda é desigual. Às mulheres cabem o trabalho doméstico e os cuidados não remunerados, e aos homens o trabalho remunerado. Ficando evidente a separação de atividades e a hierarquização. Para que se consiga cumprir essa meta, faz-se necessário políticas públicas que aliviem a carga de trabalho não remunerado sobre as mulheres (creches, serviços de saúde, acolhimento de idosos e doentes crônicos, infraestrutura de água encanada ou luz elétrica), que remunerem este trabalho ou o tornem mais produtivo (licença maternidade/paternidade/parental e os demais benefícios) e que incentivem maior autonomia das mulheres (IPEA, 2018).

- Meta 5.5 (ONU) – Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política.
- Meta 5.5 (Brasil) – Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na esfera pública, em suas dimensões política e econômica, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

Apesar de saber da importância da participação feminina em posições de liderança e de tomada de decisão para a construção de uma democracia plena e equitativa, a participação feminina na esfera pública brasileira ainda é baixa (IPEA, 2018).

- Meta 5.6 (ONU) – Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão.
- Meta 5.6 (Brasil) – Promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, em consonância com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão, considerando as intersecções de gênero com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura,

religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

Os direitos sexuais e reprodutivos integram os direitos humanos universais e são pré-requisitos para a efetivação da dignidade, liberdade e igualdade entre nós, independentemente de sexo, gênero ou nacionalidade. Quanto ao acesso e uso de métodos contraceptivos, há uma desigualdade que revelam a existência de barreiras de acesso das mulheres negras a seus direitos sexuais e reprodutivos. Em relação as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) os indicadores também apontam menor efetividade de direitos sexuais e reprodutivos conferidos à população negra do país. Na cobertura vacinal contra o HPV, os dados apontam uma baixa aplicação e apontam desafios para aproximar a população desse tipo de prevenção. Na realização periódica dos exames preventivos de câncer, o Papanicolau, novamente temos uma desigualdade entre as mulheres brancas e negras. Nas consultas de pré-natal, ainda são observadas desigualdades de acesso entre mulheres indígenas e negras. Quanto à assistência ao parto por profissionais de saúde, a maioria dos nascimentos no Brasil ocorre em serviços de saúde, mas os partos domiciliares ainda acontecem e são mais frequentes entre negras e indígenas. Para concluir, Brasil tem um excessivo número de partos cesáreos realizados e a maioria é em mulheres brancas. O maior desafio é garantir a humanização do atendimento, seja nos partos cesáreos ou nos vaginais.

- Meta 5.a (ONU) – Empreender reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso à propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.
- Meta 5.a (Brasil) – Garantir igualdade de direitos, de acesso e de controle dos recursos econômicos, da terra e de outras formas de propriedade, de serviços financeiros, de herança e de recursos naturais de forma sustentável, por meio de políticas de crédito, capacitação, assistência técnica, reforma agrária e habitação, entre outras, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

No Brasil, apesar da existência de leis que garantem a igualdade no que se refere à posse e ao uso de bens e direitos, há uma dificuldade em garantir que tais direitos sejam respeitados. O acesso e controle de recursos e propriedades ainda é difícil para as mulheres, especialmente no meio rural. É preciso instituir e monitorar mecanismos que garantam acesso ao crédito, à assistência técnica e à capacitação para as mulheres. O

Estado precisa atuar por meio de políticas públicas para tentar corrigir situações em que a realidade de fato conflita com a normativa de direito (IPEA, 2018).

- Meta 5.b (ONU) – Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres.
- Meta 5.b.1 (Brasil) – Garantir a igualdade de gênero no acesso, habilidades de uso e produção das tecnologias de informação e comunicação, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

No Brasil, o debate e a política pública relativos ao direito ao acesso igualitário à comunicação têm avançado no sentido de ter como meta garantir a igualdade de acesso, habilidades de uso e produção de tecnologias. A internet se tornou um instrumento comum na vida dos brasileiros, e o uso de dispositivos móveis é, hoje, bastante significativo, porém, no campo da informática, há muito menos mulheres que homens, o que traz implicações para a meta da construção de igualdade de gênero no que se refere à produção de conteúdos de mídia e comunicação, além de impor dificuldades para as mulheres que adentram o mercado de trabalho nessa área (IPEA, 2018).

- Meta 5.b.2 (Brasil) – Garantir a igualdade de gênero no acesso e produção do conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento e promover a perspectiva de gênero na produção do conhecimento, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

No Brasil, as mulheres têm mais anos de estudo que homens. Muitos são os fatores que contribuem para essa desigualdade, como a entrada precoce de jovens homens no mercado de trabalho, por exemplo. No ensino superior, essa diferença torna-se mais significativa. Em relação aos espaços de produção de conhecimento científico, tem-se um fenômeno interessante, há um equilíbrio, com exatos 50% para cada sexo. Porém, a baixa presença de mulheres nos cargos mais elevados da gestão de políticas públicas ligadas ao conhecimento científico mostra que o Brasil precisa avançar, adotando políticas públicas específicas para que se ponha fim nessa concentração nas mãos dos homens (IPEA, 2018).

- Meta 5.b.3 (Brasil) – Garantir a igualdade de gênero no acesso e produção da

informação, conteúdos de comunicação e mídias, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

No Brasil, não há nada que impeça à entrada de mulheres em cursos da área de comunicação social, muito pelo contrário, elas são a maioria. Porém, isso não significa que no mercado de trabalho haja igualdade de oportunidades. A grande maioria ocupa posições mais subalternas que a dos homens, exercem atividades de menor prestígio e raramente chegam a posições de liderança nesse mercado (IPEA, 2018).

- Meta 5.c (ONU) – Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, em todos os níveis.
- Meta 5.c (Brasil) – Adotar e fortalecer políticas públicas e legislação que visem à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento de todas as mulheres e meninas, bem como promover mecanismos para sua efetivação – em todos os níveis federativos – nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

No Brasil, desde o início dos anos 2000, o Estado vem tentando promover a igualdade de gênero. Em 2001, foi instituída a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher (Sedim). Em 2003, o governo federal criou a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM). Entre 2003 e 2015 foi possível desenvolver ações e debater sobre a importância das questões de gênero na agenda de políticas públicas. De 2016 em diante houve uma involução das políticas para as mulheres e/ou uma paralisia daquilo que vinha sendo feito (IPEA, 2018)

Mediante o exposto, “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, apesar do Brasil possuir alguns indicadores bastante positivos, não será uma tarefa fácil, sendo necessário dialogar, analisar, constantemente, esse ODS e as suas metas, para que se promova a igualdade de gênero no país.

Diante desse ODS 5 foi analisado o livro “Torto Arado”, que é descrito detalhadamente a seguir.

2.8 Torto Arado

Itamar Vieira Júnior, nascido em Salvador, no ano de 1979, além de escritor, é analista agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e geógrafo, mestre em Geografia e doutor em Estudos Étnicos e Africanos, ambos pela Universidade Federal da Bahia. Ele teve sua estreia na literatura em 2012 com o livro *Dias*, vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura (Bahia). Em 2017, lançou *A oração do carrasco* sendo finalista do Prêmio Jabuti na categoria conto, obtendo a segunda colocação no Prêmio Bunkyo de Literatura e levando também o Prêmio Humberto de Campos da união Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro), os três em 2018.

Em 2018, Itamar resolveu inscrever *Torto Arado* no prêmio LeYa de Portugal, venceu e teve sua obra publicada primeiramente em terras lusitanas. Em 2019, a editora *Todavia* adquiriu os direitos autorais e o publicou no Brasil, porém, o sucesso veio apenas em 2020 quando venceu o Jabuti e o Oceanos, dois dos mais importantes prêmios literários brasileiros.

Torto Arado (2018) conta a história de Zeca Chapéu Grande, Salustiana Nicolau e seus quatro filhos: Bibiana, Belonísia, Zezé e Domingas. O cenário escolhido foi a imaginária Fazenda Água Negra que muito bem representa o sertão nordestino brasileiro e nos traz importantíssimas questões que ainda hoje precisam ser debatidas, como a desigualdade e a violência entre o campo e a cidade, a insistente permanência do trabalho escravo e semiescravo, a resistência das religiões de origens africana e indígena e a desigualdade de gênero.

A história começa mostrando a tragédia vivida por Bibiana e Belonísia em que uma delas, acidentalmente, tem sua língua mutilada e a outra passa a ser a sua voz.

Bibiana, de sete anos de idade, e Belonísia, de seis anos, estavam no terreiro da antiga casa brincando de bonecas feitas de sabugo de milho. Ao perceberem que sua vó Donana havia se afastado da casa, foram até o quarto dela para ver o que ela escondia dentro da mala de couro. Belonísia se enfiou debaixo da cama e puxou a mala. Bibiana abriu, tirou algumas peças de roupas antigas e no meio delas havia um tecido sujo envolto no objeto que lhes chamou a atenção. Bibiana desatou o nó, levantou a faca, que não era grande nem pequena, e começou a olhar atentamente. Belonísia tentou tirar a faca da mão dela, mas Bibiana não deixou. Bibiana colocou a faca na boca, mas a faca foi retirada de forma violenta. Belonísia pegou a faca e colocou na boca também. As duas acabaram se

ferindo com a faca. Elas ouviram os passos de Donana e antes que a matriarca entrasse no quarto, Bibiana embrulhou a faca no tecido, mas não conseguiu empurrar de volta a mala debaixo da cama. Quando entrou no quarto, deu um tapa na cabeça das duas e perguntou o que estavam fazendo ali, porque a mala estava fora de lugar e que sangue era aquele. Chegou até ameaçar a arrancar a língua das duas, mas mal sabia ela que a língua de uma delas já estava em mãos.

Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau retornaram da roça e encontraram Donana desorientada, gritando que a neta tinha perdido a língua. As duas se abraçavam, choravam e tentavam pedir desculpas, mas era difícil saber quem havia perdido a língua, quem devia ser socorrida e levada ao hospital, longe de Água Negra. O gerente da fazenda chegou numa Ford Rural branca e verde e as conduziu para o hospital. O pai delas segurava a língua envolta na camisa. Quando o médico as levou para a sala, o pai lhe mostrou a língua murcha como uma flor, mas logo em seguida foi informado que seria impossível reimplantar e que a filha teria problema na fala e na deglutição. As feridas das duas foram saturadas, e elas permaneceram hospitalizadas por dois dias. Voltaram para casa carregadas de antibióticos e analgésicos. A mãe deixou o trabalho na roça por algumas semanas para poder cuidar das meninas. Elas nunca haviam saído da fazenda. Nunca haviam andado numa Ford Rural ou em qualquer outro automóvel. Duas semanas depois elas retornaram ao hospital para a retirada dos pontos.

Nos primeiros meses, após perder a língua, elas foram tomadas de um sentimento de união. No início se instalou uma grande tristeza na casa delas. Os vizinhos e compadres vinham visitar as irmãs. Dona Salustiana se revezava com as vizinhas que olhavam os filhos menores. Zeca Chapéu Grande seguia para a roça ao nascer do dia. Quando elas retornaram às brincadeiras, uma foi a voz da outra. Foi assim que Bibiana se tornou parte de Belonísia, da mesma forma que Belonísia se tornou parte de Bibiana, como se fossem siamesas, dividindo o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisavam ser.

Anos depois do acidente que emudeceu uma de suas filhas, Zeca Chapéu Grande, incentivado por Sutério, o gerente da fazenda, convidou o irmão de Salustiana para residir em Água Negra, com a promessa de que ele poderia construir casa de barro, colocar roça pequena, mas nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Para convencê-lo, Zeca Chapéu Grande disse que o arrozal era bom de trabalhar. Tio Servó viajou no lombo de um burro, a mulher, Hermelina, em outro, e os filhos caminhando. Era a primeira vez que as meninas

viam o tio, a tia e os primos. Com a chegada do tio, ganharam um tocador de pífaro para alegrar as festas de santos, porque as festas dos encantados eram dominadas pelos atabaques.

Os anos se passaram, Bibiana e Belonísia começaram a cobrir os seios com um tecido para que os mamilos não despontassem por meio do pano de seus vestidos. Os homens da fazenda cresciam os olhos para elas, mas nada mais do que isso, afinal, eram as filhas do curador Zeca Chapéu Grande, um homem respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério. Por isso, diferente de outras jovens, eram quase intocáveis ao assédio, tão comum dos homens sobre as meninas que chegavam à mocidade. Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias.

Nesse tempo, Salustiana tinha assumido em definitivo o ofício de parteira, que até então era de Zeca Chapéu Grande, que sentia vergonha das mulheres de seus compadres e filhos de santo. Inicialmente, Donana era a parteira e Salustiana era sua ajudante. Quando Donana já não podia mais fazer os partos, Zeca Chapéu Grande assumiu o posto e Salustiana continuou como ajudante. Mas ali, diante das mulheres prontas para parir, não era Zeca Chapéu Grande quem estava, era um encantado, o Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Segundo ele, foi o Velho Nagô que designou Salustiana Nicolau como parteira.

Zeca Chapéu Grande, pai espiritual e líder da fazenda, havia atendido o filho do prefeito e não aceitou pagamento, mas pediu que trouxesse um professor da prefeitura para que desse aula às crianças da fazenda. Ernesto consentiu o pedido, pois temia que o encantamento que curou o filho desfizesse. Assim, três dias na semana, um carro da prefeitura trazia uma professora para dar aula na casa de dona Firmina por três horas. Firmina morava sozinha e dispunha de um pequeno galpão com tábuas, que, apoiadas em duas latas cheias de barro, se tornavam um banco para sete ou oito crianças. Para reforçar o que as crianças aprendiam com a professora Marlene, tinha o apoio de Salustiana, que dizia não poder ensinar matemática porque não sabia. O prefeito até sugeriu que dona Salustiana Nicolau, por ser alfabetizada, fosse a professora. Mas, consciente de sua limitação, recusou. Zeca Chapéu Grande não era alfabetizado, assinava com os dedos de cortes e calos de colher frutos e espinhos na mata. Escondias as mãos com a tinta escura quando precisava deixar suas digitais em um documento.

Em poucos meses iniciaram a construção da escola. Não se sabe como, nem quais

interesses particulares envolveram a negociação entre o prefeito e a família Peixoto, mas a obra foi autorizada, e os próprios moradores passaram a construir o pequeno edifício de três salas em regime de mutirão, aos domingos, dia em que poderiam cuidar da roça. O local destinado à construção era o cruzamento dos caminhos para os rios Santo Antônio e Utinga. Foi uma obra provincial, porque naquele mesmo ano se iniciou um período longo de estiagem, de modo que o pouco dinheiro destinado aos que construíram a escola, mesmo com meses de atraso e o pequeno montante de recursos destinado ao pagamento da mão de obra, garantiu a sobrevivência de muitas famílias.

Eles continuavam a colher buriti e dendê para levar à feira da cidade às segundas-feiras. Salustiana, as comadres, Bibiana, Belonísia e Domingas catavam os frutos nas várzeas dos marimbus. Zeca Chapéu Grande, Zezé e os outros moradores colhiam os cachos de Dendê nos pés para prepararem o azeite. Bibiana passou a ir à feira acompanhada por Severo que começou a falar para ela que a escola dali não seria suficiente para completarem os estudos, que tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da Fazenda Água Negra e desejava trabalhar nas próprias terras. Bibiana nunca tinha conhecido ninguém que dissesse ser possível uma vida além da fazenda. Achava que ali havia nascido e ali morreria, como acontecia à maioria das pessoas. Enquanto isso, Belonisia se aproximava mais de seu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com seu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas. Mas isso não a abatia. Era como se estivesse sempre esperando a oportunidade para demonstrar sua força, seus conhecimentos e sua destreza.

Bibiana e Severo ficavam cada vez mais juntos, rindo ou divergindo, ou apenas em silêncio. Até que as mãos passaram a se tocar para impedir um gesto, ou apenas por pilhéria. Sua mão já não tocava apenas a mão de Bibiana, tocava seu ombro. Ela se permitia empurrar levemente seu peito. E quando estavam cansados, apenas deitavam em qualquer lugar da margem do rio para sentir o vento. Um dia Bibiana deixou que a boca de Severo tocasse a dela. Sua mãe começou a reclamar, queria saber por onde ela andava. Ela ainda não podia dizer a verdade, dizia apenas que estava com algumas das meninas que moravam mais distantes. Tudo foi crescendo de forma tão pujante que era como se seu corpo se guiasse sozinho, e Severo agia da mesma forma na trama em que estavam enredados. Bibiana foi tomada por uma intensa ansiedade quando começou a sentir tonturas e enjoos diários. Tinha dezesseis anos e já havia visto muitas mulheres da fazenda pegarem barriga. Não teria coragem de olhar para seus pais e explicar o que estava

acontecendo. Quando comunicou a Severo de suas suspeitas, que suas regras não haviam descido, sentiu seu rosto se iluminar, ficou eufórico. O tempo foi passando e a barriga começou a despontar. Quando viu o tempo passar, quis Severo falar com os pais de Bibiana. Disse que não poderiam mais adiar a confissão, que quanto mais o tempo passava, pior para todos.

Bibiana começou a dobrar umas peças de roupa e guardou na mala que pertenceu à Donana, mas quando Belonísia chegou, não teve coragem de comunicar nada sobre o que estava fazendo. Bibiana chorou, pois tinha certeza de que estava contribuindo para o sofrimento da irmã. Depois de tanto pensar, puxou a mala de debaixo da cama e retirou tudo o que havia guardado. Não iria seguir viagem com Severo, para um destino incerto, de fazenda em fazenda até chegar à cidade. Passou a noite em claro e repensou em tudo o que havia conversado com Severo sobre a situação de suas famílias na roça. Que a vida toda estariam submissos, sujeitos às humilhações, como a pilhagem do alimento. Que ela tinha papel nisso tudo e que seus pais precisavam dela para mudar de vida. Que poderiam, sim, comprar sua própria terra e vir buscá-los. Que só assim conseguiriam ter uma vida digna. Deu um jeito de encontrar Severo, mesmo sem ter combinado. Quando se viram, precisou apenas olhar para que ele soubesse que ela havia decidido pela partida. Então planejaram o dia exato, a hora, até onde seguiriam andando e de onde teriam carona para deixar a Chapada Velha. Na madrugada da partida, a mala antiga de Donana estava arrumada, com a poeira espanada, para que ela pudesse levar o pouco que tinha para a nova vida que despontava. Levantou enquanto todos dormiam, pediu a Deus pela saúde e pela vida de todos durante o tempo que passaria fora. Pediu que os encantados a ajudassem a não ser considerada uma desonra e que, quando retornasse com dinheiro, já estabelecida, para buscar a família, todos entendessem que aquela viagem havia sido por boa causa. Pediu a Deus, especialmente por Belonísia, que há pouco mais de dez anos compartilhou o acidente que mudou de certa forma a vida das duas. Quando deixou a casa pela porta do quintal, no sereno da noite, não pode evitar de olhar para trás por algumas vezes, enquanto seguia pela estrada com Severo. Enumerava as coisas que levava consigo e tudo o que deixava para trás. Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais a machucava, era a sua língua. A língua que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio.

Quando Belonísia despertou, percebeu que o lugar onde Bibiana dormia estava vazio. Salustiana ficou devastada com a atitude de Bibiana, de sair na calada da noite, longe dos candeeiros da casa. Zeca Chapéu Grande foi para o quarto dos santos tentar se comunicar com os encantados para ter notícias de Bibiana e Severo, de quem gostava muito e tratava como um filho, porque nele havia uma energia de líder que não via em mais ninguém. Zeca Chapéu Grande tentava confortar Salustiana, que se precipitava em tristeza e choro. Da mesma forma ele fazia com Severo e tia Hermelina. Também proibiu que se falasse do ocorrido em casa e entre os vizinhos.

Semanas depois chegaram as primeiras nuvens de chuva. Era o sinal de que o tempo de estiagem estava findando. Antes do Dia de São José, o prefeito inaugurou a escola, que teve a construção concluída no verão. O prédio recebeu o nome de Antônio Peixoto. Demorou mais um tempo para que enviassem uma nova professora, substituindo a que dava aula três vezes por semana na apertada sala de dona Firmina. No caminho para a escola, Belonísia pensava em Bibiana e Severo. Na escola, sem Bibiana ao lado de Belonísia para lhe ajudar, a vida se tornou um tormento. Desde o início, dona Salustiana avisou à dona Lourdes, a nova professora, da sua mudez. Ela foi cuidadosa no começo e bastante generosa para ensinar as tarefas. Diferente de Bibiana que falava em ser professora, Belonísia gostava mesmo da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Seu desinteresse pela escola só crescia. Tinha sensação de que perdia tempo naquela sala quente, ouvindo aquela senhora de mãos frias e sem calos, com um perfume forte que parecia incensar a escola nos dias de calor. As horas modorrentas pareciam custar a passar para que pudesse tomar seu rumo para casa. Belonísia abandonou a escola, mesmo percebendo seu pai amuado com o seu desinteresse pela escola, fazendo valer seu querer. Sua mãe, depois de muito aborrecimento, já se mostrava conformada, afinal, Belonísia já sabia ler e escrever o necessário, e fazia rol de feira melhor do que ela. Belonísia sabia que seu futuro não poderia ser melhor. O melhor seria continuar pela roça, quintal e cozinha, por marimbus, estrada e feira, para que na ausência deles pudesse se virar sozinha. Com Zeca Chapéu Grande se embrenhava pela mata nos caminhos de ida e volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Seu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Quando encontrava um problema na roça, ele se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde recuar. Como um médico à procura do coração.

Meses depois que a escola abriu, chegou uma pequena leva de trabalhadores à

fazenda. Dentre eles, um homem alto e magro, talvez com idade para ser o pai de Belonísia, que se tornou vaqueiro da fazenda. Apresentou-se como Tobias e passou a frequentar as festas de jarê na casa de Belonísia. Com o passar do tempo, Tobias já devia saber da deficiência de Belonísia e a importunava com perguntas. Retirava um raminho de sempre-viva do chapéu e ajeitava no cabelo de Belonísia. Ela sentia vergonha e incômodo, pois não estava acostumada a ter que responder às cortesias de estranhos. Tobias ganhou confiança de Sutério e passou a guiar a boiada pela estrada, porque havia parado de chover e os pastos continuavam mirrados. Ele também começou a substituir o gerente nos assuntos que precisavam ser resolvidos na cidade. Ao retornar de uma dessas andanças, veio pela estrada afoito, como se guardasse uma boa notícia. Apeou o cavalo, chamou Zeca Chapéu Grande, que havia acabado de chegar da roça, e lhe entregou um envelope. Ele, não sabendo ler, passou o envelope à Salustiana. Como estava envelhecendo e, no cair da tarde, à luz do candeeiro, não enxergava mais direito. Passou o envelope para Domingas, que leu com os olhos que faiscavam refletindo a luz fraca. Era Bibiana. Estavam todos bem, trabalhavam em uma fazenda na região de Itabera. Bibiana se aproximava de ganhar criança. Gostaria que Salustiana fizesse o parto, tentaria voltar para o nascimento, mas se não desse, viriam no final do ano. Severo estava trabalhando no corte de cana, tinha feito amizade com gente do sindicato. No início do ano Bibiana iria fazer um supletivo voltado para trabalhador rural e logo poderia fazer o magistério para ser professora. Tobias trocou duas frases com Zeca Chapéu Grande, pediu licença, fez uma reverência se despedindo de Belonísia e montou o cavalo. Ao vê-lo seguindo pela estrada, Belonísia sentiu vontade de que ele desse meia-volta, voltasse ao seu encontro e pedisse ao seu pai para que a levasse para o seu rancho. Queria que ele cuidasse dela, que ela cuidaria dele. Sentia vontade de que Tobias não demorasse a fazer dela sua mulher. Quanto mais criança Belonísia via nascer, mais sentia vontade de parir também.

Os dias passaram como vento, nem Bibiana e nem Severo vieram no fim do ano, como prometido. Nem um bilhete chegou para dizer se a criança havia nascido, se era menino ou menina, se se chamava Severo ou José, ou Salustiana ou Hermelina, ou se se chamava Maria ou Flora, como chamavam as bonecas de sabugo de milho na infância. Naquele ano, Belonísia continuou a ver Tobias. Ela o percebia lhe observando, cercandolhe com gestos corteses, mas era cada vez menor a frequência com que isso ocorria. Ele parecia dividir seu interesse por outras moças da fazenda. Porém, certo dia, ele procurou Zeca Chapéu Grande e disse que queria levar Belonísia para morar com ele. Queixava-se

de solidão na tapera na margem do Santo Antônio. Que tinha muita estima e consideração por ela. O pai disse à filha que não precisava responder logo, que poderia pensar, e que só aceitasse se se sentisse pronta para ir, porque ele não queria conceder a mão da filha a qualquer um. Sem saber o porquê, veio a imagem de Donana à cabeça. Se sim ou se não, Belonísia escreveria os rumos que daria à sua vida num pedaço de papel pardo guardado debaixo do colchão.

Belonísia deixou a casa de seus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas, lembrando da mala de couro surrada de Donana que Bibiana havia retirado de debaixo da cama antes de partir. Sentiu um aperto no peito, mas seguiram devagar. Chegando, ele disse a ela que ali agora era a sua casa. Ela se sentia paralisada e já com vontade de voltar para a casa de seus pais. Ela ficou em choque com a desordem que havia naquele casebre de três cômodos, com roupas sujas, mau cheiro e toda espécie de entulho espalhado pelos cantos, paredes encardidas e filetes de luz entrando pelo telhado, o que indicava que precisava de reparos ou de uma nova cobertura. Levou-a até o fogão velho e lhe mostrou suas duas panelas negras de cinza da lenha queimada. Disse que ela poderia fazer o almoço, que se lhe faltasse algo poderia encontrar no meio da terra. Ela agradeceu por estar muda porque não saberia o que falar diante daquela pocilga. Tobias voltou para fora da casa, colocou seu chapéu de couro e desamarrou o cavalo, dizendo que iria retornar para a roça e voltaria para almoçar. Ela então se viu sozinha, sem saber a que distância estava da vizinha mais próxima, nem o que fazer se encontrasse algum perigo.

Quando Tobias retornou, o sol já estava manso e começava a baixar no horizonte. De imediato, Tobias abriu um sorriso quando entrou na casa. Ela temeu que ele reclamasse por ter mexido em suas coisas, por ter tentado arrumar a bagunça, ainda que não tivesse conseguido fazer tudo, mas a diferença era clara. Não agradeceu, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera. Ela fez um farto prato para ele, postou-se de pé ao seu lado, esperou que comesse, queria ver em seu rosto o deleite por provar seu tempero. Ela deixou que ele se afastasse para o banho na lata cheia que tinha ido buscar o rio. Estava exausta quando entrou para se banhar no Santo Antônio. Quando a noite caiu, acendeu o candeeiro, Tobias lhe cercou, bebia a cachaça que havia deixado em cima da mesa. Passou a falar do dia, das reses, do Sutério, dos trabalhos da fazenda. Ele a deitou na cama, beijou seu pescoço e levantou sua roupa. Ela não sentia nada que justificasse seu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse ela ainda não

tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. No dia seguinte, logo depois que Tobias saiu para a lida, Salustiana apareceu trazendo Domingas. Queria ver como a filha estava, tinha apreensão nos olhos e se não fosse a vergonha, teria perguntado se a filha havia se feito mulher durante a noite, se o marido havia sido respeitoso com ela. Passaram horas felizes naquela manhã, mas Belonísia sentiu um aperto no peito ao vê-las se afastarem, tomando rumo pra casa. Tobias voltava ao fim da tarde e a primeira coisa que fazia era dar uma talagada na garrafa de cachaça que ficava em cima da mesa. Depois tomava banho e ia direto se sentar à mesa para a refeição. Belonísia parava o que estivesse fazendo para servi-lo. No começo, parecia apreciar a comida dela, sempre repetia. Depois passou a reclamar. Nessas horas ela ficava aflita, o coração aos pulos, magoada consigo mesma, sentindo-se uma tonta por ter sido tão desleixada com o preparo. Com o tempo, Tobias parecia não sentir satisfação pelo que ela fazia. Nesses momentos, crescia a vontade de deixar tudo para trás e voltar para a casa dos pais, mas se preocupava com o que os vizinhos poderiam dizer. Passou a sentir-se uma intrusa naquele casebre. Não se sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos.

Um dia, Tobias chegou suado e com os olhos vermelhos, pois havia bebido. Ele berrava palavras violentas contra todos. Era a primeira vez que Belonísia o via embriagado. Ela olhou para o chão e viu comida espalhada. Ela passou saltando o prato de esmalte de andu e galinha esparramados. Limpou suas mãos na roupa, saiu pela porta do quintal, e se pôs a cavoucar o canteiro de tomate e cebolinha. Ela o ouviu gritar que era burra, que não falava, que era aleijada da língua. Engolia cada insulto e dava golpes fortes na terra. Se ele se atrevesse a vir lhe agredir faria o mesmo com sua carne. No dia seguinte, ele saiu antes da hora de costume. Belonísia não se levantou. Só depois que ele saiu que ela se levantou, aguou o quintal, cozinhou fruta-pão, trancou a casa e saiu. Seguiu pelo caminho como se voltasse para casa. Quando avistou a casa ao longe quase sorriu. Bateu com os pés devagar na soleira da porta. Quando ultrapassou a porta viu uma mulher sentada, de perfil, com um bebê no colo. Bibiana havia regressado.

Como Bibiana, naquele breve período de quase dois anos, havia envelhecido. Estava com os quadris largos, não tinha mais o viço da mocidade. Parecia ter mais dez anos. Aquele tempo parecia ter passado com violência para ela, agora mãe de um menino. Bibiana contou que havia feito um supletivo, e no próximo ano ingressaria numa escola pública de magistério. Que trabalhava cuidando de crianças das vizinhas para que pudessem trabalhar. Ganhava muito pouco com isso, mas era o que podia fazer com um

filho no colo. Contou também que Severo trabalhava na roça e frequentava as atividades do sindicato dos trabalhadores rurais. Era admirado e respeitado até pelos mais velhos. Severo entrou, ele também havia mudado, parecia mais homem, adulto, havia deixado para trás a adolescência. Bibiana mostrou a Belonísia o filho Inácio e disse que o traria em breve para batizar na igreja do Senhor dos Passos, afirmando que ela seria a madrinha. Durante aqueles dias, Belonísia voltou quase que diariamente para a casa de seus pais ou de tio Servó e tia Hermelina, onde Bibiana e Severo se revezavam em atenção. Queria escutar mais as histórias que traziam de suas passagens por outros lugares. Queria ouvir de Severo as explicações, para o que viviam em Água Negra. Nem o mau humor e destemperos de Tobias desanimaram Belonísia a sair, até que partissem de novo, com a promessa de que logo voltariam.

A agressividade de Tobias cresceu nos meses que se seguiram, a ponto de Salustiana fazer chegar a Belonísia um recado de Zeca Chapéu Grande, dizendo que estava preocupado com ela e queria que ela voltasse para casa. Não seria vergonha alguma para a família o seu retorno. Apenas queria zelar pela filha, para que nada de ruim acontecesse. Certa vez, Tobias gritou com seu jeito grosseiro, e Belonísia, sentindo-se ofendida, não arredou o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando Belonísia interrompeu a costura para mirar com olhos ferozes os seus olhos. Tobias abaixou a mão e parou de falar, envergonhado, e saiu para beber mais. Tobias passou a ficar mais tempo fora de casa. Deixou de ir ao jarê de Zeca Chapéu Grande e começou a frequentar outro, a léguas de distância. Um dia, Genivaldo, vaqueiro da fazenda, chegou à porta com o chapéu na mão. Silencioso, o mau presságio a ponto de arrebentar em seu rosto. Convidou-a para acompanhá-lo pela estrada para o lugar onde encontrou Tobias caído. Belonísia ajoelhou-se e fechou os olhos dele. Durante todo o velório, só olhou para o rosto de Tobias uma única vez, mesmo assim guardando com certa distância de seu corpo. Enterrado Tobias, Salustiana quis que Belonísia voltasse com ela para casa, mas ela não quis. Queria estar só, experimentar a vida no silêncio que havia encontrado longe de todos. Domingas ficou para fazer companhia à irmã nos primeiros dias, mas depois voltou para casa. Logo depois começou a construir uma nova casa de barro. Zezé ajudou na construção.

Bibiana e Severo retornaram com seus quatro filhos para a fazenda anos depois. Nesse meio-tempo, vieram para as festas de fim de ano e de São Sebastião com certa frequência. Numa dessas visitas, Belonísia batizou dois dos filhos de Bibiana, Inácio, o mais velho e Maria, a terceira. Domingas batizou a segunda, Flora, e Zezé também foi

escolhido padrinho dela. Santa, filha de Tonha, batizou Ana, a caçula. O ano do regresso foi também o ano que chegou a primeira televisão e a primeira parabólica à fazenda, antes mesmo da energia elétrica, e na casa de Damião a faziam funcionar com uma bateria de veículo antiga, que precisava se carregada sempre. Aos poucos, a paisagem foi mudando, as grandes roças que os homens trabalhavam foram reduzidas, ano a ano. A família Peixoto já não tinha interesse em produzir. Um dos irmãos havia falecido e os filhos pareciam não ter interesse em continuar cuidando da fazenda. Zeca Chapéu Grande estava envelhecendo, encurvando-se com o tempo, os cabelos ficando brancos de forma lenta, mas ainda trabalhava de domingo a domingo. Ele e os demais trabalhadores pioneiros que chegaram nos primeiros anos a Água Negra estavam se aposentando. Foram orientados pelo próprio Sutério a requerer benefício, o que era de muita ajuda e mudava em parte a situação dos moradores. Apesar das mudanças lentas, muitas interdições impostas pelos fazendeiros ainda existiam. O dinheiro não era usado para a melhoria das casas, mas o povo começou a melhorar seu interior: colchões de espuma, mesa, cadeiras, remédios, roupas e alimentos.

Bibiana havia se formado professora, falava diferente, bonito, e seu pai sentia orgulho ao vê-la ensinar os filhos. Dizia que queria a filha professora de Água Negra, que pediria ao prefeito numa festa de jarê. Bibiana e Severo construíram uma casa perto de Zeca Chapéu Grande e Salustiana, como a maioria costumava fazer quando casava e não seguia para outros rumos. Belonísia continuou a morar perto do rio Santo Antônio, mas passava o final de semana entre eles. Severo deixava a fazenda para participar de reuniões do sindicato, de movimentos, de congressos. Belonísia gostava da companhia do primo, mas mantinha certa distância, pois percebia que Bibiana tinha ciúmes do marido. Quando Severo viajava, Belonísia dormia na casa de Bibiana para lhe fazer companhia. Inácio gostava de ajudar Belonísia a plantar no quintal de casa. Tinha o mesmo interesse pelos livros da mãe e do pai. Maria era traquina, vivia surpreendendo a todos. No dia que caiu e quebrou o braço, Belonísia lembrou do ocorrido com ela e com a irmã. Zeca Chapéu Grande juntava-se a Bibiana na preocupação, dizia pra que não castigasse a menina, ela tinha os Cosmes que ele não quis cuidar. Por isso Bibiana e Belonísia tinham sofrido na infância, porque ele não quis cuidar do são Cosme e Damião, ou, quando cuidava, fazia com malgrado. O ano do retorno da filha foi a última vez que Zeca Chapéu Grande e Salustiana viajaram para os festejados de Bom Jesus da Lapa, terra de Salu em caminhada e romaria, promessa feita por ocasião da partida de Bibiana e Severo, para que retornassem à fazenda. Caminharam por dezessete dias, ida e volta. Retornaram bem

queimados do sol, cansados, no entanto, revigorados. Voltaram com imagens, terços e promessas. Voltaram mais velhos na carne, com dores que o acompanharam por semanas, anos, talvez por toda a vida. Depois dessa viagem Zeca Chapéu Grande nunca mais foi o mesmo. Suas forças foram declinando.

No último ano de vida, Zeca Chapéu Grande foi contra todas as recomendações que havia feito em relação aos interditos próprios do jarê, como por exemplo, plantar espécies de raízes profundas, cultivo permanente e construção da base de uma casa, proibidos em anos bissextos. Salustiana tentou argumentar, mas ele disse que não fazia sentido esperar, dando a entender que tudo aquilo era superstição.

Depois do dia de São José, Zeca Chapéu Grande passou a não levantar da cama. Salustiana pediu que não o levasse para o hospital. Domingas, Zezé, Bibiana e Severo tentaram argumentar. O médico que veio atendê-lo disse que ele precisava ser levado urgentemente para o hospital, pois ele estava desidratado, desnutrido e com os pulmões estavam comprometidos. Porém, a família não o levou ao hospital. Então, no domingo de Páscoa, Zeca Chapéu Grande partiu.

As filhas de Tonha falaram que Belonísia tinha que tirar a mão de seu pai da cabeça, que ela precisava ir para outra casa de curador. Crispina e Crispiniana falaram o mesmo. Maria Cabocla também. Chegaram a dizer que ela morreria. Salustiana, abatida, passou um longo período sem conseguir ir para a roça e começou a beber. Belonísia passou a esconder as garrafas de aguardente, mas ela ia à feira e dava um jeito de trazer escondidas.

A obra da casa que Zeca Chapéu Grande havia começado a levantar estava parada e passou meses assim. Belonísia retornou ao movimento do roçado porque queria que as coisas voltassem a parecer como antes. Salustiana disse que não triscaria mais em bebida e decidiu terminar de construir a casa. Em pouco tempo a casa ficou pronta, o quintal ficou limpo e a mudança foi preparada. O mesmo pai de santo que cuidou de Salustiana em Cachoeira veio até Água Negra para orientar a transferência de uma casa para outra. O pai de santo bateu com ervas nas paredes e entoou cantigas que nunca havia escutado nas brincadeiras de jarê. O velho perguntou a Salustiana se tivesse alguma força naquela casa ela ia querer, seguir a sina do marido dela. Ela respondeu que não. O velho não tocou em nenhuma parede, não retirou nenhuma forquilha. O tempo se incumbiu de desmanchar a casa antiga.

Indomável, Severo caminhou por estradas, elevou sua voz em discursos, enfrentou os novos donos e o chefe dos trabalhadores. Foi moldando Água Negra, fazendo-a se

transformar num lugar diferente. Enquanto Zeca Chapéu Grande viveu, respeitou o seu desejo de não confrontar os que lhe haviam dado abrigo. Sua morte deixou um vazio entre os moradores da fazenda e, por fim, a venda das terras transformou tudo de maneira repentina. As notícias era que a fazenda havia sido vendida a um preço minguado, porque a presença dos trabalhadores a havia desvalorizado.

O novo dono fazia uma movimentação contrária à morada deles, talvez porque soubesse que, pelo tempo que tinham ali, a justiça reservaria algum direito. Aos poucos, foi chegando, primeiro como benfeitor, dizendo que nada iria mudar. Mostrava-se solidário, levando um ou outro para a cidade em seu carro se precisasse de médico. Depois montou um barracão de mantimentos, resolveu criar porcos, e quem estivesse disposto a trabalhar teria direito a salário, que as pessoas nunca receberam de fato. Os dias de trabalho eram pagos com a retirada de mercadorias e, ao sair de lá, os moradores terminavam deixando uma dívida maior do que o pagamento que tinham a receber.

Severo levantou sua voz contra as determinações com que não concordavam. Virou um desafeto declarado do fazendeiro. A cada movimento de Severo e dos irmãos contra as exigências impostas pelo proprietário, as tiranias surgiam com mais força. No começo, o dono disse que “aquele bando de vagabundos” queria a fazenda dele, comprada com o trabalho dele. Alguns não viam com bons olhos o movimento e se opuseram abertamente a Severo, divergindo, entrando no jogo do novo fazendeiro para fazer minas as forças do povo. Derrubavam cerca, e meses de trabalho viraram pasto na boca do gado. Certo dia, foram acordados no meio da madrugada por um incêndio no galinheiro. Apagaram o fogo com as tinas de água e atirando terra seca.

Com receio de deixar Salustiana, Domingas e Zezé sozinhos, Belonísia fechou a casa do rio Santo Antônio de vez e voltou a morar na beira do Utinga. Severo colheu assinatura para fundar uma associação de trabalhadores, pois precisavam se organizar ou, do contrário, acabariam sendo expulsos. Bibiana esteve mais ativa ao lado do marido. Belonísia ficava com os sobrinhos para que eles pudessem se mobilizar. Reuniam-se em várias casas. A essa altura, já haviam percebido que se não fizessem barulho para garantir a permanência na fazenda, não teriam para onde ir. Com frequência, também passou a aparecer um carro de polícia, de onde desciam para fazer perguntas, entrando nas casas, constrangendo os moradores.

Bibiana e Severo se arrumaram para mais uma jornada em busca de registro da associação de trabalhadores e pescadores de Água Negra. De posse das assinaturas, iriam ao cartório. Salustiana lembrou que guardava o bilhete que Sutério deu a Zeca Chapéu

Grande há mais de sete anos: “Esteve aqui o Sr. José Alcino pedindo morada e eu dei a ele lá na beira do rio Utinga e disse a ele que tem que trabalhar nas roças da fazenda e pode levantar casa de barro, proibido casa de tijolo”.

Bibiana já havia subido na bicicleta quando lembrou que havia esquecido o bilhete. Devolveu o capacete a Severo e foi buscar o bilhete. Maria e Flora ajudavam com os pratos no quintal enquanto Belonísia tentava acender o fogo, com a roupa molhada de suor do esforço de abanar a brasa. Ouviram vários estampidos, como na madrugada do incêndio do galinheiro. Correram em direção ao terreiro. Belonísia e Bibiana chegaram à porta ao mesmo tempo. Severo estava caído. A terra seca aos seus pés havia se tornado uma fenda aberta e nela corria um rio de sangue.

Um grito atravessou o espaço. Era Bibiana, prostada no chão com a cabeça do marido no colo. Levaram Severo para a cidade, mas não houve tempo de salvá-lo. Belonísia retirou o lenço da cabeça e abraçou as que choravam, chamando pelo pai e pela mãe. No desespero para salvar Severo, deixaram as crianças se aproximarem e verem o que havia acontecido. Foi Tonha que, num arroubo de proteção, reuniu as meninas e as levou para casa. Tudo o que restou foi o silêncio. Algumas pessoas correram para dar notícia aos pais e irmãs de Severo. Hemelina desabou no chão como uma galinha degolada. Quando Bibiana retornou com a roupa suja de sangue, a mãe percebeu que algo havia se rompido dentro da filha, para todo o sempre.

Velaram Severo na casa que ele próprio ajudou a levantar. Bibiana permaneceu ao seu lado, sem arredar o pé por um minuto, como um pau-d’arco sem vergar ao corte do machado. Fizeram discursos exaltando as qualidades de Severo. Louvaram a luta e a consciência que havia trazido ao povo da fazenda. Alguns juraram vingança. Fazia tempo que não enterravam ninguém na Viração. O portão estava fechado por determinação de Salomão, o dono que sucedeu a família Peixoto. Bibiana pediu que o cemitério fosse aberto, num tom de voz que muitos não conseguiram escutar. Foram muitas mãos agitadas sacudindo o portão velho, como muitos antepassados haviam agitado o corpo para fugir dos castigos e grilhões do cativo. O portão tombou no chão como uma corrente se desfazendo no ar.

Alguém lembrou que ainda poderia haver justiça. Uma voz se levantou para dizer que era preciso acalmar os ânimos, embora estivessem se sentindo em pedaços pelo que tinha acontecido. Outra exortou por temperança, para que não deixassem o ódio falar mais alto. Dias depois, a polícia chegou para fazer a perícia do local do crime. Embora Inácio e Domingas tivessem pedido insistentemente que Bibiana ficasse em casa, ela não cedeu

e acompanhou tudo, respondendo às perguntas que faziam. Ela se esforçava tentando lembrar cada fração de tempo, cada passo, cada pensamento, gestos, até o que estava escrito, palavra por palavra, no bilhete da chegada do pai que havia voltado para buscar quando Severo foi alvejado. Nada mais sabia, só um carro que havia partido em alta velocidade em direção à estrada, segundo informações dadas pelos moradores. Os agentes foram até as casas das pessoas que supostamente tinham visto o veículo em fuga. Anotaram a cor do carro. Os vidros escuros era um obstáculo para saber quantos e quem estava em seu interior. Quando os moradores falaram do desentendimento com o dono da fazenda, os policiais se deram por satisfeitos, não prosseguiram. Bibiana e algumas pessoas presentes foram convidadas a prestar mais depoimentos na delegacia da cidade. Pareceu, durante um breve período, que as coisas haviam mudado, talvez houvesse justiça para o que tinha ocorrido. Iriam investigar a morte de um homem simples como investigariam a morte de um fazendeiro ou de qualquer homem poderoso da cidade. Mas, algumas semanas depois, surgiu uma notícia de que o inquérito havia sido concluído. Que haviam descoberto um plantio de maconha numa área próxima aos marimbus. Que Severo havia sido morto numa disputa do tráfico de drogas na região.

Foi nesse dia que Bibiana resolveu reunir o povo de Água Negra para falar. Mesmo enredada em seu luto, precisava expor o que pensava. Não deixaria a memória de Severo ser violada por uma mentira. Não permitiria que seu legado fosse despedaçado pela história que as autoridades queriam contar. Muitos deixaram seus afazeres, em respeito, para ouvi-la. Nunca imaginou que aquela incumbência de falar ao povo da fazenda recairia sobre seus ombros. Até mesmo porque Severo era quem vinha falando aos moradores. Agora se percebia exposta à violência do atentado, à mentira que tentavam difundir para desmoralizar de vez o povo de Água Negra. Sentia como se os tiros continuassem a atravessar os corpos de sua família, mesmo depois de terem levado o marido. antes que pudesse começar a falar diante dos vizinhos e parentes, Bibiana sentiu seu corpo tremer de desconforto, ao ver que Salomão a observava de longe, de cima de um cavalo, acompanhado do atual gerente. Logo depois ele apareceu, postando-se à sombra de um jatobá. Queria intimidá-la. Bibiana tremeu de forma visível quando pediu que silenciassem para que pudesse falar. Sua segurança cresceu quando iniciou o discurso. Pousou sua fala para respirar, recuperando o fôlego consumido por suas lembranças. Consumido pela responsabilidade de se apresentar para defender o que restava da dignidade do seu povo. De forma surpreendente, Salomão permaneceu calado. Nem se quer esperou as pessoas se dispersarem para se aproximar de Bibiana. Sua presença era

incômoda. Nem as condolências de Salomão conseguiram sinalizar uma trégua.

Levaram um pastor da igreja, dias depois, para celebrar um culto. Era a primeira vez que se celebrava, dentro da fazenda, algo que não fosse o jarê. Depois da morte de Zeca Chapéu Grande, quem pôde foi para outra casa de jarê, procurar um novo curador para tirar a mão do velho e colocar a nova sobre a sua cabeça. Nos últimos anos, depois do fim das celebrações de jarê na fazenda, duas famílias haviam se convertido ao evangelismo, mas continuavam a conviver com as demais sem conflitos aparentes, ainda que renegassem, em privado, as práticas antigas. Antes do culto, Estela seguiu com o pastor de casa em casa, para convidá-los para a celebração. O pastor era um homem conhecido, chegavam notícias de que seria candidato a vereador, e realizava visitas às fazendas e aos povoados da região com a intenção de pedir votos para a eleição de outubro. Quando Estela e o convidado chegaram à porta da casa de Salustiana, primeiro convidaram para uma oração “para os que se foram” no culto que seria realizado, o que de pronto ela recusou.

Bibiana, mexendo em uma sacola de palha da irmã, encontrou a faca. Por um instante, não acreditou se tratar da mesma peça que havia desaparecido da casa antiga, provavelmente pelas mãos de Donana. Caminhou até a frente da casa da mãe. As filhas chamavam do lado de fora para que visse o batizado das bonecas que Ana estava preparando. Aproximou-se, muda, e retornou para a cadeira velha onde pendia a lâmina. Estendeu os dedos e sentiu que ainda estava quente ao seu toque, quase candente, quando confirmou do que se tratava.

Sentia vergonha por estar espiando a sacola da irmã, mas não conseguiu disfarçar a surpresa ao ver o que julgava soterrado em sua memória. A cicatriz de sua língua se ressentia da recordação, formigava e lançava Bibiana de novo ao dia do acidente. A mão da avó, por um instante, desabou sobre sua cabeça, que se tornou pesada com as interrogações que surgiram com a imagem. Puxou o objeto pela ponta até que se revelasse por inteiro.

Belonísia entrou no cômodo e parou, como se retornasse trinta anos no tempo e visse, de novo, Bibiana retirar o objeto do tecido encardido de sangue. Havia muito não tinha mais o tecido. Mas o silêncio com que viu a irmã devolver seu olhar a deixou suspensa no tempo, como se nada mais pudesse avançar antes que esclarecesse o que aquela presença significava. Tão habituada que estava a se locomover com a faca, agora se contrapunha de forma inevitável à perplexidade que os olhos de Bibiana lhe devolviam.

Belonísia deu duas pancadas leves no queixo e desceu com o polegar pela face

para dizer que sim, era da avó. Bibiana perguntou se Salustiana sabia. Negação foi a resposta. E por que carregava consigo? Para trabalhar, claro, para se proteger. O objeto tinha chegado às suas mãos de novo, havia um sinal naquele assombro.

Ao se mudar para a casa de Santo Antônio no mesmo cavalo, naquela manhã em que sentiu seu ventre vibrar na caminhada do animal até a casa onde moraria, não imaginou que seria surpreendida com uma montanha de entulho que o marido guardava em casa. Não conseguiu arrumar tudo no mesmo dia, após a primeira organização se seguiram muitos dias de trabalho, separando lixo, garrafas vazias e tudo que se amontoava pelo casebre. Um pote de cerâmica com pequenos torrões de terra ao redor estava esquecido, como quase tudo, num canto da cozinha. Belonísia resistiu ao abri-lo com receio de encontrar um rato, uma aranha ou ossada de gente, como já havia ouvido relatos do povo da região. Faltava um pedaço da boca do pote. Ela adiou essa abertura até esbarrar nele de forma acidental e terminar por quebrar mais um pedaço grande da boca. Ao levantar o objeto sentiu que algo balançava com o movimento. Deixou o pote no chão e se afastou.

Mas o raio do sol da manhã alcançou o pote e refletiu no que quer que fosse que estivesse guardado. O brilho chegou aos seus olhos. Um diamante. Era a primeira coisa que alguém pensaria, considerando as histórias da Chapada. Retirou o tampo. A ponta de uma faca reluziu de forma mais intensa exposta à luz. Belonísia a retirou do pote para fazer como havia feito com tudo até aquele momento: jogar o que não prestava fora e dar novo destino ao que tinha utilidade. O cabo de marfim tocou sua mão. Estava morno como o pote exposto ao sol que se abrigava. Mas a boca formigou como no dia em que encontrou a faca da avó. A lembrança de Donana depois do evento surgiu viva no seu pensamento. Tobias entrou e encontrou seu semblante de espanto e distante no tempo. Belonísia colocou um pano de prato sobre a faca em cima da mesa. Encontrou um lugar seguro para guardar a faca, entre o armário empenado e a parede, onde apenas sua mão e o objeto cabiam.

Depois que ficou viúva, retirou-a do lugar em que havia escondido e passou a andar com ela pela roça, para o rio, levou para defender Maria Cabocla, dobrou o homem da vizinha, que se acovardou diante da lâmina e dos seus olhos de fúria. Mas nada disso Bibiana saberia. Ela colocou um ponto final antes que a memória lhe retornasse desordenada. Bibiana apenas alertou: “Cuidado com a Ana, não deixe à toa. Ela é curiosa como nós éramos.” Antes que Belonísia chegasse à porta, Bibiana questionou o porquê da avó guardar essa faca como um tesouro, o motivo dela estar envolta naquele tecido

sujo de sangue, de quem era aquele sangue e por que a avó guardava a faca com tanto medo.

O que elas não sabiam é que Donana havia roubado a faca do coldre do alpendre da casa sede da Fazenda Caxangá. Havia viajantes em visita naquele dia, e ela aproveitou a breve confusão e o desleixo depois da cavalgada para surrupiar o objeto. Ao ver a faca, imaginou que devia valer um bom dinheiro. Foi quando se lembrou dos filhos que precisavam de calçados e roupas novas, porque não havia mais como cerzir os trapos esgarçados. “Eles tiram da gente e nós tiramos deles”, foi o que passou por seu pensamento. Pediria perdão a Deus e aos seus guias.

Enfiou o objeto no cesto de palha, em meio aos aipins colhidos naquela manhã, entre cansaço e desalento. Donana se afeiçoou de tal forma ao objeto que o enterrou debaixo da própria cama. Temeu quando correu conversa entre os trabalhadores que procuravam pela faca de um visitante, convidado do senhor de Caxangá. Mas guardou aquele temor para si, sem comentar com ninguém. Qualquer passo em falso poderia significar a vergonha da exposição pública. Depois, a notícia era de que o homem a tinha perdido na cavalgada que culminou naquela tarde, bem viva na lembrança de Donana.

O povo foi convocado a procurar pelos milharais, pelas roças de aipim, cana e mamona. Mas nada foi encontrado e o tempo tratou de fazê-los esquecer do desaparecimento. Primeiro Donana enterrou a faca para matutar, enquanto não terminasse a procura, onde poderia vender sua joia de caça. Não poderia ser na cidade, porque todos se conheciam. Foi quando cogitou a possibilidade de vender mais barato a um mascate ou cigano, desde que eles não tivessem relação com a casa grande. Desde que pudesse fazer alguma coisa pelos filhos com o que ganhasse. Mas esse dia foi sendo adiado, porque Donana não se animava a desenterrar o objeto, não sentia confiança em nenhum mascate que chegasse à sua porta. Por último, pensou que poderia deixar como herança para alguns dos filhos.

Quando ninguém mais falava do desaparecimento da faca, Donana a desenterrou, longe dos olhos de todos. Limpou a faca, poliu o metal com um tecido velho e a embrulhou ali mesmo. Era um troço bonito. A coisa mais rica em que havia posto as mãos, era assim que sentiu ao admirar o objeto do engano. Guardava de novo para si, limpava, polia, devolvia ao buraco debaixo da cama e cobria com um tapete de caititu. A faca não prestou a nenhuma das destinações a que sua guardadora havia se proposto de início. Nem vendia a mascate, nem deixava de herança para a família. Bem, foi assim que ela pensou, depois de uma das netas perder a língua. Deus não a havia perdoado. Pior,

havia ferido a carne de sua carne, a neta a quem zelava, rezava contra qualquer quebranto e mau-olhado.

Quando a faca serviu ao derradeiro fim em suas mãos, ao fim que nunca havia considerado, Donana se viu enredada em uma trama de vida e morte para o resto de seus dias. Tudo ocorreu quando o filho mais velho já havia deixado a Fazenda Caxangá rumo a outra terra, onde pudesse ter trabalho e morada. Ela se viu de novo sozinha, sem esteio de Zeca e com os filhos menores, que depois ganharam o mundo, para criar. Chegou trabalhador novo. Um homem gentil que estendeu sua força para ajudar a mulher que tinha o corpo doído de tanta labuta. Donana, na sua solidão, permitiu que se achegasse e se abrigasse em seu casebre, que se juntasse à sua luta e aquecesse a sua cama, fazendo-a se sentir viva, apesar de toda fadiga. Foi assim que o homem ficou ao seu lado. O homem que Donana esqueceu o nome, impronunciável. O homem que nem o filho nem mais ninguém que não habitasse o casebre de Caxangá saberia da existência. Ele que havia chegado de onde haviam se esquecido, da mesma forma que se foi de um jeito que só mulher que envelhecia saberia.

Quando Donana encontrou a filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envergou no chão como um jumento que não quer seguir o caminho que lhe resta. Retesou todo o corpo como se nunca mais fosse deixar aquela posição. Gritou com grande cólera, pôs os meninos em prontidão, sua fúria era seu próprio desespero.

Carmelita andava arredia, chorosa pelos cantos da casa, ela percebia, mas não passava por sua cabeça nada do que havia visto. Quase não olhava para a mãe. Donana pensou que era ciúme de filha que não aceitava o novo companheiro. Os machucados que a filha escondia, como se estivesse boba de atenção, esbarrando em tudo, caindo em todo lugar. Tudo fazia sentido. Carmelita implorou perdão. A mãe que não conseguia mais olhar para a própria filha. A filha que agora queria ir embora de casa. Encontraria seu rumo como havia feito o irmão. E o homem não se redimiou. Ficou mais forte, mandava em tudo, mandava na casa, tinha a mulher sob seu cabresto.

Foi numa noite em que a lua escureceu, por trás das nuvens que no dia seguinte lavariam a terra com a chuva, que tomou a decisão. As águas que ainda não tinham precipitado, mas que previa ao cenário da noite, lavariam a terra de tal forma que não restaria vestígio de nada. Donana saiu para pescar, levando uma garrafa de bebida. Quando chegou ao local onde ele estava, viu que dormia, prosternado na beira do rio. Parecia morto antes mesmo de sangrado. Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de

Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos. Ninguém saberia de nada, diria apenas que ele havia partido sem deixar indicação do destino. Antes de pensar na justificativa que daria, sangrou o homem como se sangrasse um porco. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesma enfiou lá, para dentro do rio. Não temeu que viessem lhe perguntar pelo desaparecimento do companheiro nos dias que seguiriam. Voltou para casa encharcada pelo esforço. As poucas horas desde que havia deixado sua morada para dar fim ao seu último erro nas terras de Caxangá foram suficientes para que a filha fosse embora sem indicar o paradeiro. O resto da história foi vagar seus últimos anos vendo o rosto de Carmelita em todas as crianças que havia amado. Na madrugada que se seguiu, teve apenas uma certeza: Deus jamais a perdoaria. Pior, devolveria o malfeito em dobro. E o cheiro de chuva, que cairia nas primeiras horas da madrugada, já podia ser sentido.

Com a morte de Severo, Bibiana deixou de alisar os cabelos com o ferro e o guardou sob os lenços que a maioria das mulheres camponesas usava. Passava a madrugada acordada revirando na cama ao lado da filha Ana, trazida para preencher o vazio que o quarto tinha se tornado. Ela retornou para a escola, mas algo se rompeu definitivamente em seu interior. As crianças parecem descontroladas diante de sua apatia. Nas últimas semanas passou a sair de madrugada. Carregava consigo uma enxada. Não contava pra ninguém para onde ia, nem o que faria. Talvez perambulasse por trilhas e rio procurando aplacar a dor que não diminuía e parecia lhe corroer por inteiro. Retornava antes de o sol nascer, não conseguia constatar se os filhos estavam em casa dormindo. Sentava numa cadeira, adormecia e era acordada com algumas das meninas ou com Inácio perguntando por que estava coberta de terra. Ela dizia que havia ido mexer no quintal, mas no quintal, nenhuma mudança, nenhum plantio novo, algumas plantas inclusive morriam porque não estavam sendo aguadas, nem remexidas, nem fortificadas.

Belonísia, durante sua vida, desde o silêncio, ela sentiu falta de poder cantar. Ainda muito pequena, nas noites de jarê, sentava na sala de casa, no colo de sua avó ou de sua mãe, e cantava o ponto de santa Bárbara e do Velho Nagô. Ainda muito cedo seu canto se desfez e ela não conseguiu fazer fazê-lo ecoar nem mesmo dentro de si. Ela aplacou o silêncio na solidão do terreiro quando sua irmã foi embora, ou na casa da beira do Santo Antônio, depois da morte de Tobias. Ou quando não pode mais estar ao lado do seu pai e mestre. A mata a fez forte e sensível, ainda menina, para reconhecer o movimento do mundo. A terra era seu tesouro, parte de seu corpo, algo muito íntimo. Na terra tinha o que colher ao alcance das mãos. Se a seca ou a cheia levasse, comia-se o que

sobrava.

A melhor coisa que Tobias lhe fez foi devolver, de maneira involuntária, o punhal de sua avó. Ela descobriu que guardava uma fascinação pelo brilho da lâmina. Quando pode tê-la nas mãos outra vez, se viu em seu reflexo, com o mesmo brilho nos olhos, a menina e a velha, a inocente e a culpada. Sofrer, esse sofrimento difícil de expressar e rejeitada por todos, mas que a unia de forma irremediável a todo o seu povo. O sofrimento era o sangue oculto a correr nas veias de Água Negra.

Não demorou muito a acontecer, Estela surgiu gritando tão desesperadamente que mobilizou boa parte dos moradores das cercanias. Era Salomão que havia morrido. Salustiana se deslocou até a casa de Bibiana para relatar o que havia lhe chegado. A filha estava corrigindo os cadernos, continuou de cabeça baixa, mas depois retirou os óculos e pediu à mãe que se sentasse. Ela disse à mãe que ele tinha muitos inimigos e que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, retornando aos cadernos e baixando a cabeça novamente. Salustiana não se conformava do ocorrido ser naquela fazenda, já que ele tinha tantas fazendas. Bibiana afirmou que essas coisas não escolhem lugar, acontecem onde tem que acontecer. Disse ainda que era bom que ele sentisse na pele o que ela havia sentido e que deveriam ter queimado a casa com a mulher e as crianças dentro, assim não haveria herdeiros para tentar retirá-los dali. Salustiana ficou horrorizada, disse que não foi essa educação que ela e o marido haviam dado a ela e que não se deseja mal a ninguém, por pior que possa lhe parecer. Salustiana levantou de súbito e derrubou a cadeira na agitação, pois se sentiu indignada com a violência do desejo da filha. Desferiu um tapa no seu rosto. Aquela era a segunda vez que batia numa de suas filhas. Recordou da primeira vez, da surra em Belonísia por causa do beijo que Bibiana disse ter visto. Agora levava a mão à face que ardia do golpe. Seus olhos de imediato se encheram de lágrimas.

Salustiana saiu, e quando estava longe, Bibiana desabou num choro que só havia se permitido na noite em que o filho disse que cuidaria dela. Belonísia, que havia saído antes de o sol nascer, retornou ao meio-dia. Trazia aipim, batata-doce e uma abóbora grande. Largou tudo em cima da mesa da cozinha. Domingas, o marido e Zezé estavam na sala, sentados ao lado da mãe. Quando ouviu Salustiana dizer o que tinha ocorrido com Salomão, ficou parada por um tempo, mostrando-se surpresa com a notícia. Zezé contou-lhe que Salomão havia aparecido quase degolado, caído numa vereda no meio da mata, mas não muito distante da margem do rio Santo Antônio. O cavalo que montava foi visto perto da casa de vidro, pastando as plantas que cresciam na beira dos marimbus.

O grande mistério, sobre o qual discutiam no momento em que adentrou a casa: a

cova. Uns disseram que surgiu do dia pra noite. Outros disseram que ela foi crescendo com o passar do tempo. Mas que não parecia feita por mãos de homens. Como se a terra estivesse cedendo, formando um poço largo e profundo. Belonísia sentiu falta de Bibiana entre os irmãos e quis saber se ela já sabia. Sim, responderam. Salustiana estava amargurada pela reação de Bibiana, mas não quis contar sobre seu comportamento. Quando se afastou para desarrumar a sacola que havia deixado na cozinha, caiu dura e desacordada, como um pássaro abatido em pleno voo. No meio do alvoroço que se formou com seu mal-estar súbito, o cunhado e o irmão a carregaram para o quarto de Salustiana.

Ao despertar, ela não se lembrava de nada. Não se lembrava da morte de Salomão, nem como havia chegado ao quarto da mãe. Salustiana pediu que continuasse deitada. Precisava descansar. Ela bebeu água, voltou a dormir e só acordou no dia seguinte. No mesmo dia, vieram duas viaturas da polícia com investigadores. A fazenda ficou sitiada de homens armados colhendo depoimentos de todos os que haviam encontrado Salomão. As perguntas não cessavam. Queriam saber sobre possíveis ameaças que a vítima ou terceiros tivessem comentado com os subordinados, sobre desafetos, entre os trabalhadores e Salomão, sobre movimentos suspeitos, carros, motocicletas, desconhecidos que tivessem passado nas últimas semanas pela fazenda, que tivessem estudado seus hábitos. Suspeitos que sabiam qual a melhor hora para executar o crime. Os moradores de Água Negra começaram a se sentir desconfortáveis. Duvidaram que dentre eles alguém pudesse ter cometido aquela barbárie.

Recuperada, Belonísia voltou a cultivar a terra. Há muitos anos, sentiu seu corpo vibrar como a terra úmida daquele campo. Vivendo entre as mulheres jovens da fazenda, era como se sua sina de ser mãe estivesse também sendo traçada. Mas, como a chuva, esse desejo foi abandonado seu corpo sem explicação aparente. E, depois dessa experiência, a cada vez que se entregava à sementeira conseguia sentir a natureza vibrando, como no passado. Quando estava sozinha, deitava no chão, como viu seu pai fazer inúmeras vezes. Tentava escutar os sons mais íntimos, dos lugares mais recônditos do interior da terra, para livrar o plantio da praga, para reparar as dificuldades e ajudar na colheita.

Fazia algum tempo que os moradores decidiram levantar suas casas com materiais duráveis. Aconteceu antes da morte de Salomão. Era um desejo antigo, sufocado pelos interditos. Os filhos que trabalhavam fora passaram a enviar um pouco de dinheiro para as construções. Os mais velhos, que puderam se aposentar, começaram a comprar material à prestação na cidade. Chegavam na calada da noite com carregamentos em carrinhos de

mão e carroças, para não chamar a atenção. O primeiro a assentar um tijolo foi o velho Saturnino, com a ajuda dos filhos e netos. Alguém passou pela frente de casa que estava sendo erguida e disse que faria o mesmo.

Os gerentes passaram a reclamar, por ordem de Salomão, mas não adiantou. Aos poucos, a paisagem da fazenda foi se modificando como nunca antes havia ocorrido. Nos finais de semana, Zezé, Inácio e Belonísia foram erguendo a casa da família. Bibiana e Salustiana ajudavam, preparando o almoço. Havia um ar de recomeço naqueles dias, como recomeçavam seus trabalhos na roça depois da estiagem ou da cheia. Salomão procurou a Justiça, pedindo reintegração de posse de todas as áreas ocupadas da fazenda. Genivaldo foi o primeiro a falar mais alto, para que todos ouvissem, que ele não iria para a cidade “alisar passeio”.

Reuniram-se com Bibiana, decidiram que se tivesse a ordem e um juiz, deitariam no chão diante de suas casas para impedir os tratores de demolir. Prepararam-se para a guerra, como os coronéis fizeram no passado pelo controle dos garimpos. A diferença é que agora o conflito em pleno direito de morar. Mas a decisão da justiça parecia demorar a sair, e no meio da espera o homem apareceu morto. A suspeita de imediato recaiu sobre os moradores. Muitos foram conduzidos à delegacia. Até mesmo Bibiana foi levada, junto com seu filho. Lá se recordou da morte do marido, que ainda não havia completado um ano. Questionaram sobre o papel dela na desordem que relatavam na fazenda. Disse que era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Chegaram notícias de trabalhadores de outras fazendas de Salomão, relatando discórdias com empregados e vizinhos. Por onde ele havia passado deixou um rastro de descontentamento e desejo de revide. Isso só dificultou mais as investigações.

O inquérito, depois de muitas oitivas e diligências, ficou inconclusivo. Estela havia se mudado para a capital, mas continuava a administrar, de longe, as fazendas. Quem a conhecia dizia que havia enlouquecido. Meses depois, a notícia dos assassinatos trouxe funcionários de órgãos públicos, que ouviram moradores num processo de reintegração de posse. Aquela chegada foi celebrada com alívio. Tudo permanecia incerto, não havia prazos para a solução do problema, mas aquela movimentação indicava que a existência de Água Negra já era um fato. Não eram mais invisíveis, nem mesmo poderiam ser ignorados.

Em meio a todas as mudanças que chegavam, Inácio se preparou para deixar a casa da mãe. Iria estudar na cidade, se prepararia para os exames da universidade, queria ser professor. Queria participar de movimentos como o pai havia feito. Bibiana foi

incentivadora da mudança, e em nenhum momento deixou transparecer o peso que a ausência do filho teria em seus dias. Diferente de Belonísia, que se ficou melancólica. A irmã amava os sobrinhos como filhos. Conviveu entre eles desde o retorno de Bibiana. Pediu que a madrinha não chorasse. Retornaria cada final de ano. Guardaria tudo que ela havia lhe ensinado. Belonísia lhe deu uma garrafa de mel e um terço com a imagem do Senhor dos Passos para que levasse consigo. Seria seu amuleto. Mesmo muito depois do carro ter deixado a fazenda e a família ter se recolhido aos seus afazeres, Belonísia permaneceu à porta. Bibiana envolveu-a por trás, enlaçando os braços em sua cintura, aninhando seu rosto entre o ombro e a orelha. Juntas fecharam os olhos e compartilharam a dádiva daquele instante. Entregaram-se àquele gesto por inteiro e experimentaram algo que poderiam chamar de perdão.

Assim, a trama se encerra, mostrando a vida dos trabalhadores descendentes de escravos que continuaram vivendo em uma fazenda, em algum lugar da Chapada Diamantina, no sertão da Bahia, nas décadas de 1970 e 1980, num regime próximo à servidão, somente enquanto puderem produzir e fornecer parte da produção, e sem construírem casas de tijolos para não demonstrar que estavam ali para ficar.

Ambientada com mestria, os elementos da paisagem local, da fauna e da flora, os costumes e crenças nos foram revelados de forma fascinante. Em especial, o jarê, uma prática religiosa de matriz africana com mistura do catolicismo e do espiritismo e que é exclusiva da Chapada Diamantina, além da sabedoria popular dos habitantes da fazenda.

Uma história comovente e inesquecível, com protagonistas, em sua grande maioria mulheres, muito fortes e marcantes retratando a vida e a morte de um povo sofrido que atravessa o tempo, com lutas, vitórias e derrotas, mas que nunca conseguem sair do anonimato.

2.9. Caracterização do espaço geográfico onde se passa a trama de Torto Arado

A trama se passa na fictícia Fazenda Água Negra, no sertão baiano, onde vivem trabalhadores descendentes de escravos em um regime muito próximo à servidão, enfrentando a violência, a seca, as crenças, as lendas e as religiosidades, típicas da ancestralidade africana.

Embora seja uma ficção, compreende-se que a trama se passa na Chapada Diamantina, na Bahia, pelas citações frequentes que Vieira Jr. faz das festas de Jarê, religião de matriz africana exclusiva dessa região, assim como menciona a encantada e os encantados. Percebe-se que a casa de Zeca Chapéu Grande era uma espécie de terreiro,

onde as pessoas eram internadas para serem tratadas por ele, com o auxílio de sua esposa Salustiana Nicolau.

Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais (Vieira Jr, 2018, p. 33).

Senna (1998) informa que o jarê floresceu no interior do estado da Bahia, mais especificamente na Chapada Diamantina. O surgimento do culto alude o século XIX, período em que a mineração se desenvolvia nessa região.

O candomblé é uma religião de matriz africana constituída no Brasil a partir do legado dos povos africanos. Embora tenha sua base fundamentada na cultura dos nagôs, o jarê difere-se do candomblé por ter se misturado com as religiosidades indígenas e cristãs. Gabriel Banaggia (2015) afirma que o termo jarê pode ter sua origem tanto no iorubá, significando quase cair ao solo ou cortar, estando assim relacionado aos seus rituais, quanto com a palavra “njale”, cerimônia praticada pelos caçadores das regiões da Nigéria e de Benin.

A encantada e os encantados também foram citados inúmeras vezes na obra de Vieira Jr., denominando a celebração da religião como brincadeiras de jarê. Gabriel Banaggia (2013) ressalta que as celebrações de jarê são vistas como divertimento, festa, tanto por seus membros quanto pelas divindades, chamadas de encantados.

Foi naquele período, nas festas de jarê que continuavam a acontecer, mais modestas, mas na esperança de se mobilizar o panteão de encantados para que trouxessem a chuva e a fertilidade à terra, que apareceu uma misteriosa encantada, de quem nunca havíamos ouvido falar. Nada se sabia sobre ela entre os encantados que corriam de boca em boca, muito menos havia sido vista se manifestar nas casas de jarê da região (Vieira Jr, 2018, p. 80).

Vieira Jr. retrata em *Torto Arado* (2018) os fatos históricos, apresentando, por meio da oralidade de suas personagens, o legado da escravidão, a estrutura social na pós-abolição, as mudanças ocorridas após a Constituição de 1998 onde os quilombolas passam a ter seus direitos reconhecidos e os moradores tomam consciência e se impõem contra as proibições do dono da fazenda, a fauna e a flora, ricamente descritas, já que os moradores estão intimamente ligados à natureza, assim como precisam dela para sobreviver (Pizzio, 2022).

As residências descritas por Vieira Jr. em *Torto Arado* (2018) eram feitas de barro e alvenaria, porém, os moradores de Água Negra não poderiam construir casas de alvenaria, apenas de barro. As famílias tinham suas casas, mas não as possuíam, eram constantemente lembradas que viviam ali de favor, por isso não havia como consertá-las, era preciso construir outra moradia de barro em outro lugar no terreiro.

Quando me senti melhor do ferimento, comecei a construir uma nova casa. Não há como consertar as casas de barro, então o jeito é construir uma nova, em outra parte do terreiro. Era assim com todos que moravam na fazenda: enquanto fazíamos a nova, deixávamos a antiga tombar ali mesmo (Vieira Jr, 2018, p. 142).

Proibir a construção de casas de alvenaria era uma maneira de impedir a fixação dos moradores e problemas futuros como pedido de usucapião por benfeitorias na área. Souza (2000) esclarece que os territórios possuem variadas escalas e uma natureza cíclica e exemplifica o barro, alegando que com o passar do tempo ele se desfaz e com a mesma terra constrói-se uma nova casa, repetindo-se tal processo inúmeras vezes, o que explica a proibição da edificação de casas de alvenaria pelos donos da terra que não queriam que os moradores ali se fixassem.

Apesar das mudanças lentas, muitas interdições impostas pelos fazendeiros ainda existiam. O dinheiro não era usado para a melhoria das casas, que continuavam a ser de barro, não podíamos construir casa de alvenaria. Mas o povo começou a melhorar o seu interior: colchões de espuma para substituir os colchões de palha de milho, uma cama, mesa e cadeiras, remédios, roupas e alimentos. Panelas e colchas que os ciganos vendiam de tempos em tempos em nossas portas (Vieira Jr, 2018, p. 155).

À medida que o tempo vai passando os moradores de Água Negra tomam consciência das relações de poder, configuradas pelo dono da terra e por quem vive nela, e pelos conflitos vividos entre as duas forças opostas, gerando dominação e resistência. Severo, ao liderar o sindicato, colaborava para que as discussões aumentassem, ao organizar o povo e incentivá-los a lutar por seus direitos e buscar melhorias em suas moradias. Por conta disso, a violência, usada como recurso dessa dominação e instrumento para silenciar as pessoas, levou a morte de Severo. Embora a violência tenha gerado medo nos habitantes, eles decidiram atender aos seus desejos de ter suas casas de alvenaria e começaram a construí-las, o que fez com que a paisagem da fazenda fosse mudando, assim como a relação de Salomão com os trabalhadores, obrigando-o a procurar a justiça para pedir reintegração de posse de todas as áreas ocupadas da fazenda (Pizzio, 2022).

Fazia algum tempo que os moradores decidiram levantar suas casas com materiais duráveis. Aconteceu antes da morte de Salomão. Era um desejo

antigo, sufocado pelos interditos. Queriam ter casas de alvenaria. Queriam moradas que não se desfizessem com o tempo e que demarcassem de forma duradoura a relação deles com Água Negra (Vieira Jr, 2018, p. 255).

Os moradores da Chapada Diamantina residem em pequenas casas de barros, nas quais não possuem nenhuma estrutura de saneamento básico. Vivem uma vida muito dura, difícil, com extrema pobreza, tendo como fonte de subsistência a agricultura familiar, o extrativismo e a pesca. Além de trabalhar nas terras dos fazendeiros, eles criam galinhas, porcos, fazem roças de diversos gêneros alimentícios, tudo para consumo próprio, e se possível, vender nas feiras livres para poderem comprar produtos que não produzem no local.

Nascer, viver e crescer na Fazenda Água Negra era para todo o sempre, inclusive após a morte, onde os moradores eram sepultados no cemitério da Viração. Quando a fazenda foi vendida, os novos donos decidiram fechar os portões do cemitério e proibir o sepultamento, alegando preocupação com o meio ambiente. Ainda que seja de forma autoritária, faz sentido tal impedimento, pois os moradores exploram os recursos naturais oferecidos pelo local, como as árvores, os rios, a terra, entre outros.

Bacigalupo (2012) ressalta que os cemitérios sempre foram locais onde se guardavam as memórias dos entes falecidos e por assim ser, ficaram por anos e anos sem terem estudos sobre esses lugares, mas hoje se faz necessário por colocar em risco a vida das pessoas que residem próximas a esses locais, além de contribuir para o impacto ambiental do meio físico.

Mediante o exposto anteriormente, não restam dúvidas de que o espaço geográfico em que se passa a trama de *Torto Arado* (2018) seja a Chapada Velha no sertão baiano, tampouco a época em que o livro retrata, pois no início do livro o autor afirma que as meninas Bibiana e Belonísia foram levadas ao hospital por uma Forda Rural, carro das décadas de 60 e 70, e no final do livro relata sobre os direitos quilombolas, o que ocorreu apenas após a promulgação da Constituição Federal de 1988.

A Chapada Velha localiza-se no centro-norte da Bahia, onde a partir da primeira metade do século XIX ocorreu uma grande exploração mineral e atraiu um grande número de pessoas em busca de riqueza. As personagens de *Torto Arado* (2018) não são garimpeiros, são trabalhadores rurais, descendentes de escravos, que vivem em regime de servidão, trabalhando dia a dia, sol a sol, sem receber nada por isso, apenas a morada para sua família e a permissão para ter uma pequena roça, desde que não atrapalhasse o trabalho na fazenda.

As dificuldades dos moradores não eram apenas em relação às condições precárias em que viviam, mas também estavam interligadas aos problemas climáticos típicos da Chapada Velha, como no trecho abaixo

Iniciou um período longo de estiagem, de modo que o pouco dinheiro destinado aos que construíam a escola, mesmo com os meses de atraso e o pequeno montante de recursos destinados ao pagamento da mão de obra, garantiu a sobrevivência de muitas famílias. Foi um tempo difícil. Meu pai se referia àquele período como a pior seca desde 1932. Aquele também foi o último ano que vi uma plantação extensa de arroz naquelas terras. O arroz depende de água, foi o primeiro a secar com a estiagem. Depois secaram a cana, as vagens de feijão, os umbuzeiros, os pés de tomates, quiabo e abóbora. Havia uma reserva de grãos guardada em casa e no galpão da fazenda. Com a seca veio o medo de que nos mandassem embora por falta de trabalho. Depois veio o medo mais imediato da fome. Os grãos passaram a rrear, o feijão acabou antes do arroz, e do arroz restava muito pouco. Havia um razoável suprimento de farinha de mandioca que algumas famílias fabricavam e trocavam por outros alimentos. Agora, mais que antes, seguíamos quase todos os dias para os rios para pescar, e a cada pescaria só conseguíamos capturar peixes cada vez menores, que só serviam para dar um gosto ao angu de farinha. Peixes grandes chegavam das cabeceiras das cachoeiras com as enxurradas, e como não caía nem um chuvisco, restavam apenas os menos nobres e menos desenvolvidos, como o cascudo e a piaba. [...] Disputamos a palma com o gado da fazenda. Havia uma parcela de terra destinada ao seu plantio. O cacto que se destinava à nossa alimentação estava em nossos quintais. Quem não foi previdente em ter sua própria plantação de palma, que acabaria com o passar dos meses, tinha que contar com a solidariedade de um vizinho, para garantir o cortado na mesa, guisado no azeite de dendê (Vieira Jr, 2018, p. 67-68).

Aproveitando os recursos oferecidos pela natureza local, Salustiana Nicolau, as comadres, Bibiana, Belonísia e Domingas colhiam buriti e dendê para serem vendidos na feira, na cidade, às segundas-feiras. Bibiana e Belonísia era quem levavam os produtos, e por não terem nenhum animal naquela época, levavam tudo na cabeça e na mão

Continuávamos a colher buriti e dendê para levar para a feira da cidade às segundas-feiras. Minha mãe, as comadres, eu, Belonísia e Domingas catávamos os frutos nas várzeas dos marimbus. Meu pai, Zezé e os outros moradores colhiam os cachos de dendê nos pés para prepararmos o azeite. [...] levávamos aquelas massas em sacos de linhagem na cabeça, pela estrada, para comerciar com as senhoras que faziam doce de buriti e sucos para vender. Pela estrada, debaixo do sol forte, a massa do buriti aquecido escorria pelas tramas da linhagem e nos besuntava com sua polpa gordurosa e alaranjada. Nossa pele negra ficava quase acobreada. Chegávamos à cidade envergonhadas da sujeira em nosso cabelo e roupas. Levávamos tecidos enrolados embaixo da cabeça para ajudar no equilíbrio do peso e amenizar um pouco o que escorria. [...] Não tínhamos animal naquele tempo, então era preciso contar com a força dos braços para carregar as sacolas de taboa com as garrafas cheias de azeite, chegando com as mãos inchadas e dormentes à feira (Vieira Jr, 2018, p. 69-70).

As condições climáticas judiavam dos moradores da Fazenda de Água Negra, pois após a grande seca, veio a cheia, e junto a ela grandes prejuízos. Boa parte das famílias havia armazenado farinha de mandioca fabricada ao longo dos meses. O povo de Água Negra passou a ir para a cidade escondido para vender o peixe e comprar mantimentos.

Mal havíamos saído da seca e passamos a sofrer com os prejuízos da cheia. Algumas casas, precárias, praticamente ruíram com a força da água e do vento. “Se a água não levar, a gente come”, meu pai me disse entre uma capina e outra no roçado. A água levou tudo. As roças viraram charcos e lagoas, e em vez da mandioca e da batata-doce, que apodreceram debaixo de tanta água, pegávamos cumbás, molés, cascudos e jundiás onde antes era sequeiro. Boa parte das famílias havia armazenado farinha de mandioca fabricada ao longo dos últimos meses. O povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimentos. Pescavam dia e noite, e só não conseguiam pescar em noite de lua nova porque os peixes ficavam com os dentes moles e não seguravam as iscas. Para despistar Sutério, os trabalhadores deixavam vara e anzol escondidos na mata da beira da lagoa ou amarrados em galhos de árvores (Vieira Jr, 2018, p. 106-107).

A vida na Chapada Velha é muito difícil e sofrida. Tudo é resolvido a pé ou a cavalo, a uma distância muito grande. Vieira Jr. (2018) relata o sofrimento dos moradores de Água Negra em vários momentos da obra. No começo do livro, ele narra a dificuldade em levar as irmãs Bibiana e Belonísia para o hospital após se ferirem com a faca de Donana, foi preciso pedir ao gerente da fazenda para que as levasse com a Ford Rural. As dificuldades de locomoção também são mostradas em outras situações durante o decorrer da história, como o momento em que elas vão para a feira vender o buriti e o dendê e precisam andar muito a pé por não possuírem nenhum animal, quando Bibiana vai fugir de casa com o primo Severo que precisam ir andando até conseguir uma carona e quando Belonísia vai embora com Tobias usando um cavalo como meio de transporte.

Enfim, o convívio com o semiárido, a dicotomia homem/natureza, fazem com que os moradores da Chapada Velha sobrevivam a tudo e a todos.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter qualitativo tem como base metodológica a análise do discurso proposta por Maingueneau (2006). Esta análise, usará a classificação de Orlandi (2012), na qual ocorrem três etapas sequenciais.

Na primeira etapa é realizado o tratamento analítico, ainda superficial. Neste momento se tem o primeiro contato com a obra; momento em que é realizada a primeira leitura, a conexão do leitor com o texto, a análise textual, a análise preambular do conteúdo e da estrutura, a identificação de palavras e expressões desconhecidas, o tema da obra, a forma como o texto foi estruturado, enfim, uma visão geral sobre o livro, em que se define o corpus que será analisado dentro da obra. Também, identifica-se a oportunidade de analisar discursivamente os conflitos vividos pelas personagens na perspectiva do que é proposto pelo ODS 5. Nesta fase também são identificados os

recortes textuais para serem analisados e estão relacionados aos objetivos da pesquisa.

Na segunda etapa, o livro é analisado a partir dos fenômenos linguísticos que incidem sobre ele, como a paráfrase, a polissemia e a polifonia, visando compreender como um objeto discursivo produz sentido, como recomenda Orlandi (2012) que alerta que compreender é saber que o sentido pode ser outro e que a linguagem é histórica. Tais fenômenos linguísticos permitirão compreender como os processos discursivos estão articulados em termos de estrutura linguística e acontecimento.

Na terceira etapa se evidencia a relação entre o discurso e o seu contexto. Destaca-se que todos esses elementos serão analisados na obra *Torto Arado* (2018), partindo das informações previstas no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 que visa “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2015). Tal objetivo tem a orientação de seis objetivos específicos que apresentam elementos considerados essenciais para que seja atingida a igualdade de gênero e o empoderamento feminino pretendido. Esses elementos irão dar base de condução analítica à leitura crítica da obra *Torto Arado* (2018). Assim, a leitura será realizada tendo os seguintes objetivos como fios condutores:

5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte; **5.2** Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos; **5.3** Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas; **5.4** Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais; **5.5** Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública; **5.6** Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão; **5.a** Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais; **5.b** Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres; **5.c** Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis (ONU, 2015).

Nesse sentido, durante a leitura, seguindo os princípios da ADL serão seguidas as seguintes linhas condutoras da análise: Quem diz; Como diz; O que diz. A partir daí é elaborado o quadro da ADL que prevê os seguintes elementos: análise transfrástica (a

frase ultrapassa o sentido do texto); ideias-força do discurso literário; discurso como ação; a interação no discurso; a orientação do discurso; o contexto do discurso; o sujeito do discurso; as normas do discurso; o interdiscurso (como ele se insere dentro de outro discurso, aqui no caso o do ODS 5).

Feita a Análise do Discurso Literário (ADL), são analisados os conflitos vividos pelas personagens femininas na obra *Torto Arado* (2018). As personagens femininas são mulheres que se aproximam da realidade vivida pelas mulheres reais da Chapada Diamantina, trabalhadoras que trazem consigo a herança da escravidão, quilombolas, negras que vivem incansáveis batalhas na fictícia Água Negra, um local de miséria e abandono social, como a Chapada Velha na Bahia.

Todos os conflitos vividos pelas personagens femininas de Vieira Jr. (2018) são observados e estudados em relação ao ODS 5, como a violência, a discriminação, o reconhecimento do trabalho doméstico não remunerado, políticas de redução das desigualdades de gênero, entre outros.

Consideradas as dissidências experienciadas pelas figuras femininas de *Torto Arado* (2018) é feita uma análise sobre as dificuldades para se atingir o ODS 5, onde a desigualdade é o principal motivo para que se alcance a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, obtendo assim uma sociedade justa.

Nessa perspectiva são analisadas as experiências vivenciadas pelas mulheres de *Torto Arado* (2018) e quais os impedimentos para que se consiga alcançar a igualdade de gênero e acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda a parte.

Analisada nesses aspectos, a obra de Vieira Jr. (2018) apresenta uma riquíssima oportunidade para se discutir sobre o empoderamento de meninas e mulheres, diminuindo a desigualdade de gênero, especialmente no ambiente rural.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análise do discurso como recurso de resistência em *Torto Arado*

A análise do discurso presente na obra *Torto Arado*, realizada neste espaço não intenta uma apresentação linear da obra, mas perpassa por momento múltiplos da obra capazes de produzir uma conexão causal ao texto. Em um primeiro momento a análise não fará menção direta aos excertos analisados de *Torto Arado*, mas antes, apresenta um debate sobre a historicidade e temporalidade que mobilizam os sentidos e representações

da obra, para em seguida, de forma fluída adentrar à uma análise direta sobre os excertos fundamentais que ajudam a explorar e analisar cientificamente o discurso de Torto Arado.

A análise do discurso é uma das áreas mais importantes das ciências humanas e sociais, pois permite a compreensão e interpretação das formas de comunicação que permeiam a sociedade por meio da linguagem. Essa análise é capaz de revelar as relações políticas, sociais e econômicas que se refletem na linguagem e que muitas vezes passam despercebidas aos olhos do público em geral. A análise do discurso tem sido aplicada em uma variedade de campos, desde a política até a publicidade, da literatura aos discursos religiosos.

O objetivo é compreender a forma como as estruturas sociais e políticas são refletidas na linguagem utilizada em cada contexto. Um exemplo dessa importância pode ser visto na análise do discurso dos discursos políticos. Por meio dessa análise, é possível entender como as diferentes ideologias políticas são transmitidas ao público por meio da linguagem, bem como como os discursos de representantes políticos podem ter um impacto na sociedade (Fairclough, 2003).

A análise do discurso também é importante na compreensão da construção de identidades sociais. Por meio da análise da linguagem em diferentes contextos culturais, é possível entender como as identidades são construídas e negociadas ao longo do tempo e como a linguagem pode ser usada para fortalecer ou desafiar essas identidades. Em suma, a análise do discurso é uma ferramenta essencial para a compreensão das formas de comunicação presentes na sociedade e na construção das identidades e relações políticas e sociais. Por essa razão, é uma área de grande importância nas ciências humanas e sociais. A análise do discurso tem uma importância social significativa na compreensão e interpretação das formas de comunicação presentes na sociedade e nos diversos discursos que a constituem (Maingueneau, 2005).

Por meio deste modelo de análise, é possível entender como as estruturas sociais e políticas se refletem na linguagem. A importância da análise do discurso como ciência está na sua capacidade de revelar as relações de poder, ideologias e formas de dominação que se manifestam por meio da linguagem. Ao analisar o discurso de diferentes fontes, como textos políticos, discursos midiáticos, ou obras literárias como Torto Arado, ou mesmo em conversas cotidianas, podemos entender as mensagens e intenções que estão subjacentes a essas formas de expressão.

Além disso, a análise do discurso pode ajudar a desmascarar ideologias e discursos opressores que perpetuam discriminação e preconceito contra grupos marginalizados.

Podendo contribuir também para a construção de discursos mais justos e inclusivos, permitindo a expressão das vozes subalternas e a promoção da diversidade cultural. Portanto, a análise do discurso é uma ferramenta importante para entender as complexidades da sociedade e as formas como a linguagem é usada para manter e transformar as relações de poder. Sua importância social é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Orlandi, 1999).

O livro *Torto Arado* apresenta uma linguagem rica e complexa, permeada de elementos que são de grande importância na análise do discurso. Por meio dessa análise, é possível observar como se relacionam as questões políticas, sociais e econômicas presentes na obra. Ao fazer uso da análise do discurso, pode-se observar como se constrói a personagem principal do livro, bem como as relações de poder e dominação presentes na obra (Orlandi, 1999).

O livro também aborda temas como desigualdade social, preconceito e a resistência dos trabalhadores rurais. Esses temas são abordados de maneira extensa e cuidadosa, possibilitando uma reflexão crítica sobre a realidade social do Brasil. Com a análise do discurso em *Torto Arado*, é possível observar como o autor utiliza a linguagem para retratar e criticar as estruturas sociais e políticas presentes na sociedade brasileira.

Itamar Vieira Júnior narra, em *Torto Arado*, a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que vivem na zona rural da Bahia, no Nordeste do Brasil. A obra aborda questões importantes sobre a identidade brasileira, a exploração do trabalho no campo, as desigualdades sociais e a luta pela sobrevivência.

A história se passa em duas épocas diferentes: a primeira, no final do século XX, retrata a vida das irmãs e de sua família em uma fazenda de gado, desvelando permanências estruturais na sociedade brasileira até mesmo na atualidade. A capacidade de Itamar Vieira Junior ao produzir a arquitetura narrativa de sua premiada obra, ao transformar a linguagem dura da narrativa histórica em um romance histórico, passa ao longe de incorrer no famigerado risco do anacronismo. Mas antes, desmonta com sutileza que faz o próprio leitor perceber as permanências estruturais da narrativa na atualidade.

A segunda época retrata, alguns anos depois, uma narrativa que mostra Bibiana e Belonísia adultas, já trabalhando em outras fazendas, mas ainda lutando para superar as dificuldades da vida no campo. O livro apresenta uma linguagem poética e regionalista, com expressões e termos próprios do dialeto sertanejo. Essa característica da obra contribui para a construção da identidade das personagens e para a valorização da cultura local.

Torto Arado também aborda a relação das personagens com a terra, o trabalho e a luta pela sobrevivência. No contexto rural do Nordeste brasileiro, a terra é um elemento fundamental para a subsistência das famílias e, ao mesmo tempo, um objeto de disputa e de opressão das elites locais. Além disso, a obra também trata de questões raciais e de gênero, mostrando a dura realidade das mulheres negras no campo.

A personagem Bibiana, por exemplo, é retratada como uma mulher forte e corajosa, que luta para proteger sua família e sua cultura, enfrentando a discriminação racial e de gênero. Em resumo, o livro Torto Arado apresenta uma narrativa sensível e emocionante sobre a vida no campo e as lutas dos povos tradicionais no Brasil. A obra aborda temas como a identidade, a exploração do trabalho, as desigualdades sociais, a relação com a terra e a luta pela sobrevivência, revelando a realidade do Nordeste brasileiro e as diversas formas de resistência e de luta de seus habitantes.

Itamar Vieira Júnior apresenta em sua narrativa questões relacionadas que remetem também ao ODS 5 na luta pela Igualdade de Gênero. A obra evidencia a luta das personagens femininas, especialmente Bibiana e Belonísia, pelo reconhecimento e valorização de suas identidades e direitos, em um contexto de intensa opressão patriarcal e machista. Além disso, o livro também traz à tona a violência sexual e a exploração do corpo feminino, questões que ainda persistem na sociedade brasileira e que são importantes de serem discutidas e que serão demonstradas no curso desta análise.

A obra leva a refletir sobre a importância de se discutir a igualdade de gênero e de se lutar por políticas e ações efetivas para garantir os direitos das mulheres, tanto no âmbito social quanto no âmbito político e econômico. O ODS 5, nesse sentido, é fundamental para se alcançar uma sociedade mais equitativa, justa e livre de preconceitos e discriminações. A obra Torto Arado se insere também nesse contexto relevante e necessário, ao trazer em sua narrativa uma crítica social e política sobre as condições de vida e trabalho das mulheres brasileiras.

A obra de Itamar Vieira Júnior traz também uma representação impactante do conflito entre a sociedade e a natureza, ao retratar a vida no campo de forma realista, mostrando as dificuldades enfrentadas pelas personagens para sobreviverem em um ambiente hostil e árido. Além disso, a narrativa também denuncia a intensa exploração dos recursos naturais, realizada pelo homem, evidenciando os danos causados ao meio ambiente e à vida dos próprios habitantes da região. A obra faz uma importante crítica à falta de equilíbrio na relação da sociedade com a natureza, chamando a atenção para a

importância da preservação ambiental e para a necessidade de uma convivência harmoniosa entre sociedade e natureza.

A obra de Itamar Vieira Junior é repleta de símbolos e significados que evocam desde o princípio um lugar comum de identificação social, repleto de símbolos cotidianos que remetem o (a) leitor (a) a uma percepção de acolhimento, pertencimento e de identificação com o real e os objetos descritos no livro. O texto de Vieira Junior remete o leitor a uma teia de significações simples à primeira vista, mas que restaura modelos potentes e complexos de significações e sentimentos, desde a faca que delicadamente é retirada de uma mala e envolta por um tecido, que apresenta marcas de uma temporalidade vivida, capaz de desenhar por meio da escrita, hábitos, costumes, afetos e, sobretudo, a identidades das personagens.

A temporalidade expressa pelo autor em primeira instância, para um (a) leitor (a) não familiarizado (a) com a ordenação histórica tradicional parece estar localizada em um passado remoto, marcado pela narrativa da história central, composta pela família da personagem Zeca Chapéu Grande, Salustiana e suas duas filhas, Bibiana e Belonísia, estas, descendentes de escravizados, pois seu “pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós” (Vieira Junior, 2018, p.16). A obra de Vieira Junior é tão potente que durante a leitura torna-se uma tarefa difícil saber se o romance está localizado no passado ou no tempo presente repleto de permanências opressivas.

Em um primeiro momento, a linguagem de Itamar Vieira Júnior localiza a obra em um cenário fictício, a Fazenda Água Negra, mas não menos histórico. A história então pode ser localizada quase que em uma perspectiva atemporal, sobretudo por revelar um forte condicionamento histórico-filosófico expresso pelo romance, naquilo que Georg Lukács (2011), denominaria por romance histórico. Um modelo textual composto por um romance que se manifesta na dissolução contraditória de sentidos múltiplos que evocam a heterogeneidade das representações sociais e simbólicas, organicamente organizadas para proposital e repetidamente aboli-las (Lukács, 2011).

Esta afirmação pode ser compreendida ao se notar que a obra em diversos momentos, desde a primeira frase do romance, unifica o (a) leitor (a) em torno de um *ethos* e símbolos comuns e heterogêneos, expressos por objetos como a faca, o lençol encardido, a mala, o terreiro, ou mesmo “as bonecas feitas de espigas de milho colhidas na semana anterior”, para depois trazer as personagens ao centro narrativo e a teia de significados que ajudam a desvelar sentimentos complexos como a insegurança, a

violência, a precarização e outras características espaço ambientais que permeiam toda a obra.

Este movimento discursivo expresso na linguagem arquitetada magistralmente por Itamar Vieira revela grande potência na construção empática estabelecida entre o leitor, a obra e as personagens (escravizados e descendentes destes). A exemplo desta afirmação, nota-se em um primeiro momento que as personagens são sujeitas de origem e identidade marcadamente afrodescendentes. Ao ter estes aspectos em mente, Vieira Junior constrói uma narrativa que em um primeiro momento produz verossimilhança por meio de objetos, seja no leitor da mesma origem social ou em pessoas brancas, para logo em seguida, ao captar a identificação do leitor, desmembrar o discurso para uma realidade etnográfica própria à identidade dos personagens.

Esse recurso discursivo então, torna possível que o leitor que não ocupa o local de fala e experiência das personagens, se coloque, de algum modo, dentro dos sentidos evocados pela narrativa. Esta análise, em hipótese alguma visa apontar que a obra de Itamar Vieira Junior tenha sido construída no intuito de atingir determinada representação de branquitude, mas antes, a obra acaba por voluntariamente manifestar um discurso ao mesmo tempo ambientalista, antirracista, contra misoginia, contra as limitações da sexualidade, contra a aporofobia (neologismo que faz menção à aversão à pobreza) revelados pelo cotidiano, ao expressar sensações comuns como brincadeiras, cheiros, para depois realizar uma quebra de expectativa direta, ao localizar tais problemáticas como resultados social da marginalização das camadas sociais subalternizadas.

Neste sentido, o autor de *Torto Arado* produz o que Cardoso (2019, p.7), referindo-se a Gumbrecht, descreve como “clima histórico ou atmosfera histórica”, denominada por Gumbrecht (2010), no conceito de *Stimmung*, a saber, um tipo de experiência que sugere “a presença de um toque material”. Na concepção de Cardoso (2019, p.7), esta “concepção produz sentimentos de desalento e desconsolo (uma espécie de clima e experiência que toca os corpos dos indivíduos interiormente), impossibilitando sua compreensão através de conceitos”.

Essa definição é denominada por Gumbrecht como efeitos de sentido, que, gerados pela narrativa, pode ser entendido com o conceito de clima histórico (Gumbrecht, 2010). A noção de clima histórico na construção discursiva, é descrita por Cardoso (2019, p.7), como tipo narrativo no qual as personagens podem se “relacionar com o passado em termos de apresentação e representação destes climas”, e deste modo sejam capazes de criar estratégias no presente com “o objetivo de se relacionar com o passado”, modelando

e tecendo assim a construção de identidades próprias as personagens, mas compartilhadas no sentido histórico e social.

O caráter ficcional de Torto Arado, expresso, por exemplo pelo local da narrativa (a fazenda), pode ser entendida como uma ficção histórica no sentido expresso por Lukács (2011), mas que é permeada de rupturas, descontinuidades e permanências de um passado opressor que a todo momento é atualizado no presente pela narradora testemunha, com discursos que se manifestam como uma espécie de etnografia memorialística de camadas subalternizadas e marginalizadas.

O cenário descrito em Torto Arado de forma absolutamente bem organizada sintetiza a cor local que compõe a experiência das personagens. Regina Zilberman (2017, p.19), define “cor local enquanto sinônimo de manifestação de identidade e singularidade”. A definição conceitual pode ser relacionada com a obra de Vieira Junior pelo fato de a linguagem textual exprimir e compor imagens do sertão brasileiro e suas caracterizações sociais, como o latifúndio, o servilismo, as representações da violência, do silenciamento, a seca, as crenças e religiosidades que desvelam a mestiçagem expressa na cultura e ancestralidade de matriz africana reveladas em Torto Arado.

Tais aspectos são enfrentados na narrativa por um tipo de despersonalização vivida pela personagem Belonísia, a qual Itamar Vieira Junior (2018, p.7), dá voz ao descrever que:

O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito. Arisca, parei de ir para a escola mesmo sabendo qual a vontade de meu pai. Mesmo admitindo que aquilo fosse uma pequena frustração para ele, que labutou para que Água Negra tivesse uma escola para os filhos dos trabalhadores, enfrentando os sentimentos enviesados dos donos que só não foram contra a ideia porque o prefeito resolveu dar o nome do senhor pai deles à construção. Para eles era mais uma benfeitoria, não uma escola que daria estudo aos filhos da gente da fazenda. Os rapazes não se aproximavam de mim, ou porque me achavam feia, ou porque não poderiam conversar comigo, principalmente sem a interseção de Bibiana, ou porque me viam como um desafio, alguém que desafiava a força, o que achavam ser privilégio dos homens. Era assim que me sentia. Mas ali, na casa do homem com quem vivia, nos limites daquele casebre de paredes que ruíam, era uma intrusa. Não me sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos.

No trecho a narradora testemunha descreve suas angústias e insatisfações em relação à sua vida e ao ambiente em que vive. Ela revela que parou de ir à escola, apesar dos esforços de seu pai para proporcionar educação aos filhos dos trabalhadores da fazenda. A personagem também descreve sua dificuldade em se comunicar com os rapazes da fazenda, seja pela falta de interesse deles ou pelo fato de ser vista como um desafio por desafiar a força e a masculinidade. A personagem se sente uma intrusa na casa

do homem com quem vive e não se sente à vontade para expressar seus sentimentos com calma, sem recorrer à violência nos gestos. O trecho revela a complexidade das relações de poder e das expectativas sociais em uma comunidade rural, manifestadas nos trechos que seguem respectivamente às suas análises, a saber:

Nunca havíamos andado na Ford Rural da fazenda ou em qualquer outro automóvel. E como era diferente o mundo além de Água Negra! Como era diferente a cidade com suas casas grudadas umas às outras, dividindo paredes. As ruas calçadas com pedras. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia. Só pudemos observar tudo aquilo durante o retorno, em lados opostos do veículo, com nossa mãe no meio, absorta em pensamentos que nosso alarido havia precipitado em seu íntimo. (Vieira Jr, 2018, p.12)

O trecho de Torto Arado apresenta uma linguagem poética e descritiva que aborda a relação entre as personagens e o ambiente em que vivem. A partir da compreensão das estruturas discursivas, se pode observar como o autor apresenta a relação das personagens com a cidade e a fazenda em que vivem. Com a descrição dos elementos materiais, como a diferença entre casas de parede dividida e casas de barro, o autor constrói uma imagem que permite o entendimento sobre a relação das personagens com o espaço em que vivem.

Além disso, o trecho apresenta a ideia da universalidade da morte, mostrando que todos irão para o mesmo lugar, independentemente de sua condição social. Dessa forma, a análise do discurso permite que se possa olhar para além do texto e compreender as mensagens que o autor está tentando transmitir. Ele permite o entendimento de como as diferentes estruturas sociais, políticas e econômicas se refletem na linguagem e como essa linguagem pode ser usada para construir uma imagem mais rica e complexa da sociedade.

Itamar Vieira segue sua narrativa fazendo menção ao espaço escolar, apontando a fala da narradora testemunha:

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã mais velha e minha mãe do que da professora sem paciência que dava aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente. Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não

posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, diziam muita coisa. (Vieira Jr, 2018, p..70)

Nesse trecho, o autor apresenta uma perspectiva crítica sobre o sistema educacional e as desigualdades sociais que afetam a vida das personagens. A partir da descrição da experiência da personagem em relação à escola e aos conteúdos apresentados pela professora, o autor evidencia a falta de interesse e a dificuldade das crianças em se adaptar e aprender devido ao contexto social opressor e desigual em que vivem.

A personagem principal, que é muda, não encontra na escola um ambiente propício para aprender, mesmo com a atenção da professora, que parece estar tentando ajudá-la. O autor apresenta a falta de interesse da personagem em relação à escola e seu desejo de estar mais próxima da sua vida na roça, o que pode sugerir a desconexão entre a realidade das personagens e o conteúdo apresentado na escola.

Além disso, o autor também critica a abordagem da história do Brasil conduzida pela professora, que parece limitada e fantasiosa, sem lidar com a complexidade das questões sociais e culturais do país. O trecho ilustra como a educação é vista como uma forma de dominação e controle social, ao invés de ser um meio para o desenvolvimento e aprimoramento intelectual das pessoas.

Somado a este cenário, a obra também retrata as disputas e mazelas concentradas em torno da exploração do meio ambiente e das disputas por poder e riqueza. Este momento emblemático da obra expressa pelo discurso impactante exposto pela narradora, ao destacar:

(...) homens fazerem tratos de sangue, cortando sua carne com os punhais afiados, marcando suas mãos, suas frentes, suas casas, seus objetos de trabalho, suas peneiras de cascalhos e bateias. Vi homens enlouquecerem sem dormir, varando noite e dia no rio Serrano, nas serras, nos garimpos, entocados na escuridão para ver o brilho mudar de lugar. O diamante tem feitiço e no breu podemos ver seu reflexo, de fazer cegar uma coruja, quando anda de um lugar para outro, como um espírito saindo de uma serra, cruzando o céu e descendo num monte ou num rio, na forma de uma luz que chamava a atenção mesmo distante. Os homens enlouqueciam assim, esperando o amanhecer e abrindo fendas no chão onde achavam ter visto a luz entrar, para não encontrar nada. Enlouqueciam sem comer ou tomar banho. Morriam dentro dos buracos ou de tentar apanhar as pedras das mãos dos que haviam encontrado. Morriam de fome, porque toda a energia de seus corpos e mentes era para apanhar o diamante (Vieira Jr, 2018, p.150).

Nesse trecho, o autor apresentou um retrato da realidade das pessoas que trabalham nos garimpos em busca de diamantes. É evidente que esse trabalho é

extremamente duro e perigoso, e que muitas pessoas se arriscam e até morrem na busca por esse tesouro. O autor descreve a obsessão dos garimpeiros por encontrar diamantes, algo muito valioso. Alguns chegam a perder a noção do tempo e da realidade, trabalhando sem parar, sem se alimentar e sem descansar.

A descrição das cenas é muito forte e impactante, mostrando a dimensão do sofrimento humano envolvido nesse processo. O autor também destaca a magia e o mistério que envolvem o diamante, que é comparado a um feitiço. Essa visão mítica e poética do diamante contrasta com a realidade crua e perigosa do trabalho nos garimpos, criando uma atmosfera de tensão e mistério, expressa pela sentença - “o diamante se tornou um enorme feitiço, maldito, porque tudo que é bonito carrega em si a maldição” (Vieira Junior, 2018, p.150).

Essa sentença do livro em análise é uma frase reflexiva que demonstra uma crítica às relações humanas e aos valores da sociedade em que se vive e do contexto histórico que perpassa a obra. O diamante, símbolo de riqueza e sucesso, é apresentado pelo autor como um objeto amaldiçoado, que atrai e corrompe as pessoas, fazendo com que elas percam sua humanidade e seus valores éticos e morais. A metáfora do feitiço sugere que o diamante exerce um poder hipnótico e até mesmo demoníaco sobre as pessoas, levando-as a se submeterem cegamente ao seu desejo.

Essa reflexão é importante na história, que se passa no sertão baiano, onde a extração de diamantes é uma atividade central na economia local. A frase sugere que a busca pelo lucro a todo custo pode levar as pessoas a perderem a noção de seus valores e princípios éticos, deixando de lado o bem-estar coletivo e a preservação dos espaços ambientais, expressos pela personagem Zeca Chapéu Grande, com o qual a personagem se:

(...) embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento — bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar (Vieira Jr, 2018, p.72).

Este trecho do livro *Torto Arado* é muito interessante, pois apresenta uma perspectiva diferenciada das formas de aprendizado. Aqui a natureza e a sabedoria popular são valorizadas em detrimento do conhecimento científico, que muitas vezes é visto como algo artificial e descolado da realidade. O autor utiliza a figura de Zeca

Chapéu Grande para mostrar como a floresta é um lugar de aprendizado e descoberta, onde é possível adquirir conhecimentos sobre a natureza e a vida que não se encontram nos livros ou nas salas de aula.

O trecho mostra como a linguagem usada por Zeca é diferente da linguagem da professora, apresentando uma forma mais poética e metafórica de falar sobre o mundo. Por fim, a reflexão sobre o vento e a viração, bem como a relação entre o movimento e a vida, também é muito significativa, pois evidencia que a vida é um processo constante de transformação e que a própria natureza é o espelho desse movimento.

No âmbito das relações de gênero vivenciadas pela narradora testemunha, uma forte sentença é marcadamente expressa por Belonísia, ao falar que “cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida.” (Vieira Jr, 2018, p.194)”. Este trecho do livro *Torto Arado* apresenta-se como uma reflexão sobre a força e o poder feminino dentro da natureza da mulher, que é muitas vezes subestimado e esquecido pela sociedade pelo silenciamento e opressão de gênero.

A metáfora do rio, que flui da vida da mulher, é uma imagem forte e poética que representa a vitalidade e a energia presente em cada mulher. A profundidade e a força da torrente são um símbolo da capacidade da mulher de lidar com os desafios e superar os obstáculos da vida. Ao afirmar que "cada mulher sabe a força da natureza", o autor destaca a autoconsciência e a autoconfiança que as mulheres precisam ter para reconhecer e abraçar sua própria força, algo que muitas vezes é desencorajado pela cultura patriarcal. Desta forma, o trecho aborda não só a importância da autoestima feminina, mas também a necessidade de uma mudança na mentalidade social para que a força e a capacidade da mulher sejam valorizadas e respeitadas em todas as esferas da vida.

A experiência do tempo vivida pela personagem em seu cotidiano é marcada em amplos sentidos pela violência, como fica demonstrada em sua fala, ao destacar que viu “tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos”. (Vieira Junior, 2018, p.153). Este trecho do livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior é uma reflexão sobre a crueldade da humanidade e como ela pode ser destrutiva para os sonhos e esperanças das pessoas.

O autor utiliza a imagem da crueldade como algo que a personagem já presenciou muitas vezes ao longo de sua vida, o que sugere que essa é uma questão comum e recorrente na sociedade em que ela vive. Ao mesmo tempo, a ideia do autor da personagem se "comover" mesmo estando "calejada", sugere um sentimento de empatia e compaixão, mesmo diante de tanto sofrimento. A frase "os homens derramando sangue

para destruir sonhos" é uma expressão poderosa que resume a ideia central do trecho. Essa imagem é uma metáfora da violência e da destruição que a crueldade pode causar, e também sugere que os sonhos e esperanças são frequentemente vítimas dessa violência.

O autor expressa o sentimento da personagem ao descrever de forma poética e potente que em sua vida, onde “então sentiu que desde sempre o som do mundo havia sido a sua voz” (Vieira Junior, 2018, p.186) Esse excerto revela uma reflexão sobre a identidade e o papel de uma pessoa na sociedade. O autor utiliza a imagem do "som do mundo" para representar todas as vozes da sociedade e todas as influências que moldam uma pessoa ao longo da vida. A partir do uso da palavra "então", o autor sugere que uma pessoa pode ter uma epifania em relação à sua identidade quando percebe que sua voz é uma parte integrante do som do mundo. Essa ideia pode ser interpretada como uma reflexão sobre o papel e a importância de cada indivíduo na sociedade, e como as vozes individuais se combinam para formar a harmonia (ou a desordem) do mundo. Além disso, a frase sugere uma sensação de pertencimento e de conexão com o mundo e com as outras pessoas, e a ideia de que a voz de uma pessoa pode ser valiosa e significativa para o todo.

O tema sensorial da escuta na obra de Vieira Junior parece ultrapassar a ideia da escuta como som ao ampliar seu sentido comum dando ao som o sentido de vibração que se estendem a todos os sentidos humanos, mas também à experiência proporcionada pelo contato com o ambiente, pois “meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Com um médico à procura do coração” (Vieira Junior, 2018, p.73). O trecho parece se apresentar como uma reflexão sobre a sabedoria e conhecimento tradicionais, particularmente em relação à agricultura e à medicina.

O pai do narrador é retratado como alguém que tem uma conexão profunda com a terra e com a natureza. Ele utiliza a terra como uma espécie de "oráculo" para encontrar respostas para seus problemas na roça. O fato do pai do narrador se deitar sobre a terra sugere uma forte conexão física e emocional com a natureza. A comparação com um médico procurando o coração sugere que a sabedoria tradicional pode ter um valor aproximativa com a medicina moderna. Isso ressalta a importância de reconhecer e respeitar as tradições e conhecimentos de diferentes culturas e comunidades.

Essa percepção e experiência espacial com o ambiente é reveladora do sentido de pertencimento evocado pela obra, mas que a todo momento é oprimido pela dureza da vida em um contexto de exploração tanto material quanto físico e emocional daqueles que se sentem pertencentes ao espaço e que a todo momento veem esse espaço ser subtraído

pouco a pouco de seus cotidianos. Todavia, a experiência de opressão também encontra resposta na narrativa ao apontar um discurso de resistência às imposições postas pelo sistema ao qual critica, expressa pela frase:

Mas não vamos desistir. Essa semente que Severo plantou por nossa liberdade e por nossos direitos não irá morrer. Foi um que se foi. Meu companheiro e pai de meus filhos. Mas somos muitos ainda nesta fazenda. Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar (Vieira Jr, 2018, p.164).

Esse trecho do livro *Torto Arado* traz uma reflexão sobre a resiliência e a capacidade de sobrevivência em face de adversidades. A imagem da árvore representa a força e a permanência, enquanto o fruto representa algo que é temporário e efêmero. A frase "Foi embora um fruto" sugere a perda de algo importante, mas a declaração de que "a árvore ficou" é uma afirmação de que a fonte de vida ainda está presente. A ideia de que as raízes da árvore são "muito fundas" sugere que a força da árvore é profunda e resistente, tornando-a difícil de ser erradicada. Esta frase pode ser interpretada como uma mensagem de esperança e perseverança em face de dificuldades e perdas, evocando a ideia de memória.

A obra segue com afirmações fortes sobre as opressões fruto da marginalização espacial, psicossocial e econômica das personagens, ao elaborar um discurso etnográfico da violência institucional produzida pela violência policial, ao destacar que:

Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio (Vieira Jr, 2018, p.164).

O trecho do livro *Torto Arado* apresentado traz uma crítica social ao sistema policial e judiciário que muitas vezes age discriminatória e violentamente contra as pessoas negras nas periferias. A personagem afirma que a polícia usa a desculpa de drogas para invadir as casas das pessoas negras na periferia e matá-las, sem que haja necessidade de um julgamento justo.

A afirmação de que "a polícia tem licença para matar" sugere que há uma permissividade institucional em relação à violência policial, especialmente contra as pessoas negras. A última frase "nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio" revela a percepção das pessoas negras da periferia sobre a violência policial,

e sua compreensão de que essas ações não têm como objetivo a justiça, mas sim o extermínio da população negra e periférica, e prossegue:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos (Vieira Jr, 2018, p.162,163).

Nesse trecho, a personagem narra a continuidade da opressão e da exploração do povo negro após a abolição da escravatura. A personagem argumenta que a liberdade conquistada pelos negros foi uma ilusão, pois as condições de vida precárias e a submissão ao trabalho continuaram. A afirmação "O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada" revela o desamparo e a vulnerabilidade em que o povo negro ficou após a abolição da escravatura, tendo que aceitar trabalhos sem remuneração nem moradia adequada.

A personagem também destaca que a mesma exploração intensa imposta pelos senhores de engenho continuou sob uma nova roupagem, sendo a escravidão "fantasiada de liberdade". Além disso, a personagem pontua que muitas das restrições impostas aos negros, como a proibição de construir casas de alvenaria ou plantar as culturas que preferiam, impediam que eles tivessem a tão sonhada autonomia e liberdade.

A descrição da rotina de trabalho extenuante e sem remuneração suficiente, trabalhando de domingo a domingo e sem tempo livre para descanso, demonstra a exploração e o esgotamento a que os negros eram submetidos. A imagem dos homens morrendo de exaustão e problemas de saúde quando ficavam mais velhos expõe a crueldade e a precariedade da vida dessas pessoas. Em suma, o trecho analisado revela a continuidade da opressão e exploração do povo negro após a abolição da escravatura, expondo como a liberdade conquistada foi apenas uma ilusão, com muitas das condições precárias da época sendo mantidas sob uma nova roupagem.

A denúncia da personagem continua a se desenvolver em seu forte discurso, quando relata seu encontro com a personagem "Miúda ainda muito nova", onde foi se:

(...) acostumando a me movimentar dentro das camadas de saias que vestia quando foi amadurecendo mulher. Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos. Pretos não eram bem-vistos, tinham que deixar a terra. Então dizia que era índia. Os outros diziam que eram índios. Índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam. Os outros torciam o bico, porque viam que eram pretos (Vieira Jr, 2018 p. 166).

No momento da obra transcrito na citação, a personagem narra a estratégia de sua família e de outros negros da região para se proteger da discriminação racial. A personagem relata que sua família e seus conhecidos negavam suas origens afro-brasileiras e preferiam se identificar como índios (indígenas), a fim de evitar perseguições e serem expulsos de suas terras. A estratégia adotada pela personagem e pelo povo da região revela a opressão vivenciada pelos negros no Brasil, onde a cor da pele era determinante para a exclusão social e para a perda de direitos.

A personagem destaca que os índios eram tolerados e protegidos pelas leis, enquanto os negros eram malvistas e perseguidos. Além disso, a fala da personagem indica uma construção social da identidade racial, em que a negação da negritude é uma forma de tentar alcançar uma posição social mais vantajosa. No entanto, fica evidente que a discriminação racial persiste, já que os outros torcem o bico ao verem que são negros. Deste modo, o discurso textual de Vieira Junior aponta que:

(...) o povo começava a contar que foi pego a dente de cachorro. Geralmente uma mulher era pega a dente de cachorro, então ninguém poderia questionar que não era uma índia legítima ou misturada com um preto. Miúda, atenta, começou a contar que havia sido pega a dente de cachorro como sua mãe. Se contava, pronto, todos acreditavam. Talvez por isso tenha sobrevivido à caminhada (Vieira Jr, 2018, p.166).

Nesse trecho, a personagem narra um costume da região, em que as mulheres negras fingiam ser índias ou ter alguma descendência indígena para evitar a discriminação racial. A personagem relata que as mulheres eram "pegas a dente de cachorro", ou seja, tinham seus dentes limados para que pudessem passar por índias ou pessoas de outros grupos étnicos. A atitude das mulheres em fingir ser de outra etnia revela a opressão vivenciada pelos negros no Brasil, em que a cor da pele e as origens étnicas eram determinantes para a exclusão social e para a perda de direitos. O trecho também destaca a importância da sobrevivência em meio a esse contexto, em que a personagem relata que talvez tenha sobrevivido à caminhada por ter adotado essa estratégia.

Por fim, a frase final que marca a obra que já nasce clássica de Itamar Vieira, em um único parágrafo de uma única linha anota a sentença, que aqui, com a licença das

normas para citação acadêmica, será reproduzida tal qual expressa na obra - “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Junior, p.196).

A frase marcante evidencia a crença de que a natureza e o ambiente em que se vive determinam a força e a sobrevivência do indivíduo. Por meio da expressão “sobre a terra”, é criada uma referência ao ambiente em que as personagens vivem e das quais dependem para sobreviver. Essa crença é bastante presente nas sociedades rurais e está relacionada à necessidade de adaptação das pessoas aos recursos naturais disponíveis, assim como à sua capacidade de enfrentar as intempéries e dificuldades do meio ambiente em que vivem.

No contexto do livro *Torto Arado*, essa ideia é especialmente relevante, uma vez que as personagens são trabalhadoras rurais que dependem da terra para sobreviver. A frase também pode ser interpretada como uma crítica à estrutura social e econômica do país, que em toda sua história sempre delegou e subordinou os mais pobres em situação desfavorável em relação aos mais ricos e poderosos.

Aproveitando do modelo de linguagem utilizada em *Torto Arado*, de seus componentes e recursos linguísticos, como o misticismo, que dá sentido à maldade humana quase que inexplicável; da beleza natural que permite ver o mundo como extensão do ar que nos mantém vivos e da natureza cuidarmos; da crença e fé, que para muitos sustenta a aridez do cotidiano; e da utopia linda de se imaginar livre; finaliza-se esta análise.

4.2 Conflitos vividos pelas personagens femininas

A obra *Torto Arado* retrata a vida dos trabalhadores rurais do sertão baiano, mais especificamente a Chapada Diamantina. São descendentes de negros, que foram escravizados e que agora vivem na fazenda Água Negra em condições semiescravagistas, habitando casas feitas de barro e tendo o plantio como fonte de sobrevivência.

O romance é dividido em três partes e cada uma delas é narrada por uma personagem diferente, sendo todas elas femininas. No primeiro capítulo, Fio de Corte, Bibiana narra a história das famílias e o acidente com a faca, ponto principal do início do livro. No segundo capítulo, *Torto Arado*, homônimo ao livro, Belonísia conta sobre os abusos físicos e psicológicos vividos por ela e pelas demais mulheres de Água Negra, tendo como foco principal a sua relação com Tobias. No terceiro capítulo, Rio de Sangue, Santa Rita Pisadeira, uma entidade encantada, traz mais informações sobre a vida de Donana, Zeca

Chapéu Grande, Severo, além da conclusão do conflito de terra e o real motivo de Donana guardar a faca envolta num pano cheio de sangue e dentro de uma mala.

Destaca-se que as situações narradas na obra serão discutidas com base em análises reais de situações semelhantes, porém reais, fruto de análises científicas relatadas em artigos e livros e trazidas para contextualizar a análise do discurso realizada em Torto Arado.

Além de Bibiana e Belonísia, Vieira Jr. traz outras personagens femininas tão complexas quanto as irmãs protagonistas. Mulheres que trazem consigo uma força desmedida e que tristemente narram a história de uma parte esquecida do Brasil, mas que precisa ser enxergada.

Donana, a matriarca da família, é introduzida logo nas primeiras páginas, juntamente com a sua mala misteriosa. Ela mora com seu filho Zeca Chapéu Grande (José Alcino), sua nora Salustiana Nicolau (Salu) e seus netos Bibiana, Belonísia, Zezé e Domingas. Itamar Vieira Jr., de imediato, não revela o que Donana guardava dentro de sua mala e porque ela a escondia debaixo da cama, não permitindo que ninguém mexesse nela. Tampouco nos explica porque os netos não conheceram sua filha Carmelita.

A mala, durante toda a nossa existência até então, estava debaixo da cama. Eu mesma fui para o quintal espiar pela porta e ver vó Donana se arrastando em direção à mata, que ficava depois do pomar e da horta, depois do galinheiro com seus poleiros velhos. Naquele tempo, costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém – que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido. Pedia que o mesmo fantasma que habitava suas lembranças se afastasse das meninas. Era uma profusão de falas desconexas. Falava sobre pessoas que não víamos – os espíritos – ou de pessoas sobre as quais quase nunca ouvíamos, parentes e comadres distantes. Nos habituamos a ouvir Donana falar pela casa, falar na porta da rua, no caminho para a roça, falar no quintal, como se conversasse com as galinhas ou com as árvores secas. Eu e Belonísia nos olhávamos, ríamos sem alarde, e nos aproximávamos sem que percebesse. Fingíamos brincar com algo por perto só para escutar e, depois, com as bonecas, com os bichos e as plantas, repetimos o que Donana havia dito como coisa séria. Repetíamos o que minha mãe dizia baixo para o pai na cozinha. «Hoje ela está falando muito, a cada dia fala mais sozinha.» O pai relutava em admitir que minha avó estivesse com sinais de demência, dizia que a vida toda a mãe havia falado consigo mesma, a vida toda havia repetido rezas e encantos com a mesma distração com que revirava os pensamentos (Vieira Jr, 2018, p.13-14).

O trecho transcrito mostra que Donana, já com idade avançada, falava sozinha o tempo todo, como se conversasse com alguém invisível. As netas, Bibiana e Belonísia, riam de suas falas desconexas. Aproximavam da avó somente para escutar o que ela falava e depois reproduzir em suas brincadeiras com as bonecas, bichos e plantas. Zeca Chapéu

Grande não entendia aquilo como demência, pois afirmava que a vida inteira Donana havia falado consigo mesma.

Poirier, Danik e Blass (2001) apontam que o aumento da idade e os fatores genéticos contribuem para o desenvolvimento da síndrome demencial, sendo a idade o de maior relevância, principalmente para o Alzheimer. Porém, a literatura é controversa em relação às perdas celulares vinculadas à idade.

Mas esse não é o único e nem o maior conflito vivido pela personagem Donana. Desde muito jovem ela já teve uma vida sofrida. Vieira Jr. relata que Donana foi criada por uma família de capataz, que ao assumir a sua guarda a fez de empregada em sua casa da fazenda. Além de ter que trabalhar desde muito cedo, ela, precocemente, também começou a receber os encantados e que estes a esperariam crescer para que pudesse ser uma curadora, conforme mostra o trecho:

Minha mãe me contou que, ainda menina, Donana viveu na companhia da família do capataz que havia assumido sua guarda, servindo como empregada em sua casa na fazenda. Foi lá que passou a sentir grande desconforto, pouco antes do período de sua menarca. [...] Por último, a menina passou a receber encantados, com mais frequência o Velho Nagô, e foi dito à família que o problema do outro mundo tinha sido resolvido. Os encantados a aguardariam chegar à idade adulta para que pudesse ela própria ser uma curadora e guiar os espíritos em benefício dos que necessitavam de seus poderes (Vieira Jr, 2018, p.165-166).

Pinheiro (2005) afirma que não havia idade para que a criança começasse a trabalhar, fosse aos quatro, cinco, sete ou doze anos, ela já estava apta a realizar algumas tarefas e a tornar-se força produtiva. A criança escrava não poderia jamais vir a ser uma carga inútil para os senhores, por isso começavam na lida muito cedo. E foi isso que fizeram com a personagem Donana, adotaram-na, mas imediatamente a colocaram para trabalhar, mesmo tendo pouca idade, antes mesmo de vir a sua primeira menstruação.

O tempo passou, Donana cresceu, conheceu José Alcino, seu primeiro marido. E como era de costume, os homens procuravam as famílias das jovens para dizer que queriam se casar porque precisavam de companhia, desejavam formar uma família para não viver só. Não se falava em sentimento, pouco importava o que as moças achavam dos rapazes, o que era levado em consideração era se daria um bom marido e a filha não iria passar necessidade. Afinal de contas, as mulheres eram criadas para casar, cuidar do marido e da casa, ter filhos, e ainda ajudar com o trabalho na roça.

O valor das mulheres rurais era atribuído em função da sua capacidade de reprodução, de cuidar da casa, da horta, do pomar e dos pequenos animais (Del Valle, 1991).

Quando o destino levou José Alcino, o marido, ao seu encontro, Donana não teve dúvidas de que se abrigaria embaixo do chapéu que o protegeu do sol durante a longa travessia que havia feito. [...] Com o tempo, disse que precisava de companhia, que queria família e não podia viver sozinho. Notou que a moça não parava de olhar para o seu chapéu, e mesmo evitando seus olhos, a levou para casa. Pouco antes de Donana dar à luz meu pai, José Alcino caiu de um cavalo, enquanto viajava acompanhando um carregamento de cana (Vieira Jr, 2018, p.1166-167).

Não bastasse todo o sofrimento vivido por Donana ao longo de sua vida, ela teve que trabalhar no corte de cana até o dia de dar à luz ao seu filho José Alcino. O parto, um momento único e mágico na vida de todas as mulheres, foi uma situação de desespero e agonia para Donana e suas amigas cortadoras de cana, pois não lhes permitiram tirar folga nem nesse dia, tendo que parir no meio do charco. Zeca Chapéu Grande nasceu no meio de uma plantação de cana na Fazenda Caxangá, cercado por mulheres, que assim como Donana eram cortadoras de cana, e sob a vigilância dos capatazes da fazenda, de acordo com o fragmento:

Minha avó, Donana, tinha dado à luz o filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda (Vieira Jr, 2018, p.164).

Parir nessas condições é algo desumano, tanto para a mãe quanto para a criança. Sem ninguém para ajudá-la, sem local adequado, a saúde dos dois foi colocada em risco, as personagens Donana e Zeca Chapéu Grande poderiam ter terminado sua história ali, no meio do canavial. Não lhes deram ao menos o direito de ir para casa, ganhar o seu filho no seu lar, com a ajuda de parteiras e mulheres da família. Enfim, um parto digno, com toda ajuda e apoio necessário das parteiras.

Falar sobre a importância das parteiras é lembrar o uso das tradições em prol da saúde, pois elas possuem um compromisso ético em relação aos saberes e práticas nos cuidados à saúde das mulheres e das crianças. As práticas das parteiras e os modos de cuidar das parturientes se diferem em cada território, em cada região (Sousa; Schweickardt; Ferla; Tobias, 2022)

Quando minha avó enviuvou pela segunda vez, recebeu um recado do curador João do Lajedo, que já se encontrava muito idoso: era hora de tomar para si as obrigações que Deus havia lhe dado. Deveria cuidar dos encantados que a acompanhavam. Deveria servir em sua casa para curar os males do corpo e do espírito dos que fossem encontrá-la. Seu poder era uma dádiva que deveria ser devolvida em favor dos que sofrem. Do contrário, seria perseguida pela má sorte pelo resto da vida, e ela já tinha provas suficientes dessa sentença. Donana não deu ouvido. Faria o que estivesse ao seu alcance. Era raizeira e parteira, e já fazia muito pelo povo que a procurava. Mas não podia colocar jarê em sua casa. Não podia organizar festas, hospedar enfermos. Não havia nascido para vida de privações e obrigações sem tempo para acabar. “Não adianta rogar. Eu não faço e pronto”, devolveu em resposta às palavras da mensageira (Vieira Jr, 2018, p.167-168).

Donana já havia recebido os encantados, em especial o Velho Nagô, ainda muito jovem. Estes aguardariam a chegada da vida adulta para que ela pudesse ser uma curadora e guiar os espíritos, ajudando quem necessitasse dos seus poderes. O trecho transcrito mostra Donana sendo cobrada de sua obrigação: cuidar dos encantados, servir em sua casa para curar os males do corpo e do espírito dos necessitados. Caso ela não fizesse, seria perseguida de má sorte até o fim dos seus dias. Porém, ela não deu ouvidos ao curador João do Lajedo, alegando já fazer muito pelo povo, sendo raizeira e parteira.

Ahlert (2013) afirma que os primeiros sinais de mediunidade relatados costumam surgir sob a forma de doenças e aflições que incidem sobre a mente e o corpo. A primeira opção é procurar por ajuda para solucionar o seu problema, indo em rezadores, médicos e pais de santo. O diagnóstico é o sempre, problema com encantado e desenvolvimento da mediunidade, que precisa ser desenvolvida com os pais, mães de santo e seus encantados.

Zeca começou a gritar como um animal de caça, lançando gemidos por todo canto, os olhos percorrendo o espaço e as pessoas. Donana viu que sua resistência havia feito com que o filho mais velho enlouquecesse. “Louco, louco”, gritavam as crianças na janela da casa de Donana, que saía à porta com vassoura na mão, sem esquecer o grande chapéu que a acompanhava. Donana tentou de todo jeito fazer com que o filho retornasse do encanto (Vieira Jr, 2018, p.168).

O trecho transcrito evidencia que a desobediência de Donana ao curador João do Lajedo fez com que a promessa de sofrimento em sua vida se cumprisse. Seu filho, Zeca Chapéu Grande, começou a ter fortes dores de cabeça, deitava no chão, encolhido, sem comer ou dormir, quase que enlouquecendo. Ela consultou o curador João do Lajedo, conversou com outros curadores, buscando solucionar o problema de seu filho, mas todos afirmavam que não havia o que fazer, pois ela estava em dívida com os encantados ao negar-se a cumprir sua missão na terra.

Zeca Chapéu Grande sumiu sem deixar rastros e por conta disso Donana temia que alguém chegasse contando que havia o encontrado morto. Alguns meses após o seu sumiço ela finalmente o encontrou no meio da mata, com olhos arregalados, mostrando os dentes e acuado. Rezou, pediu licença aos encantados da mata, laçou o filho e o levou ao curador João do Lajedo.

Meses se passaram até que Zeca Chapéu Grande fosse considerado curado da loucura. Donana então passou a ir diariamente à casa do compadre João do Lajedo para ajudar na administração das bebidas de raiz, nas preces e no asseio do filho.

Os sintomas apresentados por Zeca já eram indícios de que ele também apresentava mediunidade, conforme afirma Ahlert (2013). A rede de parentesco e a participação dos encantados mostram que as entidades dão continuidade entre as gerações.

Donana já se encontrava sozinha na casa velha onde viveu quase todo o seu tempo. Seus outros filhos haviam partido em busca de trabalho, cada um na sua vez. A primeira a deixar a casa depois de meu pai havia sido Carmelita, que partiu sem indicar o rumo que tomaria, logo após a mãe ficar viúva pela terceira vez. Mas a própria Donana, em seu íntimo, quis que a filha seguisse seu destino. Àquela altura, a terra da Fazenda Caxangá, que havia rendido fartura de frutos por toda a sua vida, estava retalhada. Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. [...] Só preservaram Donana por lá por conta da idade avançada, por já terem de alguma forma se afeiçoado à sua presença. E também porque corriam de casa em casa, de boca em boca, os poderes da velha feiticeira, das viuvezes, provas do seu fardo, e do filho que enlouqueceu e foi viver no mato com uma onça por semanas (Vieira Jr, 2018, p.22).

O trecho transcrito evidencia mais pouco do sofrimento vivido pela personagem Donana. Ela, viúva pela terceira vez, passou a viver sozinha na casa velha, pois seus filhos haviam saído em busca de trabalho. Zeca Chapéu Grande, após curar-se, foi o primeiro a deixar a casa de sua mãe. Logo em seguida foi Carmelita, que partiu sem deixar rastros e sem indicar o rumo que seguiria. Sozinha, Donana teve que resistir às inúmeras invasões ocorridas na fazenda. Cada um que chegava ia avançado as terras e expulsando os moradores antigos. Ela só não foi expulsa por ter a idade avançada, por terem se afeiçoado a ela, por ter fama de velha feiticeira, por conta das viuvezes e pelo filho enlouquecido que foi habitar a mata com as onças.

Quando Donana encontrou a filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envergou no chão como um jumento que não quer seguir o caminho que lhe resta. Retesou todo o corpo como se nunca mais fosse deixar aquela posição. Gritou com grande cólera, pôs os meninos em prontidão, sua fúria era seu próprio desespero. [...] Os machucados que a filha escondia, como se

estivesse boba de atenção, esbarrando em tudo, caindo em todo lugar. Tudo fazia sentido. Seu homem batia, maltratava, violava e ameaçava sua filha debaixo do seu teto (Vieira Jr, 2018, p.239).

O fragmento do texto mostra que o sofrimento de Donana parece não ter fim. Ela sempre teve uma vida sofrida; na infância foi adotada e criada por uma família de capataz que a fez de empregada, tão cedo se viu na obrigação de aceitar o recebimento dos encantados, mesmo não querendo, alegando ter tão pouco tempo, pois era raizeira e parteira, ficou viúva inúmeras vezes, teve que parir seu filho José Alcino em meio ao charco e logo em seguida vê-lo enlouquecer por sua culpa, castigo dado a ele por conta da sua recusa no recebimento dos encantados, entre outros.

Não obstante a tudo isso, ela encontra sua filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu atual marido, na cama onde se deitava para aliviar seu cansaço desmedido. Ao se deparar com essa cena, Donana envergou-se no chão como um burro que empaca na estrada e não quer seguir viagem, ficando nessa posição como se nunca mais fosse sair, gritou com grande cólera, uma raiva sem fim, onde sua fúria era seu maior medo.

A partir desse momento Donana e Carmelita nunca mais conseguiram se olhar, a relação das duas havia mudado para sempre, o abismo que as separava era tão grande que Carmelita pensou várias vezes em seguir caminho, sem rumo, sem destino, sem deixar rastro. Donana, por sua vez, entendia o sofrimento da filha ao esconder os machucados por não querer mostrar à mãe que o seu padrasto a maltratava, violava e ameaçava debaixo do seu próprio teto, porém, ela não conseguia perdoá-la. E assim, Carmelita foi embora sem indicar paradeiro.

Embora haja legislação e órgãos de proteção, grande parte das vítimas do crime de abuso sexual não denuncia os agressores, e inúmeros são os motivos, entre eles estão o medo de serem julgadas pela sociedade, de sofrer represália por ser o agressor uma pessoa de poder ou de confiança, por se sentirem envergonhadas e até mesmo constrangidas durante as investigações burocráticas que transmitem a elas a sensação de impunidade (Rodrigues, 2022).

O Ministério da Saúde afirma que as crianças e os adolescentes são as maiores vítimas de abuso sexual/estupro, que os agressores, em sua maioria, são membros da própria família ou pessoas do convívio familiar, que o abuso sexual acontece em todas as classes sociais, culturas e territórios (Rodrigues, 2022).

Quando chegou ao local onde ele estava, viu que dormia, prosternado na beira do rio. Parecia morto antes mesmo de ser sangrado. Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos. Ninguém saberia de nada, diria apenas que ele havia partido sem deixar indicação do destino. Antes de pensar na justificativa que daria, sangrou o homem como se sangrasse um porco. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesma enfiou lá, para dentro do rio. Não temeu que viessem lhe perguntar pelo desaparecimento do companheiro nos dias que se seguiriam. Voltou para casa encharcada do esforço (Vieira Jr, 2018, p.240).

O trecho mostra que Donana não aceitava o que seu companheiro havia feito com a sua filha Carmelita e que por conta disso a relação mãe e filha tinha se extinguido para todo o sempre e que agora caberia a ela extinguir a vida dele também com suas próprias mãos. Dominada pelo ódio e pelo rancor que a carcomia dia a dia, ela foi onde ele sempre costumava pescar e o encontrou dormindo. Aproveitando que a lua escureceu por trás das nuvens, pegou a faca e o sangrou, da mesma maneira que se sangra um porco. Arrastou-o até a beira do rio, enfiou pedras em seus bolsos e o jogou dentro do rio.

Cumprida a missão e lavada a sua honra, ela voltou para casa encharcada não somente do esforço, mas de satisfação por ter se vingado por ela e por Carmelita, sem temer que lhe perguntassem do desaparecimento do marido nos próximos dias.

Os anos passaram e Donana carregou consigo o peso de uma vida sofrida, amarga, trazendo resquícios de um sofrimento desmedido, compensado com uma força indescritível. Depois de ter enfrentado tudo e todos, ela guardou a faca envolta em um pano cheio de sangue dentro de uma mala e por anos a escondeu debaixo da cama, assim como escondeu suas dores e seus sofrimentos. Mal sabia ela que o objeto usado para dar fim ao causador do sofrimento dela e de sua filha Carmelita seria também o responsável por mudar drasticamente o destino de sua neta.

O trecho a seguir retrata a personagem Donana voltando para casa desolada com o acidente ocorrido com as netas Bibiana e Belonísia, toda molhada, após ter ido dar fim no “mal” que ela guardava dentro de uma mala, debaixo da cama, e que foi a responsável pela tragédia ocorrida com as meninas. Muito abatida, acariciou as duas e foi para o seu quarto, onde permaneceu até o dia seguinte.

Donana retornou com a barra da saia molhada. Disse que tinha ido à beira do rio deixar o mal por lá. Entendi por «mal» a faca com cabo de marfim e, mesmo distante, senti seu brilho ofuscar minhas lembranças. Deveria estar no «embrulho» que dona Tonha disse que ela havia levado. Parecia abatida, pálida, com as pálpebras caídas e inchadas. Se aproximou de nós para nos afagar com a mesma mão que desabou sobre nossas cabeças. Senti suas mãos nodosas percorrendo nossos rostos, para logo depois entrar no quarto sem dizer

mais nada. Dali não sairia até o dia seguinte (Vieira Jr, 2018, p.25).

Após o acidente com a faca que cortou a língua de uma de suas netas e a fez ficar muda para o resto da vida, Donana nunca mais foi a mesma mulher. Junto ao ocorrido, e ao peso da idade, a avó deixou de ter uma vida ativa, de fazer partos, de ir para roça, restando-lhe apenas viver e preencher o seu tempo com o que se plantava no quintal. Já não se importava mais em esconder a mala, tampouco em abri-la na frente das pessoas, mostrando todos os objetos que nela se encontravam. Passou a queixar-se por não possuir retrato dos filhos, a chamar por sua filha Carmelita e a fazer confusões com os nomes dos familiares, Belonísia passou a ser chamada de Carmelita e o cachorro Fusco de onça, conforme mostra o fragmento:

Donana jamais se recuperou do ocorrido. Mal saía de casa para o quintal ou terreiro. Costumava sentar na beira da cama, arrumava e desarrumava sua velha mala de couro. Retirava os objetos, roupas, frasco de perfume vazio, um pequeno espelho, uma escova de cabelo velha, um missal, papéis que pareciam ser documentos. Lamentava não ter nenhum retrato dos filhos. Não se incomodava mais com a nossa presença ao seu lado, mesmo nesse momento de intimidade, de arrumar e desarrumar seus objetos. Fazia aquilo para preencher o tempo. Há muito que não ia mais para a roça, estava reduzida a remexer no que se plantava no quintal. [...] Numa manhã, Donana acordou me chamando de Carmelita, dizendo que iria dar um jeito em tudo, que eu não me preocupasse, que não precisaria mais viajar. Àquela época eu tinha doze anos e Belonísia se aproximava dos onze. Vi Donana nas manhãs seguintes chamar Belonísia de Carmelita também. Minha irmã apenas ria da confusão. Olhávamos uma para a outra e nos deixávamos caçoar pela desordem que se instaurou nos falares de Donana. Em seus pensamentos, Fusco havia se tornado uma onça, pedia para que tivéssemos cuidado. Nos convidava a caminhar pelas veredas por onde iríamos buscar meu pai que, haviam dito, estava dormindo aos pés de um jatobá ao lado da onça mansa que o cão havia se tornado (Vieira Jr, 2018, p.26-28).

Quando Donana trocava os nomes das netas e do cachorro, elas riam e zombavam da avó, mas essa desordem nos dizeres da avó já mostrava sinais de uma demência, um Alzheimer, que de acordo com D'Alencar et. al. (2010) é uma doença neurológica, progressiva, irreversível, mas que apesar dos avanços científicos ainda traz consigo muitas incógnitas.

Neri (2008) afirma que o familiar que desempenha o papel de cuidador do idoso com demência passa a responder por ele perante a família e a sociedade, tendo inclusive implicações legais. Neri (2002) constata que o processo de cuidar de idosos com Alzheimer é, em todo o mundo, de responsabilidade da família, o que pode acarretar alterações na dinâmica familiar, além de exigir muita atenção e ser totalmente desgastante para o cuidador.

Numa tarde de fevereiro, no meio da modorra que o calor nos fazia, Donana saiu sem que percebêssemos. Quando minha mãe, que lavrava um pedaço de terra mais perto de casa, entrou para tomar um copo d'água, percebeu que a sogra não estava ali. Pediu que eu fosse atrás dela. [...] Foi assim que cheguei à beira do rio Utinga, no raso que era passagem permanente para o brejo no caminho das roças, e encontrei Donana emborcada como um bicho na beira e dentro d'água. Seus cabelos brancos pareciam uma esponja luminosa que refletia a luz do sol no espelho que se formava. Reconheci porque era o vestido surrado de minha avó, um vestido que, de tão velho, talvez fosse o mesmo com que ela chegou numa boleia de caminhão, acompanhada de meu pai pouco antes que eu nascesse. Assombrada com aquela visão, talvez a primeira de minha vida, deixei os frutos caírem e rolarem para o leito de água. Sacudi minha avó – poderá acordar? –, virei seu corpo pequeno e frágil, puxei sem conseguir, não tinha força para retirá-la da água. Corri para casa para buscar ajuda, sufocada pelo que havia visto (Vieira Jr, 2018, p.28-29).

O excerto descreve Donana, já com a saúde comprometida e não gozando plenamente de suas faculdades mentais, desaparecida, num pequeno descuido familiar, ela saiu sem que percebessem. Ao notar a ausência da matriarca da família, Salustiana solicitou a Bibiana que fosse atrás de sua avó, porém ela não esperava encontrá-la caída no rio Utinga. Assustada e sem saber o real estado em que Donana se encontrava, Bibiana virou o corpo da avó, tentou retirá-la da água, mas sem sucesso, correu para casa para buscar ajuda.

Infelizmente foi em vão, Donana tinha concluído o seu ciclo. Ela que foi raizeira, parteira, conhecida por receber os encantados, em especial o Velho Nagô, ser uma curadora que guiava os espíritos em benefício dos que necessitavam de seus poderes teve sua vida encerrada dessa forma trágica, encontrada caída no rio Utinga e enterrada no cemitério da Viração. Passou a vida inteira servindo aos outros, porém não sabiam o seu nome, tampouco o nome dos seus pais. Supunham que se chamasse Ana, por conta da alcunha Donana. Viveu e morreu sem ao menos ter um documento.

De Donana só sabíamos que a chamavam assim, nem sabíamos o nome que sua mãe ou seu pai haviam lhe dado. Minha mãe apenas dizia que deveria ser Ana. Quando morreu, não tinha sequer documento, e como foi enterrada no cemitério da Viração, ninguém reclamou (Vieira Jr, 2018, p.165).

A história de Bibiana é tão intensa quanto a de Donana. Ela que com apenas sete anos de idade teve sua vida marcada por uma tragédia que mudou não somente a sua vida, mas a de todos da família, em especial, a de sua irmã Belonísia. Elas vivam uma vida tranquila, brincavam, faziam bonecas de sabugo de milho, diziam que elas eram suas filhas e até davam nomes a elas. Mas como toda criança, elas eram curiosas e queriam descobrir o que a avó Donana escondia dentro da mala.

Movidas pela curiosidade, elas aproveitaram que não havia ninguém por perto, abriram a mala e encontraram em meio a algumas peças de roupa uma faca envolta em um pano antigo e sujo. Tamanha foi a satisfação em encontrar o objeto e ver nele a imagem delas refletida como num espelho e o desejo de colocar o metal na boca para sentir o seu gosto que as duas irmãs começaram a disputar a faca e na ânsia de saborear o material cortante acabaram se ferindo, como mostra o trecho:

Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano. Pouco antes daquele evento estávamos no terreiro da casa antiga, brincando com bonecas feitas de espigas de milho colhidas na semana anterior. Aproveitávamos as palhas que já amarelavam para vestir feito roupas nos sabugos. Falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia (Vieira Jr, 2018, p.13).

A tragédia ocorrida com Belonísia afetou não somente a sua vida, mas também a de sua irmã Bibiana, pois elas ficaram mais unidas do que nunca. Foi preciso deixar as brigas e as disputas infantis de lado para ambas se conectarem, usarem toda a sensibilidade possível para que Belonísia conseguisse transmitir, por meio de gestos, expressões, e Bibiana pudesse compreender o que a irmã lhe comunicava. No começo não foi nada fácil, mas com o tempo uma se tornou a extensão da outra, conforme o fragmento:

Nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado daquele passado de brigas e disputas infantis. [...] Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência, a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. Para que essa simbiose ocorresse e produzisse um efeito duradouro, as disputas ficaram, naturalmente e por um tempo, de lado. Ocupávamos o tempo com as apreensões do corpo da outra. No começo foi difícil, muito difícil. Era necessário que se repetissem palavras, que se levantassem objetos, que se apontasse para as coisas que nos cercavam, tentando apreender a expressão desejada. Com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência (Vieira Jr, 2018, p.23-24).

Bibiana passou a ser a voz de Belonísia, bastava apenas um olhar, um gesto para que ela entendesse o que a irmã queria dizer. Assim elas criaram os seus sinais caseiros e com uma linguagem própria passaram a se comunicar melhor e a serem compreendidas com mais facilidade, de acordo com o fragmento:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (Vieira Jr, 2018, p.24).

Guarinelos (2013) afirma que é na família que a criança adquire a capacidade de se comunicar, sendo ela a base de quaisquer interações sociais que a criança venha fazer no futuro.

Os gestos caseiros, embora auxiliem, apresentam carências no momento em que a criança precisa se comunicar com alguém que não compõe o seu núcleo familiar, é preciso um esforço gigantesco tanto da pessoa que está tentando falar por meio de gestos, olhares, expressões faciais, entre outros, quanto de quem está tentando decifrar.

O tempo passou, Bibiana e Belonísia cresceram e os interesses por bonecas foram sendo deixados de lado, não somente por conta do fatídico dia do acidente, mas também por estarem mocinhas e a natureza feminina começar a desabrochar assim como rosas no jardim. Foi então que Bibiana, sem ter certeza do que vira, mas tomada pelo sentimento de rivalidade, que até então nunca havia existido, contou à sua mãe que na noite anterior Belonísia esteve no escuro, embaixo do umbuzeiro, com o primo Severo, e ainda acrescentou à cena um beijo.

Salustiana, pela primeira na vez na vida, deu uma surra de sandália em Belonísia, antes mesmo que Zeca Chapéu Grande tomasse conhecimento do que Bibiana havia contado. Nesse momento, nascia em Bibiana um sentimento que até então era desconhecido, a raiva pela suposta traição da irmã ao se aproximar do primo Severo, pelo qual nutria uma paixão de adolescente, conforme mostra o fragmento:

Ao amanhecer, fiz chegar a minha mãe a mensagem de que Belonísia estava com primo Severo debaixo do umbuzeiro na noite passada. Sem ter certeza do que vira, mas intuía, adicionei à narrativa a visão de um beijo. Pela primeira vez vi os olhos de minha mãe crisparem e, sem esperar explicações, antes que meu pai soubesse, se encarregou da punição: uma surra de sandália. Cada batida que ouvi Belonísia receber ardia em minha pele. Fui invadida por uma estranha vontade de vingança, pela traição que vi naquele ato, ao mesmo tempo em que doía em mim, por nunca ter visto minha irmã apanhar, e porque, desde o acidente, nós havíamos mantido uma relação de reciprocidade maior do que as gêmeas de compadre Saturnino (Vieira Jr, 2018, p.47).

Por um tempo a casa se tornou silenciosa e Bibiana começou a se arrepender do que havia feito, pois implicou no afastamento dela e de Belonísia. Percebendo que a correção dada havia causado um mal-estar entre as irmãs, Salustiana decidiu intervir

imediatamente e chamou a atenção das duas, alegando que elas haviam crescido na mesma barriga, tinham chegado ao mundo pelas mãos do Velho Nagô e conviviam na mesma casa, e que não aceitaria ‘malquerença’.

Tudo começou a mudar quando Salustiana levou Bibiana, Belonísia, Zezé e Domingas para pescar no rio Santo Antônio e no meio da pescaria Bibiana pisou em algo duro e fez um corte profundo no pé e foi socorrida por Belonísia. Elas, que desde o dia da surra de sandália, estavam afastadas, se viram frente a frente novamente, uma ajudando a outra, como sempre fizeram, desde o fatídico acidente com a faca de Donana. Salu colheu algumas ervas, esmagou entre os dedos e colocou em cima do ferimento, até chegarem em casa e Zeca Chapéu Grande resolver o que fazer.

De súbito, senti meu pé pisar em algo duro, e meu rosto se contraiu de dor. Havia ferido meu pé, um corte profundo, com algo parecendo um pedaço de louça. Belonísia, que estava mais perto de mim, ajudou a levantar a perna, a chegar na estrada e retirou, com as orientações gritadas por Salu, que atravessava com dificuldade o charco, o objeto que havia cortado meu pé. «Não disse para terem cuidado?» Era um casco de caramujo abandonado, quebrado, entranhado como um espinho. Eu mesma não tive coragem de retirar, comecei a chorar de dor. Belonísia me segurou e puxou de uma vez. Domingas, que agora chegava mais perto, pedia «deixa eu ver, deixa eu ver». Fomos para a beira do rio para lavar os pés. Um sangue grosso e substancioso deixava meu corpo pintando a terra com seu vermelho cor de pássaro. Salu colheu uma erva, uma folha e outra, para esmagar entre os dedos e pôr em cima do ferimento, até chegarmos à casa e saber o que meu pai iria fazer (Vieira Jr, 2018, p.50-51).

Araújo (1979) afirma que o surgimento da medicina popular com plantas e ervas, no Brasil, se deu com os indígenas, negros e europeus. No período colonial os médicos atendiam apenas nas metrópoles e a população rural tinha que recorrer às plantas medicinais. Assim, indígenas, jesuítas e fazendeiros iam adquirindo conhecimento sobre as ervas e suas funcionalidades, perpassando todos os anos e sobrevivendo até os dias atuais.

Sofri um tanto com o pé cortado, sem poder andar por terreiro e quintal, por roça e beira de rio. Aquele era o nosso pacto de vida, desde o fatídico dia em que a faca de Donana havia fendido nossa história, decepado uma língua, impedido a produção de sons, ferindo a vaidade de uma Mãe D’água, mas unindo duas irmãs nascidas do mesmo ventre, em tempos diferentes, pela vida até aquele instante. [...] Aos poucos, fomos superando a desordem e, ao mesmo tempo que nos aproximávamos, evitávamos falar sobre Severo. Ele passou a ser apenas mais um membro da família e, na distância dos nossos sentimentos, todo o encantamento que ele nos produziu pareceu estar enterrado (Vieira Jr, 2018, p.52-53).

O trecho mostra que, aos poucos, Bibiana e Belonísia foram se reaproximando, deixando de lado toda a mágoa e ressentimento causados pelo suposto beijo de Severo e a surra de Salu. À medida que elas iam se reconectando, evitavam falar de Severo e do encantamento que ele produziu nas irmãs, fazendo com que se tornasse apenas mais um membro da família.

Reestabelecidos os laços de afeto, foram juntamente com Salustiana, as comadres e Domingas colher buriti e dendê nas várzeas do marimbus para vender na feira da cidade às segundas-feiras. Andando debaixo de sol forte, a massa do buriti escorria, sujando cabelo, rosto e roupa. Levavam tecido enrolado embaixo da cabeça para ajudar a equilibrar o peso e amenizar a sujeira que fazia, mas mesmo assim não era o suficiente, a massa escorria e fazia com que elas escorregassem e se sujassem ainda mais. Não tinham animal naquela época, o jeito era contar com a força das mãos para levar os produtos até a cidade, conforme mostra o fragmento:

Continuávamos a colher buriti e dendê para levar para a feira da cidade às segundas-feiras. Minha mãe, as comadres, eu, Belonísia e Domingas catávamos os frutos nas várzeas dos marimbus. Meu pai, Zezé e os outros moradores colhiam os cachos de dendê nos pés para prepararmos o azeite. Os buritizeiros eram altos e seus frutos não eram de serventia se colhidos nos cachos. Era preciso esperar que caíssem para que pudessem ser consumidos. Armazenávamos os frutos em grandes tonéis de água para amolecer a casca. Retirávamos com as mãos, de forma suave, para aproveitar a polpa, e levávamos aquelas massas em sacos de linhagem nas cabeças, pela estrada, para vender para as senhoras que faziam doce de buriti e sucos para vender (Vieira Jr, 2018, p.69).

A feira e o seu dinamismo apresentam as mais variadas experiências, criam memórias e trazem uma identidade coletiva que permitem conhecer o modo de viver das pessoas a partir do que elas vivenciaram nesse ambiente, seja nas experiências sim ou mesmo nas complexas (Cordeiro, 2013).

Salustiana adoeceu e Belonísia precisou ficar em casa para cuidar da mãe. Bibiana, teve que seguir para a feira, pois precisava trazer dinheiro para casa. No meio do caminho, parou para descansar em uma sombra e acabou adormecendo devido à exaustão. Foi acordada por Severo, que de pronto se ofereceu para acompanhá-la até a feira. Seguiram caminhando, conversando, falando dos sonhos que ele tinha fora da fazenda.

Na feira, venderam os produtos, e com o dinheiro compraram alguns alimentos e voltaram para casa no meio da tarde debaixo de um sol escaldante, sem ao menos almoçar, porém, na companhia do primo Severo. A partir daquele dia Bibiana passou a inventar

desculpas para ir sozinha colher buriti com o intuito de se encontrar com Severo, de acordo com o excerto:

Continuei a encontrar Severo na estrada, quase sempre no mesmo lugar, às segundas-feiras. Minha mãe havia melhorado e Belonísia havia retomado sua rotina de me acompanhar à feira. Meu pai também costumava ir com Zezé, mas na maioria das vezes preferia continuar labutando com a terra, para ver se dava alguma coisa. [...] Severo nos seguia para a cidade, era de conhecimento dos nossos pais. As filhas de Tonha também iam, e ele passou a ser visto como um protetor (Vieira Jr, 2018, p.74).

Com os frequentes encontros e a aproximação cada vez mais intensa, Bibiana e Severo deixaram se levar pelo sentimento mais lindo que o ser humano pode ter, o amor. A atração, inicialmente sinalizada por ela quando ele chegou na fazenda, agora tinha se solidificado e contaminado igualmente o jovem. Assim, ambos esqueceram os laços sanguíneos e se entregaram a fervorosa paixão, conforme trecho:

Nesse tempo, me aproximava mais das margens do rio Santo Antônio, me aproximava mais da roça de meus tios e de Severo. Ficávamos cada vez mais juntos, rindo ou divergindo, ou apenas em silêncio. Até que as mãos passaram a se tocar para impedir um gesto, ou apenas por pilhéria. Eu sentia sua respiração, por vezes calma, em outros momentos intensa, dependendo do teor das suas manifestações. Até que passei a ouvir os batimentos de seu coração diante do silêncio que vinha da tranquilidade da mata, sem água, sem folhas farfalhando, por horas sem pássaros, que não tinham alimento. Sua mão já não tocava apenas a minha, tocava meu ombro. Eu me permitia empurrar levemente seu peito. E quando estávamos cansados, apenas deitávamos em qualquer lugar da margem do rio para sentir o vento, que só para contrariar nem chegava a soprar. Mas quando soprava, lançava sobre nossos corpos a terra seca. Eu passei minhas mãos para limpar seu rosto, ele fez o mesmo com o meu, e um dia deixei que sua boca tocasse em minha boca (Vieira Jr, 2018, p.75-76).

Entregues ao amor, Bibiana e Severo viveram intensamente os dias de colheita de buriti e dendê. Mas não foram os buritizeiros e nem os dendezeiros que produziram frutos. Bibiana, com apenas dezesseis anos, viu brotar em seu ventre o fruto do amor entre ela e seu primo Severo. Ao sentir os primeiros sintomas de gravidez, tontura e enjoo, não teve dúvida de que estava grávida, pois já tinha visto muitas mulheres da fazenda ‘pegarem barriga’.

A partir de então, sentiu um medo incalculável. Temia ter que encarar Salustiana Nicolau e Zeca Chapéu Grande para explicar o que estava acontecendo. Preocupava-se com a reação de Belonísia ao descobrir que a irmã esperava um filho de Severo. Sabia que teria que deixar a casa de seus pais para morar com Severo, deixando para trás toda uma vida, levando consigo os gestos e as expressões que somente ela sabia interpretar e

externar. Ficaria Belonísia incomunicável? Inúmeras eram as preocupações, como mostra o trecho:

Fui tomada por uma intensa ansiedade quando comecei a sentir tontura e enjoos quase diários. Tinha dezesseis anos e já havia visto muitas mulheres da fazenda pegarem barriga. A primeira coisa a me causar repulsa foi o beiju de jatobá. Saía devagar para o quintal, distante de casa, para colocar para fora o que não caía bem. Não iria aguentar olhar para minha mãe e meu pai e explicar o que estava acontecendo. Me preocupava ainda mais a reação de Belonísia. Se estivesse mesmo grávida, teria que deixar a casa e ir morar com Severo. Isso significava que nossos laços seriam ao menos esgarçados. Não eram meros laços de irmãs: havia o que nos unia de forma irremediável. Nos últimos dez anos, embora preservássemos nossas individualidades, fortalecemos uma ligação muito íntima, gestos e expressões que somente nós sabíamos interpretar (Vieira Jr, 2018, p.77).

Bibiana preocupava-se com as consequências que a sua gravidez precoce traria a todos os seus familiares, porém, Severo ainda desconhecia a sua paternidade. Com todo o medo e a insegurança típicas de uma grávida adolescente Bibiana tomou coragem e contou ao amado que esperava um filho seu. Para sua surpresa, ele foi tomado por uma grande euforia, reavivou os sonhos adormecidos, mas que nunca havia esquecido, como sair da fazenda, estudar, trabalhar, construir uma vida nova em um outro lugar, e agora, Bibiana e o filho que carregava estavam em seus planos também.

A gravidez inesperada tinha mexido demais com o emocional dela. Não conseguia sentir a mesma alegria que Severo. Ainda tinha muita coisa para enfrentar, seus pais, Belonísia, e por conta disso, não tinha condições de tomar nenhuma decisão sobre o seu futuro.

Quando comuniquei minhas suspeitas, que minhas regras não haviam descido, senti seu rosto se iluminar. Assim como eu estava aflita por tudo que teria que enfrentar quando meus pais descobrissem, vi em suas expressões sentimentos diversos dos que me afligiam. Severo ficou eufórico [...] Ele voltou a falar sobre o desejo de sair pela estrada e continuarmos a estudar, tentar a sorte, não queria continuar trabalhando pelo resto da vida em Água Negra. Aqui já não tem mais trabalho, dizia, talvez seja a hora de seguirmos. Você vem comigo. Aquela ideia me deixou mais atordoada, não tinha condições de pensar em nada. Era coisa demais acontecendo comigo e o mais imediato a fazer era domar meu corpo. Depois contar tudo a meus pais e enfrentar Belonísia. Era ela quem mais me preocupava e mais ocupava meus pensamentos. Imaginar que seria mãe não havia me deixado com a mesma empolgação que vi no semblante de Severo. Não aludia a nenhum sentimento especial, pelo menos até aquele momento (Vieira Jr, 2018, p.77-78).

Em meio a tantos pensamentos, em sua maioria, dominado pelo medo, Bibiana foi encontrar-se com Severo para comunicar que já tinha começado a separar algumas roupas e colocar na mala que era de sua avó Donana, aquela em que por muito tempo ninguém

podia tocar, pois era protegida e vigiada incessantemente por sua avó. Informou a ele também que foi surpreendida pela sua irmã Belonísia quando estava guardando as roupas dentro da mala, o que a deixou ainda mais insegura sobre a viagem. Severo procurou acalmá-la, dizendo que de imediato não falaria nada para as famílias, evitando sofrimento de ambas as partes. Após uma longa conversa, eles se despediram sem tomar nenhuma decisão.

Encontrei Severo no mesmo lugar de sempre. A jaqueira fazia uma sombra rara, considerando a estiagem que se prolongava além do esperado. Comuniquei que havia começado a separar algumas roupas para nossa viagem, mas que Belonísia tinha me surpreendido. Gesticulei muito para expressar o quanto não estava segura da viagem. [...] Severo apenas se aproximou e me acolheu em seus braços. Disse que era normal que estivesse aflita, mas que já se sentia homem e pronto para deixar a fazenda. Que nãoalaria de imediato aos pais porque enfrentaria resistência, mas que em breve, quando encontrasse pouso e trabalho, mandaria notícias e diria qual era o seu destino. [...] Com muito sofrimento, nos despedimos sem decidir nossos destinos (Vieira Jr, 2018, p.84-85).

Ao descobrir a gravidez na adolescência grande parte das famílias não reage de maneira favorável à filha, alegando que ela é muito jovem para ser mãe. Passado o choque da notícia, a família começa a ter um novo olhar sobre o fato, posicionando-se inclusive contra um possível aborto, passando a vivenciar coletivamente a gravidez da jovem, e aguardando ansiosamente o nascimento do novo membro que antes mesmo da sua chegada já foi o responsável pela união entre eles (Dadoorian, 2003).

Tomada pelo medo e pela insegurança, mas também por uma vontade imensa de seguir seu destino ao lado do seu amado, Bibiana deu um jeito de se encontrar com Severo e bastou um olhar para que ele entendesse que ela tinha decidido em seguir viagem e tentar uma vida nova longe da Chapada Velha.

Marcaram o dia e a hora da partida, para que juntos pudessem seguir andando e logo a frente encontrar uma carona que os levasse rumo ao desconhecido. Bibiana levantou-se de madrugada, enquanto os outros dormiam, pediu a Deus que cuidasse de todos que ela deixava para trás e aos encantados que a ajudasse a não ser vista como uma vergonha para a família. Pegou sua mala, contendo a pouca roupa que tinha e seguiu ao encontro de Severo.

Deixar Salustiana, Zeca Chapéu Grande, Zezé e Domingas não era tão doloroso quanto deixar Belonísia. Ela, que por anos foi a voz da irmã, não sabia o que seria dela sem a sua língua, que por tantos anos expressou seus sons para tirar a irmã do mutismo, evitar que emitisse os sons com ruídos estranhos e sofresse rejeição e zombaria de outras

crianças. Bibiana, que estando ao lado da irmã a libertou da prisão do silêncio, agora se via saindo de casa, calada, escondida, sem ao menos se despedir, seguindo um caminho que nem ela e nem Severo sabiam onde iriam chegar.

Dei um jeito de encontrar Severo, mesmo sem ter combinado. Quando nos vimos, precisei apenas olhar para que ele soubesse que havia me decidido pela partida. Então planejamos o dia exato, a hora, até onde seguiríamos andando e de onde tentaríamos carona para deixar a Chapada Velha. Na madrugada da partida, a mala antiga de Donana estava arrumada, com a poeira espanada, para que eu pudesse levar o pouco que tinha para essa nova vida que despontava. Levantei enquanto dormiam, pedi a Deus pela saúde e vida de todos pelo tempo que passaria fora. Pedi que os encantados me ajudassem a não ser considerada uma desonra e que, quando retornasse com dinheiro, já estabelecida em nossa terra, para buscar nossas famílias, todos entendessem que aquela viagem havia sido por uma boa causa. [...] Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (Vieira Jr, 2018, p.86-87).

Os anos passaram, Bibiana escreveu uma carta avisando que eles estavam bem, trabalhando em uma fazenda na região de Ituberaba, que estava perto de ganhar criança, que tentaria voltar para que Salu fizesse o seu parto e que se não fosse possível, viriam no final do ano. Contou que Severo estava trabalhando no corte de cana e tinha feito amizade com o pessoal do sindicato. Enfim, que estavam bem, nada lhes faltava, que no início do ano faria um supletivo e em seguida magistério. Perguntava de todos, dizia sentir muita saudade e logo mandaria mais notícias.

Quase dois anos se passaram e Bibiana finalmente retornou, um pouco mais envelhecida, com quadris largos, sem o viço da mocidade, parecia ter mais uns de anos. O tempo, para ela, parecia ter passado com mais violência. Ela, que agora era mãe de um menino, trabalhava cuidando de crianças das vizinhas, ganhando muito pouco, mas era o que podia fazer com um filho no colo e que no próximo ano ingressaria numa escola pública de magistério.

Ao reencontrar Belonísia, percebeu o abismo que havia se criado entre as duas, elas tentaram se comunicar, mas os gestos que durante muitos anos foram compreendidos e transmitidos facilmente por Bibiana aos demais agora não eram mais entendidos de pronto, era preciso tentar uma, duas ou muito mais, até que cansassem. Domingas parecia compreendê-la melhor.

Os gestos caseiros apresentam-se como uma problemática na medida em que os surdos-mudos tentam se comunicar fora do ambiente familiar ou com outras pessoas fora

do seu convívio e não são compreendidos. Lacerda (1998) e Quadros (2005) afirmam que é preciso aprender a língua de sinais desde pequenos, sendo esta a língua materna e o português a secundária.

Bibiana dirigiu-se à Belonísia para dizer o nome do filho Inácio e que em breve traria o menino para ser batizado na igreja de Senhor dos Passos, afirmando que ela seria a madrinha.

Bibiana retornou à Água Negra com Severo e seus quatro filhos, Inácio, Flora, Maria e Ana e nessa altura ela já era professora. Zeca Chapéu Grande sentia orgulho em vê-la ensinando os filhos, dizia que iria falar com o prefeito na festa de jarê para que ela fosse professora na fazenda.

Ter uma filha professora era motivo de orgulho para muitos pais, principalmente pelo fato dela ter saído da roça, estudado com muito sacrifício e conseguido ter por meio dos estudos uma vida diferente da que os pais tiveram. Porém, as mulheres foram vistas como uma solução rápida e de baixo custo. Precisava-se de professores, mas não ofereciam uma boa remuneração, então, as mulheres, em sua grande maioria de classe média, vindas de uma situação financeira precária e em busca de autonomia começaram a se interessar pelo magistério (Almeida, 1996).

Bibiana havia se formado professora, falava diferente, bonito, via o orgulho de meu pai ao vê-la ensinar os filhos. Dizia que queria a filha professora da escola de Água Negra. Que falaria com o prefeito numa festa de jarê para que desse o cargo de professora à filha, se assim fosse possível. Ela e Severo construíram uma casa perto de nossos pais, como a maioria costumava fazer quando casava e não seguia para outros rumos (Vieira Jr, 2018, p.155).

Bibiana, juntamente com Severo, lutava para que os moradores de Água Negra tivessem uma vida diferente. A notícia que chegava até eles era de que a fazenda havia sido vendida muito abaixo do preço porque a presença dos moradores a desvalorizava. Bibiana e Severo faziam um movimento contrário ao novo dono, colhiam assinatura para fundar uma associação de trabalhadores, organizavam-se para que não fossem expulsos.

À medida que Bibiana e Severo iam ganhando visibilidade em Água Negra o desafeto com o novo fazendeiro aumentava e as tiranias surgiam com mais força. Quando estavam prontos para irem ao cartório, Severo, que estava montado em sua moto, foi morto à tiros, como mostra o fragmento:

Bibiana e Severo se arrumaram para mais uma jornada em busca de um registro da associação de trabalhadores e pescadores de Água Negra. De posse das assinaturas, iriam ao cartório. [...] Bibiana já tinha subido na garupa da motocicleta quando recordou do que havia esquecido. Devolveu o capacete a

Severo e foi buscar o bilhete. [...] Ouvi vários estampidos, como na madrugada do incêndio do galinheiro. Os ovos estouraram naquela noite, as aves ficaram esturricadas. [...] Severo estava caído. A terra seca aos seus pés havia se tornado uma fenda aberta e nela corria um rio de sangue (Vieira Jr, 2018, p.199).

Bibiana, que havia enfrentado a mudez de Belonísia com toda a sua força e a sua garra, garantindo à irmã o direito de compreender e ser compreendida, sendo por muitos anos a sua voz, que havia passado por uma gravidez inesperada na infância, e por conta disso ter saído de casa, abandonado a família para seguir sua vida com Severo, que havia trabalhado e sido mal remunerada para sustentar seus quatro filhos e conseguido se formar professora, que havia retornado à Água Negra e juntamente ao seu marido ter lutado por todos os moradores da fazenda agora se via ali, caída no chão, destruída, sem forças para segurar aquele que lhe deu asas para alçar voos longínquos e realizar grandes sonhos.

Quando Bibiana retornou com a roupa suja de sangue, a mãe percebeu que algo havia se rompido dentro da filha, para todo o sempre. Fez com que retirasse as vestes marcadas de violência e vestisse algo para o velório do genro. [...] Velaram Severo na casa que ele próprio ajudou a levantar. Bibiana permaneceu ao seu lado, sem arredar pé por um minuto, como um paud'arco sem vergar ao corte do machado (Vieira Jr, 2018, p.208).

Abalada com a morte trágica de Severo, Bibiana ficou o tempo todo em pé, ao lado do caixão, na casa onde ele próprio ajudou a levantar. A uma certa altura do velório indagaram-na onde ela queria que o corpo do marido fosse levado e ela disse que queria que o marido fosse para a Viração, onde seu pai Zeca Chapéu Grande estava sepultado.

Os irmãos e Zezé carregaram o corpo até a Viração, porém o portão estava cerrado com corrente e cadeado. Eles então pararam para decidir o que fazer. Bibiana, que havia permanecido calada quase todo o velório, pediu que o cemitério da Viração fosse aberto. Então, unidos, tombaram o portão e realizaram o desejo de Bibiana.

Após a morte do amado, as noites de Bibiana passaram a ser longas, não conseguia parar de pensar em Severo, de relembrar a cena após sua descida da moto para buscar os papéis e ao retornar encontrá-lo caído no chão, morto, sangrando. Não sabia o que responder aos filhos menores quando lhes perguntava onde o pai estava, tampouco conseguia aceitar que o inquérito havia sido concluído sem ao menos ter descoberto que atirou em Severo ou até mesmo quem foi o mandante.

Não bastasse todo o sofrimento trazido a ela e aos filhos, tentaram manchar a imagem de Severo, alegando que haviam encontrado uma plantação de maconha numa área próxima aos marimbus e que Severo havia sido assassinado por causa de uma disputa de drogas na região.

Nesse momento, Bibiana se fez mais forte do que nunca, reuniu todo o povo de Água Negra para expor o que pensava, não permitiria que a memória de Severo fosse violada por uma mentira, não aceitaria ver os filhos crescerem ouvindo tamanha mentira sobre o pai. Muitos deixaram seus afazeres para ouvi-la.

Foi nesse dia que Bibiana resolveu reunir o povo de Água Negra para falar. Mesmo enredada em seu luto, precisava expor o que pensava. Não poderia deixar as coisas se desenrolarem do jeito que estavam ocorrendo porque, do contrário, em breve todos estariam em perigo. Mesmo que o vazio permanecesse em seu corpo, não deixaria a memória de Severo ser violada por uma mentira. Logo essa mentira seria muitas mentiras a acompanharem sua história, sem que pudesse se defender. E seus filhos? Como viveriam com a imagem vilipendiada do pai? Não permitiria que seu legado fosse despedaçado pela história que as autoridades queriam contar. Muitos deixaram seus afazeres, em respeito, para ouvi-la (Vieira Jr, 2018, p.217).

Antes mesmo que começasse a falar sentiu seu corpo tremer ao ver que Salomão a observava de longe, na companhia do atual gerente. Sua presença a clara intenção de intimidá-la, até mesmo silenciá-la, ou, no mínimo, fazê-la mediar bem as palavras. Bibiana tremeu de forma visível, mas sua segurança cresceu quando iniciou o discurso. O medo se transformou em uma voz forte, segura, e aos poucos ia persuadindo os presentes.

Salomão permaneceu o tempo encarando Bibiana durante o seu discurso, nem sequer esperou as pessoas se dispersarem para se aproximar dela. Ela, de imediato, disse a ele que quem havia feito aquilo iria pagar, e que se justiça dos homens era falha, a de Deus é justa e dela ninguém escaparia.

Antes que pudesse começar a falar diante dos vizinhos e parentes, Bibiana sentiu seu corpo tremer de desconforto, ao ver que Salomão a observava de longe, de cima de um cavalo, acompanhado do atual gerente. Logo depois ele apareceu, postando-se à sombra de um jatobá. Queria intimidá-la. Sua presença tinha a clara intenção de silenciar aquela reunião, ou, no mínimo, fazer com que se medissem bem as palavras antes de lançá-las para fora da boca. [...] Bibiana tremeu de forma visível quando pediu que silenciassem para que pudesse falar. [...] Mas sua segurança cresceu quando iniciou o discurso. Subitamente, o tremor deu lugar a uma voz forte, segura, que foi persuadindo os presentes (Vieira Jr, 2018, p.218).

Como uma Fênix, Bibiana renasceu ainda mais forte, pronta para recomeçar a sua vida e seguir seus ciclos, com a esperança de a vida venceu e sempre vencerá a morte, fez-se líder de Água Negra, tão forte quanto Donana, seu pai Zeca Chapéu Grande, Severo e todos os seus antepassados que um dia lutaram por uma vida justa e digna.

Tão forte quanto Bibiana é sua irmã Belonísia. Elas, que desde pequenas brincavam juntas fazendo bonecas com sabugo de milho, tiveram os seus destinos

traçados por um fio de corte, um corte duro e certo que decepcionou a língua de Belonísia a fez emudecer por todo o sempre. A faca de Donana teve a capacidade de mutilar a língua dela, mas não de silenciá-la totalmente ao ponto de aceitar todas as mutilações sofridas ao longo da vida.

Nossos pais retornaram da roça e encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, gritando: «Ela perdeu a língua, ela cortou a língua.» Repetia tanto que, certamente, naqueles primeiros momentos, Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau acharam que as duas filhas haviam se mutilado num ritual misterioso que, nas suas crenças, precisaria de muita imaginação para explicar. A tina era uma poça vermelha e nós duas chorávamos. Quanto mais chorávamos abraçadas, querendo pedir desculpas, mais ficava difícil saber quem tinha perdido a língua, quem teria que ir para o hospital a léguas de Água Negra (Vieira Jr, 2018, p.17).

Os conflitos e os sofrimentos de Belonísia iniciaram ainda na infância quando ela e sua irmã aproveitaram a distração de sua avó Donana para mexer na mala e, movidas pela curiosidade, se ferir com a faca, perdendo então parte de sua língua. O dia do acidente será lembrado não somente por ela como também por todos os membros da família e da fazenda Água Negra, pois além de Belonísia, sua irmã Bibiana também acabou se machucando com a faca, não ao ponto de também perder parte da língua, mas o suficiente para se sangrar e causar pânico em todos, conforme mostra o trecho:

Minha mãe se muniu de colchas e toalhas que recobriam as camas e a mesa, para tentar estancar o sangue. Ela gritava para meu pai, que colhia com as mãos trêmulas ervas nos canteiros próximos à casa, impaciente, transmitindo seu desespero na voz, que se tornou mais aguda, além do olhar espantado. As ervas eram para ser usadas no caminho até o hospital, em rezas e encantos. Os olhos de Belonísia estavam vermelhos de tanto choro, os meus eu não conseguia sequer sentir, e minha mãe perguntava perplexa o que havia acontecido, com o que brincávamos, mas nossas respostas eram longos gemidos difíceis de interpretar. Meu pai segurava a língua envolta numa de suas poucas camisas. Mesmo naquelas horas, meu medo era que o órgão em arrebatamento se dispusesse a falar sozinho no colo dele sobre o que havíamos feito. Que falasse sobre nossa curiosidade, nossa teimosia, nossa transgressão, nossa falta de zelo e respeito por Donana e por suas coisas. Mais ainda, sobre a nossa irresponsabilidade de colocar uma faca na boca, sabendo que facas sangram caças, sangram as crias do quintal e matam homens (Vieira Jr, 2018, p.17-18).

Donana entrou em desespero ao encontrar a sua mala de couro fora do lugar e acabou desabando a mão sobre a cabeça das meninas e insistentemente perguntava a elas o que estavam fazendo ali, porque a mala estava fora do lugar e que sangue era aquele, ameaçando arrancar a língua delas caso não respondessem o que ela indagava. Mal sabia ela que uma das netas já estava com a língua nas mãos.

Ao descobrir o ocorrido ficou desorientada e saiu pelo quintal gritando, pedindo socorro. Salustiana Nicolau e Zeca Chapéu Grande, que estavam retornando da roça, ao se deparar com a horrível cena não sabiam quem tinha perdido a língua e quem deveria ser encaminhada ao hospital que ficava a léguas de Água Negra. Foi então que chegou o gerente da fazenda e as conduziu ao hospital em uma Ford Rural.

A Ford Rural servia apenas aos proprietários quando estavam na fazenda, servia a Sutério em seus deslocamentos entre a cidade e Água Negra quando não queriam ir a cavalo. Porém, mediante a gravidade do problema e a longa distância entre a fazenda e o hospital, serviu a Belonísia, Bibiana e seus pais.

Gomes, Reis, Guimarães e Cherchiglia (2013) apontam que a população rural tem menor acesso e menor utilização dos serviços de saúde em decorrência à menor disponibilidade de serviços, às grandes distâncias a serem percorridas, às dificuldades de transporte e à baixa renda. Nas comunidades quilombolas, as agravantes aumentam, entre elas, o isolamento geográfico, os horários, as longas filas e o tempo de espera para o atendimento.

No hospital, demoramos a ser atendidas. Nossos pais estavam encolhidos em um canto ao nosso lado. [...] Quando o médico nos levou para a sala e meu pai lhe mostrou a língua como uma flor murcha entre as mãos, vi sua cabeça balançar num sinal de negação. Vi também o suspiro que deu ao abrir nossas bocas quase ao mesmo tempo. Ela terá que ficar aqui. Terá problemas na fala, para deglutir. Não tem como reimplantar (Vieira Jr, 2018, p.18-19).

Após um longo trajeto até o hospital e uma grande espera pelo atendimento, as irmãs Bibiana e Belonísia tiveram suas feridas saturadas e retornaram para casa munidas de antibióticos e analgésicos. Belonísia não teve sua língua reimplantada, como consequência, teve problemas na fala e na deglutição, passando o silêncio a ser o seu mais novo estado a partir do acidente.

Seria preciso voltar ao hospital para a retirada dos pontos, e até lá seria preciso modificar toda a alimentação, comer mingaus, purês, alimentos pastosos. Por conta disso, Salustiana deixou o trabalho na roça para se dedicar exclusivamente aos cuidados das filhas.

Belonísia nesse instante sequer me olhava, mas ainda continuávamos unidas. Nossas feridas foram suturadas, e permanecemos juntas por mais dois dias. Saímos com um carregamento de antibióticos e analgésicos nas mãos. Teríamos que voltar dali a duas semanas para retirar os pontos. Teríamos que comer mingaus e purês, alimentos pastosos. Minha mãe deixaria o trabalho na roça nas semanas que se seguiriam para se dedicar integralmente aos nossos cuidados. Somente uma das filhas teria a fala e deglutição prejudicada. Mas o

silêncio passaria a ser nosso mais proeminente estado a partir desse evento (Vieira Jr, 2018, p.19).

Diferente de Bibiana, Belonísia não gostava dos estudos, preferia cuidar da terra ajudar o pai na colheita de taboa, na alimentação dos animais, nas tomadas de decisões, entre outros. Porém, seu pai, Zeca Chapéu Grande, sempre a fazia lembrar que ela era mulher e por conta disso lhe negava algumas tarefas. Mas isso não a abatia. Pelo contrário, ela esperava a oportunidade para lhe demonstrar sua força, seus conhecimentos e sua destreza com o facão e sua habilidade com a terra.

Pedia para ajudar nosso pai a colher taboa e alimentava os animais que sobreviviam. Ela manejava o facão melhor que eu, e confesso que invejava sua habilidade. Brandia os instrumentos com uma força que admirava, ao mesmo tempo em que fazia me sentir fraca para a lida com a terra. Com sua disposição, Belonísia se aproximava mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas. Mas isso não a abatia. Era como se estivesse sempre esperando a oportunidade para demonstrar sua força, seus conhecimentos e sua destreza (Vieira Jr, 2018, p.74-75).

Silva (2010) afirma que durante muitos anos a sociedade utilizou o senso comum para construir a imagem feminina, tornando-a estereotipada, criando assim a base para o surgimento do preconceito e da discriminação.

Para Marilena Chauí (1996/1997) o estereótipo, conjunto de crenças, valores e saberes que são transmitidos, de forma natural, de geração em geração, nos dá a possibilidade de julgar as pessoas e/ou as coisas de forma positiva ou negativa.

O tempo foi passando e Belonísia foi aprendendo a lidar com todas as situações adversas, em especial, a sua incomunicabilidade, que era resolvida com a ajuda de Bibiana. Desde o momento em que teve sua língua mutilada, Bibiana passou a ser a porta voz da irmã, bastava um olhar, um gesto para que as duas pudessem se entender e em seguida externar aos demais o que Belonísia deseja falar.

Com a saída de Bibiana da fazenda, Belonísia se viu incomunicável novamente. A vida na escola já não lhe parecia tão fácil. Por mais que a professora Lourdes fosse cuidadosa, generosa, a vontade de Bibiana em abandonar os estudos só aumentava, embora, àquela altura, ela já soubesse ler. A cada dia ela inventava uma desculpa para não ir à escola. Até que finalmente deixou o caderno e o lápis num canto do quarto e nunca mais retornou à sala de aula, contrariando Zeca Chapéu Grande, mas fazendo valer a sua vontade.

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã mais velha e minha mãe, do que da professora sem paciência que dava aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente. Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. [...] Um dia inventava uma dor de cabeça, outro dia uma dor de barriga, e aos poucos fui fazendo valer minha vontade de voltar ao trabalho da roça e da casa. Deixei caderno e lápis num canto do quarto e, mesmo percebendo meu pai amuado com o meu desinteresse pela escola, fiz valer meu querer (Vieira Jr, 2018, p.97-98).

Longe da escola, Belonísia se embrenhava pela mata com seu pai e nos caminhos de ida e volta conhecia e aprendia sobre as ervas e as raízes, seus poderes e suas propriedades. Com Zeca Chapéu Grande estudava as nuvens, para que pudesse saber quando haveria ou não chuva, e também sobre as mudanças ocorridas no céu e na terra. Tudo lhe parecia ter sentido, diferente do que acontecia com os conteúdos ensinados pela professora na escola.

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas (Vieira Jr, 2018, p.99).

Meses depois que a escola abriu, uma pequena leva de trabalhadores chegou à fazenda Água Negra, entre eles, Tobias, um homem alto, magro, maduro, aparentava ter a idade de Zeca Chapéu Grande, e se tornou vaqueiro da fazenda. Começou a frequentar as festas de jarê e a cumprimentar Belonísia. Desajeitada, não sabia como reagir. Então, desviava o olhar e seguia a caminhada.

Com o passar do tempo, Tobias já deveria saber de minha deficiência e não me importunava com perguntas. Retirava um raminho de sempre-viva do chapéu e colocava em meu cabelo. Sentia vergonha e incômodo. Não estava acostumada a ter que responder às cortesias de estranhos (Vieira Jr, 2018, p.101).

Tobias ia se tornando conhecido na fazenda. Ganhou a confiança de Sutério e passou a guiar a boiada pela estrada, começou a substituir o gerente nos assuntos que precisavam ser resolvidos na cidade e já tinha a amizade de Zeca Chapéu Grande, além de ter despertado o interesse de Belonísia. O cheiro do gibão usado por Tobias parecia não estar pronto para o uso, pois o seu suor ao se misturar com o cheiro do couro atraía as moscas, mas mesmo assim Bibiana se sentiu atraída pelo homem.

Ele trocou duas frases com meu pai, pediu licença, fez uma reverência se despedindo de mim e montou o cavalo. Ao vê-lo seguindo pela estrada, senti vontade de que desse meia-volta, voltasse ao meu encontro e pedisse a meu pai para me levar para seu rancho. Queria que cuidasse de mim, eu cuidaria dele. [...] Senti vontade de que Tobias voltasse naquele instante, quiçá amanhã ou depois, mas que não demorasse a fazer de mim sua mulher também (Vieira Jr, 2018, p.104).

Belonísia queria experimentar a vida que Bibiana levava junto à Severo. Desejava que Tobias cuidasse dela, e ela cuidaria dele.

Quanto mais criança via nascer, mais sentia como se meu corpo vibrasse, em movimento pedindo para parir, como a terra úmida parece pedir para ser semeada; e se não fosse semeada, a natureza faz ela mesma seu cultivo, dando a capoeira, o maracujá-da-caatinga e folhas de toda sorte para curar os males do corpo e do espírito (Vieira Jr, 2018, p.105).

A maternidade parecia despontar em Belonísia. Sentia-se preparada para ser mãe, assim como a terra era semeada, ansiava ela também ter seus frutos. Numa certa manhã, Tobias procurou Zeca Chapéu Grande e manifestou a ele sua vontade de levar Bibiana para morar com ele, queixou-se da solidão na tapera da margem do Santo Antônio, disse que tinha muita estima e consideração por Belonísia, mas em momento algum demonstrou ter paixão ou sentimento parecido por ela.

Zeca Chapéu Grande disse à Belonísia que não precisava responder logo, que poderia pensar e que poderia aceitar ou não, pois ele não concederia a mão de sua filha a alguém que não conhecia, e que só permitiu o pedido de Tobias porque o considerava trabalhador e de respeito.

Em certa manhã, meu pai se dirigiu a mim, à mesa que exalava o cheiro do café fresco que Salu coava. Disse que Tobias o havia procurado com respeito, porque queria me levar pra morar com ele. Falou que o homem se queixava da solidão na tapera da margem do Santo Antônio. Que tinha muita estima e consideração por mim. [...] Disse que não precisava responder logo, poderia pensar, e que só aceitasse se me sentisse pronta para ir, porque ele não queria conceder a mão da filha a qualquer um. Que só o fazia porque conheceu Tobias durante aquele ano e o considerava trabalhador e de respeito (Vieira Jr, 2018, p.108).

Diferentemente de Bibiana, Belonísia saiu de casa com o consentimento dos pais, a luz do dia. Não saiu de casa porque estava grávida, mas também não deixava o lar acompanhada do amor de sua vida, como fez a irmã.

Deixei a casa de meus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas [...] Senti um aperto no peito; o trotar das patas invadia a parte baixa de meu quadril como um eco. Seguimos devagar, Tobias em silêncio, quando preferia que falasse algo para confortar

minha aflição. Com uma mão eu segurava sua cintura, e com a outra, a trouxa (Vieira Jr, 2018, p.109).

Ao chegar na casa de Tobias, sentiu-se paralisada e com uma imensa vontade de voltar para a casa de seus pais, tamanha era a desordem daquele casebre de apenas três cômodos. A casa como um todo precisava de reparos, as paredes estavam esburacadas, havia filetes de luz entrando pelo telhado, o que indicava a necessidade de uma nova cobertura. Sentiu que em poucos dias se arrependeria de ter escrito “quero” no papel pardo que ela deu à sua mãe Salustiana Nicolau. Previu que sua vida dali em diante não seria fácil. Porém, não imaginava o quão difícil seria.

Embora estivesse assustada e em dúvida, fez de tudo para não transparecer a sua tristeza, não queria magoar Tobias. Entendia que era natural, afinal, nunca havia saído de casa e que ali se tornaria um lugar que poderia trazer gosto.

Tobias parecia estar contente. Após apresentar-lhe todo o seu casebre, voltou para fora da casa, pegou seu chapéu e seu cavalo e rumou para a roça, dizendo que voltaria para almoçar.

Assim que se viu sozinha, caiu dura numa cadeira de palha que estava com o assento desfeito. Temia que Tobias quisesse levá-la para a cama naquela hora da manhã. Prolongaria o seu medo até a noite. Decidiu então arrumar aquele chiqueiro que a partir de agora passaria a ser sua casa. Tentaria organizar, fazer daquele lugar assustador uma morada.

«Aqui é sua casa, sinhá moça.» Olhei ao redor e havia uma sombra extensa vinda da copa que transbordava de um jatobá a uns vinte metros da casa. [...] Eu me sentia paralisada e já com vontade de voltar para casa de meus pais. [...] Naquele momento, fui sendo tomada de pavor, mas fiz de tudo para não transparecer minha tristeza. Apesar de assustada e em dúvida, não queria magoar. Era natural aquela repulsa, afinal nunca havia saído de casa. Ali, na tapera de Tobias, tudo era novidade. Em breve se tornaria um lugar que poderia me trazer gosto. Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado, tanto em casa quanto nas aulas da professora, na casa de dona Firmina. Tobias parecia estar contente. Tobias voltou para fora de casa, colocou seu chapéu de couro e desamarrou o cavalo, dizendo que iria retornar para a roça. Voltaria para almoçar. Cavalgou para longe. Me vi sozinha. (Vieira Jr, 2018, p.109-111).

Quando Tobias retornou para casa já estava entardecendo. Ao se deparar com a arrumação feita por Belonísia abriu um sorriso, porém, em nenhum momento a agradeceu por ter organizado a casa. Pior do que não ter agradecido é ela ter achado que ele não o fez pelo simples fato de ser homem.

Signori (2017) afirma que a divisão sexual do trabalho existe desde os primórdios da humanidade, e que sua existência serve não apenas para perpetuar a espécie humana como para garantir a sua expansão territorial. Os espaços delimitados tanto ao homem quanto a mulher configuram a relação de gênero, onde o homem desempenha o papel de provedor, responsável e dominador, e mulher, a de sexo frágil, desprotegida.

Del Priore (2000) ressalta que as mulheres, exercendo trabalho dentro ou fora de casa, era praticamente invisíveis, por serem, em sua grande maioria, analfabetas, e subordinadas aos homens.

Quando Tobias retornou o sol já estava manso e começava a baixar no horizonte. [...] De imediato, Tobias abriu um sorriso quando entrou na casa. Temi por um momento que reclamasse por ter mexido em suas coisas, por ter tentado arrumar a bagunça, ainda que não tivesse conseguido fazer tudo naquelas horas que permaneci sozinha. Mas a diferença era clara. [...] Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera. (Vieira Jr, 2018, p.113).

Quando a noite caiu, Belonísia acendeu o candeeiro e foi costurar alguns lençóis, mas tomada pela agonia não consegui se concentrar no que estava fazendo. Tobias começou a cercá-la, o que a deixou ainda mais agoniada. Ao deitá-la na cama, sentiu que aquilo era como cozinhar ou varrer o chão, porém, nunca havia feito, e que agora, vivendo com um homem teria que fazer. Durante o ato sexual, sentiu um desconforto em seu ventre, virou a cabeça para o lado da janela, tentou olhar a luz da lua pelas frestas enquanto Tobias a tomava como mulher.

Terminado o ato, Tobias levantou-se, foi se lavar enquanto Belonísia abaixava a sua roupa e procurava filetes de luz no teto de palha. A primeira noite de Belonísia e Tobias poderia ter sido totalmente diferente, especial, afinal de contas era a primeira vez em que ela iria se deitar com um homem, porém, para ele, não passou de uma noite como outra qualquer que ele estivesse se deitado com outra mulher. Satisfez suas necessidades fisiológicas, deixou-a sozinha na cama e foi tomar seu banho. Sem demonstrar nenhum romantismo.

Depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer (Vieira Jr, 2018, p.114).

Após a catastrófica noite de núpcias, Belonísia recebeu a visita de sua mãe e sua irmã Domingas. Sentiu um certo alívio ao ver as duas, porém, não deixou transparecer sua insatisfação, nem sua mãe teve coragem de perguntar-lhe se Tobias a havia feito mulher direito durante a noite, se ele havia sido respeitoso com ela, a vergonha não lhe permitia tal audácia. Passou horas felizes ao lado das duas e sentiu um grande aperto no peito quando as viu partir.

No dia seguinte, logo depois que Tobias saiu para a lida, minha mãe apareceu trazendo Domingas. [...] Senti certo alívio de ver as duas. [...] Eu estava agitada, minhas mãos cortavam o ar, Domingas tentava acompanhar meu raciocínio e ria das minhas tarefas de nova dona de casa. Passamos horas felizes naquela manhã, mas senti um aperto no peito ao vê-las se afastarem tomando o rumo para casa (Vieira Jr, 2018, p.115).

Como havia previsto, a vida de Belonísia começou a piorar, Tobias passou a reclamar da comida. De início ela se sentia culpada por não ter preparado a refeição do jeito que agradasse o companheiro. Suas queixas foram aumentando, parecia não sentir satisfação pelo que ela fazia. Nessas horas ela sentia uma imensa vontade de retornar para a casa dos pais, mas temia a opinião dos vizinhos.

Restava-lhe então deixar aquela mágoa morrer dentro de seu peito, deitar-se com ele apenas para satisfazê-lo, como se estivesse tudo bem. Porém, bastava acordar para as queixas começarem. Para não se aborrecer, Belonísia começou a se antecipar, antes mesmo dele pedir, dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão, o que a fazia se sentir uma coisa comprada.

O que mais a inquietava era o fato de aquele não ser o seu jeito de agir, mas ao mesmo tempo, não sentia vontade de reagir.

No começo, parecia apreciar minha comida, sempre repetia. Depois passou a reclamar [...] Nessas horas eu ficava aflita, o coração aos pulos, magoada comigo mesma, me sentindo uma tonta por ter sido desleixada com o preparo. Mas suas queixas não passavam disso, não alterava o tom da voz, não falava alto. Falava como se olhasse para o cultivo e constatasse alguma coisa que enfraquecia a plantação. Enquanto o tempo passava, Tobias parecia não sentir satisfação pelo que eu fazia. [...] Nessas horas, crescia a vontade de deixar tudo para trás, de voltar para minha casa, mas o que os vizinhos não diriam? [...] Deixava aquela mágoa morrer no peito, mormente quando ele levantava a roupa antes de dormir para entrar em mim. Ele dormia, roncava, não reclamava da mulher deitada, então ficava quieta por dentro, como se estivesse tudo bem. [...] Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava. [...] O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito. [...] Não me sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos. (Vieira Jr, 2018, p.115-117).

A situação foi piorando na medida em que Tobias foi aumentando o consumo de bebida alcoólica. Belonísia vivia cada vez mais apreensiva e mais decepcionada com a escolha que havia feito. As reclamações deram lugar aos gritos, às palavras violentas, às ofensas, aos pratos arremessados no chão. Sentia que faltava pouco para que ele a agredisse.

Era a primeira vez que Bibiana o via completamente embriagado, chamando-a de burra, de aleijada da língua. Ela engolia cada ofensa e descontava na terra a sua ira, dando golpes fortes, fazendo desprender dali grandes torrões. Para ela, trabalhar a terra tinha uma função terapêutica, amansava o coração, serenava os pensamentos ruins que a cercavam, pois sabia que se Tobias se atrevesse em lhe agredir ela faria com sua carne o mesmo que fazia com a terra.

Mais tarde, Tobias chegou suado e com os olhos vermelhos. De longe senti que havia bebido. [...] Fiquei apreensiva, aliás, essa apreensão havia se tornado uma rotina em minha vida naquele pouco tempo em que morávamos juntos. Pensava na grande besteira que foi ter saído de casa, mas ele nem queria me dar o direito ao pensamento naquele dia, berrava palavras violentas contra todos: desde os vizinhos até Sutério e a família Peixoto. [...] Quando botei o prato na mesa, ele meteu as mãos sujas e levou à boca. Falou palavra que não entendi, parecia ter queimado os dedos na comida quente. [...] Tentava entender o que ele dizia, e sem chance de me proteger, o prato veio na minha direção. Olhei para o chão e vi a comida espalhada. [...] Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era. No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. [...] Olhei para o chão, imaginei que esperasse que fosse limpar tudo naquela mesma hora, mas passei saltando o prato de esmalte de andu e galinha esparramado. [...] Ouvei gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca. Dava um golpe mais forte fazendo desprender da terra grandes torrões. Que se atrevesse a vir me agredir que faria o mesmo com sua carne: a faria soltar da face com um golpe apenas. Antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga (Vieira Jr, 2018, p.120-121).

Rosa (2017) aponta que dependência química do álcool é um problema de saúde que acomete toda a sociedade, além de trazer danos à saúde do indivíduo que possui um comportamento agressivo e violento gera discussões com o cônjuge, traz problemas psicossociais na família, acarreta em um comportamento antissocial e até mesmo transtornos psiquiátricos.

A agressividade de Tobias crescia desmedidamente, porém, Belonísia não estava sozinha nessa batalha. Salustiana Nicolau fez chegar a sua filha um recado de seu pai Zeca Chapéu Grande, que ele estava preocupado com ela, desejava que voltasse, que não

seria vergonha nenhuma recebê-la novamente, só não queria que nenhum mal lhe acontecesse.

A agressividade de Tobias cresceu nos meses que se seguiram, a ponto de minha mãe fazer chegar a mim um recado de meu pai: estava preocupado comigo e queria que voltasse para casa. Não seria vergonha alguma para a família meu retorno. Apenas queria zelar por sua filha, para que nada de ruim acontecesse. Tobias reclamava por pouca coisa, e quase sempre a culpa de tudo estava em mim. Bebia grande quantidade de cachaça, seus olhos ficavam vermelhos e pousavam no meu corpo quase sempre para acompanhar os insultos que me dirigia: lembrar que eu era muda, que passado tanto tempo não havia gerado filho como minha irmã, que não cozinhava bem, que perdia muito tempo arando o quintal, que não queria me ver na companhia de Maria Cabocla (Vieira Jr, 2018, p.134).

Tobias nunca havia agredido fisicamente Belonísia. Um dia, porém, ele levantou a mão como se fosse bater nela. Ela, que a cada dia estava mais fortalecida, interrompeu a costura e o mirou com olhos ferozes, desafiando-o. Ele, imediatamente, abaixou a sua mão, parou de falar, e envergonhado saiu de casa para beber mais, retornando extremamente bêbado, cambaleando, deitou na cama sem tomar banho e dormiu.

Somente uma vez tinha ameaçado me bater, quando me fez procurar uma calça puída que tinha costurado dias antes para que vestisse. Gritou com seu jeito grosseiro, e eu, me sentindo ofendida, não ardeei o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando interrompi a costura para mirar com olhos ferozes os seus olhos. Como se o desafiasse a fazer o que ele queria, para ver se sua bravura ultrapassaria minha determinação. Senti um bicho ruim me roendo por dentro naquele instante e talvez ele tenha visto a fúria que guardava. Tobias abaixou a mão e parou de falar, envergonhado, e saiu para beber mais. Quando retornou, cambaleando, deitou na cama ainda sujo e dormiu (Vieira Jr, 2018, p.135).

O alcoolismo não tem cura, nem controle. O alcólatra, ainda que abstinência, por possuir a memória do álcool, ao consumir uma única dose, pode voltar a beber na mesma intensidade de antes. A obsessão pela bebida alcóolica acontece de forma gradativa, inicialmente de forma lenta, passando por vários estágios até dominar a pessoa inteiramente. O alcólatra coloca o álcool no centro de sua vida, passa a beber todos os dias, de maneira progressiva, até chegar a uma terminação fatal (Rosa, 2017).

O sofrimento de Belonísia finalmente chegou ao fim. Tobias, o homem que a tirou da casa de seus pais para tê-la como esposa, mas não a tratou como tal, foi encontrado morto na estrada ao lado de seu cavalo. Belonísia que já tinha comido o pão que o diabo amassou na mão do companheiro, pouco se importou em encontrá-lo caído no chão, sem vida. Apenas ajoelhou, fechou os olhos do defunto e caminhou em direção ao cavalo, alisou sua barriga, como se ele fosse o ser mais importante do mundo. Tomou as rédeas

em suas mãos e seguiu caminhando com os moradores que carregavam o corpo de Tobias até a sua casa.

Passadas semanas, depois de uma noite maldormida, sem eu saber por onde andava Tobias, Genivaldo, vaqueiro da fazenda, chegou à porta de nossa casa com o chapéu na mão. Silencioso, o mau presságio a ponto de arrebentar em seu rosto. Parecia uma ave de mau agouro, e senti meu corpo se arrepiar por inteiro. Me convidou a acompanhá-lo pela estrada para o lugar onde encontrou o homem que havia me tirado de casa, caído. Me ajoelhei e fechei os olhos de Tobias. Levantei sem sobressalto, caminhei para o canto da estrada onde o cavalo comia com a cabeça baixa e abanando as orelhas para espantar as varejeiras. Alisei sua barriga, como se fosse o ser mais importante do mundo. Dei dois tapinhas no lombo, indicando que queria partir. Tomei as rédeas em minhas mãos e segui caminhando com os moradores, que carregaram o corpo até nossa casa (Vieira Jr, 2018, p.137-138).

Tobias havia causado tanto mal à Belonísia que nem quando o encontrou morto e nem durante o seu velório conseguiu demonstrar algum sentimento por ele. Pelo contrário, teve que se controlar para não deixar escapar um sorriso durante o velório. A única coisa que desejava era acabar com tudo aquilo ali e encerrar essa página de sua história.

Me postei de pé um pouco afastada do caixão, mas próxima à porta, recebendo os vizinhos que chegavam em grande número. [...] Esperavam que me comportasse como uma viúva inconsolável. [...] Tive que me conter algumas vezes para não deixar escapar um sorriso traçoeiro, um gesto que fosse considerado desrespeitoso pelos presentes, por meu pai e minha mãe, principalmente. [...] Durante todo o velório, só olhei para o rosto de Tobias uma única vez, mesmo assim guardando certa distância de seu corpo. [...] Queria encerrar de vez aquele momento de minha vida. Tentei apressar o fim do funeral, apertando minha irmã para que conduzisse a saída do cortejo (Vieira Jr, 2018, p.139).

Belonísia se via cada dia mais forte. Com a morte de Tobias, Salustiana queria que a filha voltasse a morar com ela, mas Belonísia não aceitou. Queria viver só, experimentar o sofrimento, sentimento este que unia todos os habitantes de Água Negra. Desejava experimentar as mesmas aflições que os pais passaram durante a vida.

Começou a construir uma nova casa, com a ajuda de seu irmão Zezé. Por mais que já tivesse visto inúmeras casas se desfazerem e outras centenas nascerem, aquela, construída com suas próprias mãos, era motivo de orgulho e satisfação. Ela, que muitas vezes teve que ouvir de seu pai que determinados trabalhos não era para mulheres, agora, provava para todos e para si mesma, que não havia trabalho que ela não pudesse executar.

Minha mãe quis que seguisse com ela para sua casa, que fechasse tudo e voltasse a morar em sua companhia. Também não quis. Queria estar só,

experimentar a vida no silêncio que havia encontrado longe de todos. [...] Só assim poderia experimentar o sofrimento como o sentimento que unia a todos que viviam em Água Negra e em muitas outras fazendas de que tínhamos notícia. Foi sozinha que experimentei as aflições que vi meus pais passarem ao longo de suas vidas. Não tinha descendentes para alimentar, mas fiz questão de trabalhar com mais força e vigor que muitos homens que ali viviam. [...] comecei a construir uma nova casa. Não há como consertar as casas de barro, então o jeito é construir uma nova, em outra parte do terreiro. Era assim com todos que moravam na fazenda: enquanto fazíamos a nova, deixávamos a antiga tombar ali mesmo. Zezé ajudou a carregar o barro do rio, a cortar estacas para a forquilha e parede. Via como um encanto uma casa nascer da própria terra, do mesmo barro em que, se lançássemos sementes, veríamos brotar o alimento. Quantas vezes havia visto aquele ritual de construir e desmanchar casas, e ainda me maravilhava ao ver se levantar as paredes que seriam nosso abrigo (Vieira Jr, 2018, p.140-143).

Belonísia seguiu sua vida, levando consigo todos os ensinamentos transmitidos por Zeca Chapéu Grande. Pensava que o trabalho era a única maneira de recordar o seu pai e um jeito de tentar fazer as coisas voltarem a parecer como antes.

“Você tem que tirar a mão de seu pai da cabeça, comadre. Precisa ir para outra casa de curador”, diziam as filhas de Tonha. Depois vieram Crispina e Crispiniana para falar o mesmo. E por último Maria Cabocla, ao passar pela porta da casa velha, onde eu havia me instalado desde que o pai adoeceu. Não dava importância ao que me diziam. Era a crença que meu próprio pai havia ajudado a difundir durante toda sua vida na fazenda, mas que não fazia mais qualquer sentido para mim. Como poderia tirar a mão de meu pai de minha cabeça? Meu pai se foi e a mão dele também. Nem que quisesse seguir à risca as crenças, ainda assim não tiraria sua mão de mim. Zeca Chapéu Grande era meu pai, guia pela terra e responsável pelo que sou (Vieira Jr, 2018, p.192).

Salustiana Nicolau, esposa de Zeca Chapéu Grande, também teve uma vida tão sofrida e tão intensa quanto sua sogra Donana, e de suas filhas Bibiana e Belonísia, citadas anteriormente. Salu teve oito gravidezes, porém, somente quatro filhos, Bibiana, Belonísia, Zezé e Domingas. Todos chegaram ao mundo pelas mãos da avó Donana, ela que era raizeira e parteira, foi mãe de pegação dos próprios netos.

Salu disse que eu era a filha mais velha, a primeira de quatro filhos vivos e de outros tantos que nasceram mortos. Belonísia veio pouco tempo depois, enquanto minha mãe ainda me amamentava, contrariando a crença de que quem amamenta não engravida. Entre nós duas, diferente dos intervalos entre os outros filhos, não houve natimortos. Dois anos depois que nasceram dois filhos mortos veio Zezé e, por último, Domingas. Entre eles, mais duas crianças que não vingaram. Minha avó, Donana, foi quem ajudou minha mãe nos partos. Era nossa avó, mas também mãe de pegação. Esse era o título que dizia qual era o seu lugar em nossas vidas: avó e mãe. Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau – os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos – encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos (Vieira Jr, 2018, p.21).

Até o final do século XIX os partos eram realizados, em sua grande maioria, no domicílio da parturiente ou de pessoa do seu convívio, assistidos por uma parteira leiga. A ideia de hospital como lugar ideal e seguro para as mulheres parirem surgiu na década de 1930. Até então, os médicos eram chamados somente em casos complicados, quando a parteira não conseguia solucionar o problema. A regra era salvar a vida da mãe. Por conta disso, inúmeros instrumentos cirúrgicos para retirar o feto do ventre aos pedaços foram inventados. A cesariana era realizada apenas em mulheres mortas (Mott, 2002).

Promover o atendimento à gestante sem condições financeiras era acreditar que a riqueza e o poder de uma nação estavam relacionados diretamente com o número de habitantes. Com esse sentimento humanitário, a vida da criança, a puericultura intrauterina e extrauterina passaram a interessar aos médicos, legisladores e governantes, para que pudessem reproduzir filhos vivos e saudáveis e garantirem o progresso do país (Coelho, 1887).

Salu, além de enfrentar o problema com a perda dos filhos durante o parto, teve que superar a tragédia ocorrida com Bibiana e Belonísia. Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau estavam retornando da roça quando encontraram Donana desorientada, com a cabeça das netas mergulhadas numa tina de água e gritando que havia perdido a língua.

Eles acharam que as duas filhas haviam se mutilado num ritual misterioso, e por conta do choro das meninas e da falação exacerbada de Donana, não conseguiam detectar qual delas perdera a língua. Salustiana pegou colchas e toalhas que estavam na cama e na mesa para tentar estancar o sangue. Chamava desesperadamente para Zeca Chapéu Grande que tinha ido buscar ervas para serem usadas até o hospital.

Perguntava perplexa o que havia acontecido, mas as respostas eram apenas gemidos impossíveis de serem compreendidos. Durante o trajeto até o hospital só se ouvia a angústia de Salustiana transmitida em suas preces e orações.

Quando retornou para casa estava exausta. Levou Bibiana e Belonísia para o seu quarto de dormir e pediu a elas que ficassem quietas na cama para que ela pudesse lavar a trouxa de roupa que estava suja de sangue e que havia levado para o hospital.

Minha mãe era uma mulher alta – mais alta que nosso pai – com um corpo forte e mãos grandes. Tinha uma distinção admirada pelos que a cercavam, o que a fazia também querida pelos vizinhos. Mas naquele dia parecia ter perdido aquela aura nobre, estava com os ombros curvados, demonstrava exaustão (Vieira Jr, 2018, p.25).

Salu teve que deixar o trabalho na roça por um tempo para poder cuidar de Bibiana e Belonísia, pois elas teriam que comer minguas, purês e alimentos pastosos. Uma grande tristeza se instalou na casa. Vizinhos e comadres iam visitar as meninas. Salustiana se revezava com as vizinhas, que olhavam os filhos menores para que ela pudesse fazer papas, mingau de cachorro, purê de inhame, batata-doce ou aipim.

As meninas se recuperaram, Salu voltou a trabalhar na roça com Zeca Chapéu Grande e também a ajudá-lo a reestabelecer a saúde do corpo e do espírito dos que o procuravam. Ela precisa deixar o trabalho na roça, permanecer em casa, receber e acomodar os parentes do doente, estar atenta aos horários dos remédios, enfim, era a que mais sofria.

Salustiana empalideceu ao olhar para a estrada e ver um homem trazendo uma mulher amarrada por corda, acompanhados por outra mulher. A que estava presa gritava os clamores mais terríveis que já se tinha escutado. Suava como o sereno da madrugada, tinha os olhos vermelhos, o rosto contorcido e uma enorme quantidade de espuma na boca. Estava suja, com um cheiro horrível de suor, urina e flores mortas.

Era Crispina quem vinha amarrada e arrastada por compadre Saturnino, seguidos por Crispiniana. Havia uma semana que Crispina havia desaparecido e foi encontrada no cemitério da cidade. Hospedada na casa de Zeca Chapéu Grande, Salustiana precisou conviver com os gritos e gemidos de Crispina, dia e noite, cuidar das duas o tempo todo, medicando-as com poções de raízes preparadas pelo marido e ainda cuidar da casa e dos filhos.

Vi o horror se instaurar nos olhos de minha mãe. Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital da capital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. [...] Minha mãe era a que mais sofria, porque precisava permanecer em casa, atenta aos horários dos remédios, acompanhando os parentes que também se acomodavam com o doente – era uma condição para a «internação» – no intuito de auxiliar nos cuidados aos perturbados (Vieira Jr, 2018, p.33).

Salustiana que além de cuidar casa, dos filhos, da roça e auxiliar o marido no tratamento dos perturbados, assumiu mais um trabalho, o de parteira. Quando Donana era viva, Salu a ajuda a partejar, embora a matriarca afirmasse que quem realmente fazia os partos era Salustiana Nicolau, ela apenas a auxiliava. Com a morte de Donana, Zeca

Chapéu Grande passou a ser o parteiro, com a ajuda da esposa. Por sentir vergonha das mulheres dos compadres e filhos de santo, transferiu essa tarefa em definitivo para Salu.

Naquele tempo, minha mãe já havia assumido em definitivo o ofício de parteira. Meu pai, que era o parteiro até então, transferiu a responsabilidade para Salu. A formalidade do homem simples e cavalheiro se refletia na vergonha que sentia diante das mulheres de seus compadres e filhos de santo. Tudo isso o fizera designar minha mãe para a lida com os nascimentos. Enquanto Donana vivia e tinha saúde, assumiu a missão com toda deferência que o nascimento de um novo ser poderia ter. Minha avó dizia que não fazia parto, quem o fazia era a mãe, apenas ajudava. Ajudava desde as moças, que se uniam muito cedo ou engravidavam de viajantes e trabalhadores, até as vacas, éguas e cadelas. Tinha mãos pequenas, capazes de virar a criança no ventre de um lado a outro. Era no que acreditavam, caso não houvesse o movimento certo para o nascimento, ou a criança não estivesse bem encaixada (Vieira Jr, 2018, p.56).

Os curadores populares e as parteiras detinham um saber que era passado de geração em geração. A saúde das mulheres estava em suas mãos. As parteiras iam de casa em casa, andavam léguas, percorriam vilas, eram as “médicas populares”. Passaram a ser mal vistas, a representar perigo e ameaça à medicina por estarem fora do conhecimento científico e da religião católica (Muraro, 1997).

Para Basaglia (2013), assistir os partos, até meados do século XX, era uma tarefa exclusivamente feminina. Era parte do aprendizado e do legado transmitido de mãe para filha.

Seguia de casa em casa para pegar criança, com as forças do Velho Nagô, lembrava sempre, e se regozijava com o «Deus lhe pague». Não vi minha mãe se queixar da quantidade de mulheres parindo, do trabalho que não era pouco, do preparo do ferrado para evitar qualquer mal depois da partição, dos restos a serem enterrados no quintal, do cuidado com o corte do cordão do umbigo. O som da colher quente queimando o umbigo do recém-nascido e o cheiro de banha derretida que enchia o ambiente ficaram gravados em minha memória. Era o cheiro daquele ano movimentado de tanto trabalho, mas tido como de grande benção, diferente dos anos de seca, quando enterramos anjinhos na Viração (Vieira Jr, 2018, p.105-106).

E assim Salustiana Nicolau seguiu seu destino, cumprindo com mestria todas as suas tarefas, até o dia em que seu marido e companheiro Zeca Chapéu Grande faleceu. Desolada com mais esse acontecimento em sua vida, ela se abateu, não conseguia ir para a roça e começou a beber cachaça, o que nunca havia feito. Não era capaz de cuidar de si e de seus afazeres. Esquecia a comida no fogo, não interagia com mais ninguém, nem com os próprios netos. A única coisa que sabia fazer, além de beber, era mexer nas coisas que pertenciam à Zeca Chapéu Grande e recordar.

Minha mãe, abatida, passou um longo período sem conseguir ir para a roça. Também começou a beber cachaça, antes mesmo do meio-dia. Era estranho, nunca havia visto minha mãe beber numa festa ou celebração. Comecei a esconder as garrafas de aguardente, mas ela ia à feira e dava um jeito de trazer às escondidas, junto com os mantimentos. Entornava largos copos, como nunca havia feito, e dormia sentada na cadeira, até roncar. Esquecia a comida no fogo e parecia não sentir mais vontade de interagir com os netos. Nos poucos momentos em que ficava sóbria, pegava algo que havia pertencido ao nosso pai para dizer: “Olha o que deixou”, ou então: “Ele não conseguiu terminar de fazer isso”. As recordações tomavam conta de seu dia quando alguém aparecia pedindo ajuda para algum problema, acostumados que estavam a tratar suas mazelas com Zeca. Ela dizia que não podia ajudar, que não era curadora. “Não vou mexer com coisas que não sei”, disse a Domingas enquanto abanava a lenha do fogão, “não nasci com o dom.” (Vieira Jr, 2018, p.192-193).

Certo dia, Salu passou o dia enferma na cama, ardendo em febre. No outro dia, ao acordar, disse que iria para a Cachoeira, que estava entregue à bebida por não cumprir as ordens dos encantados que Zeca Chapéu Grande havia lhe deixado e que Dona Tonha a acompanharia. Então partiu para encontrar o curador, era preciso tirar a mão do marido da cabeça.

Ao retornar de Cachoeira, disse que iria terminar de construir a casa iniciada por Zeca Chapéu Grande e que nunca mais triscaria em bebida.

Crispina e Crispiniana eram as únicas gêmeas do povoado, filhas do compadre Saturnino. A vida de Crispina não foi nada fácil. Ainda jovem, enlouqueceu e desapareceu, sendo encontrada uma semana depois entre os túmulos do cemitério da cidade em um estado deplorável, toda suja, com um cheiro forte de suor, urina e flores mortas, incapaz de responder quem era, onde vivia e o que estava fazendo ali.

Ao descobrirem o paradeiro de Crispina e se depararem com a jovem caída ao chão, toda suja e fedida, aparentando estar com um encosto ruim, não restaram alternativas ao pai se não a levar até o compadre Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que restituía a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam.

Como estava enlouquecida, Saturnino teve que amarrá-la em uma corda e arrastá-la estrada afora até a casa de Zeca Chapéu Grande. Parecia um animal selvagem capturado, com uma volta de corda e nós nos braços, outra amarrando os punhos. De pés descalços, cabelo armado, enlouquecida, gritando e falando coisas que ninguém conseguiu compreender.

Um homem trazia uma mulher amarrada por corda, os dois acompanhados por outra mulher. Ainda estavam distantes, mas era possível ver o grande esforço que faziam para avançar pelo chão de terra. A mulher gritava os clamores mais ameaçadores e incômodos que eu já tinha ouvido. «E não é Crispiniana quem vem ali? Ou é Crispina?», perguntou minha mãe, se referindo às gêmeas, filhas de Saturnino, nossos vizinhos em Água Negra. Ele vinha à frente da filha

amarrada com corda, enlouquecida, gritando coisas que ecoavam por céu e terra e não conseguíamos compreender. Uma das duas, ou Crispina ou Crispiniana, vinha atrás, auxiliando o pai na jornada, segurando a irmã, certamente se machucando com os golpes do corpo selvagem da transtornada que estava envolta em um laço, como um animal, com uma volta e nós nos braços, outra volta amarrando os punhos. Os pés descalços, o cabelo armado no alto da cabeça, sem o lenço que costumava usar. [...] Ela suave como o sereno da madrugada. Dali, víamos os olhos vermelhos, o rosto contorcido, a enorme quantidade de saliva como espuma que saía da boca da mulher. Toda aquela cena me deixava com um misto de curiosidade e medo. Com a família cada vez mais perto, minha mãe perguntou o que havia acontecido, qual das duas moças estava amarrada. O compadre parecia cansado, esgotado de levar a filha do rio Santo Antônio ao rio Utinga, e respondeu, tirando o chapéu em reverência: «É Crispina.» «Ah, então vocês encontraram?», ouvi minha mãe perguntar com a voz trêmula. «Estava no cemitério da cidade, deitada, escondida», disse Saturnino entrando no terreiro da nossa casa (Vieira Jr, 2018, p.31-32).

Enfurecida ter sido amarrada e arrastada descalça, descabelada e imunda pela estrada, ao se aproximar da porta da casa de Zeca Chapéu Grande tombou no chão e começou a se debater e com a boca espumando de ódio, segurou o pé de Bibiana com tamanha força que a derrubou, sem que ninguém conseguisse evitar a queda.

Esgotado e impaciente, Saturnino desferiu um tapa na cara de Crispina. Zeca Chapéu Grande, assim que chegou, pediu ao compadre que desamarrasse a filha, iniciou suas rezas e logo em seguida solicitou à Salustiana e Crispiniana que levassem Crispina para tomar um banho.

Saturnino, impaciente, desferiu um tapa sonoro na cara da filha, que não reagiu, ao mesmo tempo que Crispiniana, que testemunhava o ato, levava a mão ao rosto como se o golpe do pai tivesse sido em sua própria face (Vieira Jr, 2018, p.34).

Demorou algumas semanas para que Crispina se pacificasse. Já estava reagindo bem às rezas e poções de raízes preparadas por Zeca Chapéu Grande. Porém, em um diálogo com a irmã, Crispina afirmou que não estava doente e nem doida. Disse também que havia visto o seu noivo Isidoro com ela no mato. Crispiniana negou, insultou a irmã, dizendo que ela era quem desejava estar no mato com Isidoro e que por isso estava maluca.

Crispina gritou para que Crispiniana saísse dali que a deixasse em paz. Imediatamente seus olhos ficaram vermelhos feito dois torrões de brasa, sua boca começou a espumar, os gritos se misturaram ao choro, até que as duas rolaram pelo chão, uma arrancando o cabelo da outra, e o caos se instaurou novamente.

Salustiana Nicolau, que estava os utensílios, precisou interromper seu serviço e separar imediatamente as gêmeas, chegando ameaçar chamar compadre Saturnino para levar as duas embora.

«Não foi verdade», «Foi, sim», «Você adoeceu, Crispina», «Não estou doida, Crispiniana», «Não diga uma tolice dessas na frente de nosso pai», «Que você estava no mato com ele», «Isidoro nem estava por lá essa hora», «Isidoro fez promessa de morar comigo», «Fez promessa não, senhora. Você que está inventando coisa», «Fala isso porque é você que quer ele e estava lá no mato», «Maluca, por isso está aqui». [...] Foi quando Crispina gritou para que a irmã sáísse dali, que a deixasse em paz, e das brechas da cortina que separava os cômodos, vi seus olhos ficarem vermelhos feito dois torrões de brasa. Ela começou a salivar de tal forma que se formou um muco leitoso no canto da boca. Eram gritos misturados ao choro alto. O caos se instaurou naquele instante, as duas choravam até que, depois de certo ponto, rolavam pelo chão retirando seus lenços e se agarrando aos cabelos (Vieira Jr, 2018, p.36-37).

Crispiniana ajeitou a roupa rasgada e foi para o quintal. Crispina, agora sozinha com Salustiana no quarto, repetiu o que havia dito à irmã, que ao encontrá-la no mato com o noivo Isidoro foi tomada por uma coisa ruim que a fez enlouquecer.

Crispina repetiu o que havia dito, que encontrou seu noivo deitado com a irmã na roça dele. Que foi tomada de um sentimento de amargor que nunca havia experimentado. Que já não atinava mais coisa com coisa e foi tomada de uma coisa ruim que a perturbou por completo. Só veio recobrar a consciência quando já estava instalada em nossa casa, há semanas, e aos poucos foi recordando os dias que antecederam seu desaparecimento (Vieira Jr, 2018, p.38).

Recuperada a consciência, mas ainda movida pelo ódio, Crispina implorou à Salustiana Nicolau que mandasse Crispiniana de volta para casa. Salu não atendeu ao seu pedido, disse que elas eram irmãs e que deveriam deixar o passado para trás. Então, elas voltaram a se falar e conviver em harmonia até o fim da hospedagem na casa de Zeca Chapéu Grande.

Crispina tentou de todo jeito fazer com que minha mãe mandasse a irmã de volta para casa, que a deixasse ali sozinha. Minha mãe, de forma assertiva, disse que o passado ficaria para trás, que elas eram irmãs e naqueles dias que se encontrava recolhida em nossa casa Crispiniana tinha zelado por ela como se fosse uma mãe. «Onde já se viu irmãs da mesma barriga viverem a vida como se fossem inimigas?», perguntou. Disse que nunca em sua vida tinha visto algo assim, e que aquilo deveria trazer má sorte para a vida das duas. As gêmeas voltaram a se falar e conviver como antes no resto da temporada em nossa casa. Não brigaram mais, porém tampouco «se uniram como os dedos da mão», diria minha mãe certo dia para meu pai (Vieira Jr, 2018, p.40).

Reestabelecida a saúde, as irmãs gêmeas regressaram para casa. Crispina, contra a vontade de Saturnino, voltou a se encontrar com Isidoro e rapidamente decidiram morar juntos, deixando Saturnino e Crispiniana para trás.

Quando deixou nossa casa, ela voltou, contra a vontade do pai, a se encontrar com Isidoro. Pegaram seus pertences e foram morar juntos numa casa de barro que levantaram na parte destinada à morada dos trabalhadores. Da porta da casa do pai, Crispiniana mirava a vida da irmã com sua grande paixão. Não acreditávamos que a história das irmãs fosse terminar daquela forma (Vieira Jr, 2018, p.40).

Mas a história de Crispina e Crispiana não terminou assim. As irmãs deixaram de se falar novamente. Crispina estava grávida de Isidoro. Crispiniana também, porém não sabia quem era o pai. Saturnino deu uma surra imensa para que ela contasse quem era o pai, mas ela não dizia. Ele chegou até a dizer que arrancaria a língua da filha e a deixaria igual Belonísia caso ela não desse o nome do pai. O que deixou Salustiana Nicolau ofendida.

Crispina e Crispiniana passaram a se insultar, a se odiar. Tornaram-se inimigas mortais. Isso fez com Saturnino ficasse desgostoso da vida e começasse a beber de descontentamento.

Passaram-se dias, e Belonísia veio me comunicar o que havia escutado de conversa de Salu com dona Tonha: que as irmãs Crispina e Crispiniana estavam sem se falar. Que Crispina estava de barriga de Isidoro, mas Crispiniana estava de barriga mais avançada e ninguém sabia quem era o pai. Que havia apanhado mais que mala suja. Que nossa mãe ficou ofendida porque compadre Saturnino disse que deixaria a filha sem a língua, como a filha de compadre Zeca. Que agora elas se miravam de sua porta e se insultavam com toda a discórdia que poderia existir entre duas mulheres, que ocuparam o mesmo ventre, mas que na vida se desconheciam como irmãs. Que o pai estava desgostoso e havia dado pra beber de descontentamento (Vieira Jr, 2018, p.55).

Mesmo sem revelar quem era o pai de seu filho, Crispiniana seguiu sua gravidez, e finalmente havia chegado a hora de parir. Salustiana Nicolau, juntamente com Tia Hermelina colocaram a jovem na cama, onde após urros de dor e delírio Crispiniana daria a luz a um menino. Ao se deparar com seu lindo neto, compadre Saturnino, perdoou a filha. Crispina observava tudo pela sua janela e Isidoro, envergonhado, seguiu para a roça para não ter que encarar as duas irmãs.

Era Crispiniana quem estava em trabalho de parto. Que, talvez afligida pelo abandono e pela solidão de amar o homem de sua irmã, havia se deixado levar por uma torrente de mágoas tão semelhantes às mágoas da outra que tempos atrás a fizeram chegar amarrada à nossa casa. Minha mãe a levou para a cama, com a ajuda de tia Hermelina, que nos encontrou no meio do caminho, e fez com que repousasse. Dali a algum tempo nasceria um menino, e seu vagido

anunciando a vida preencheria o espaço onde poucas horas antes havíamos escutado os urros de dor e delírio de sua mãe. Exausta, Crispiniana adormeceu com a criança em seu peito. Já não chorava de agonia por seu futuro nem pelo dele. Assim como a mão do Velho Nagô pacificou seu corpo em cólera, seu filho confortou naqueles dias seu coração dos maus tratos de que tínhamos conhecimento. O perdão brotou no rosto de Saturnino quando sorriu, meio bobo, ao encontrar o rosto do menino. Crispina observava tudo de sua janela, do outro lado do terreiro, sem saber expressar a remissão que seu pai e mesmo sua irmã esperavam. Isidoro, talvez envergonhado, tinha preferido seguir para a roça, incapaz de encarar as gêmeas diante do mal que julgava ter feito (Vieira Jr, 2018, p.59-60).

O tempo passou, as luas mudaram, e finalmente chegou o dia em que Crispina iria dar a luz. Salustiana Nicolau foi chamada para auxiliar no parto, porém, com toda a experiência que tinha, percebeu que não estava certo. Zeca Chapéu Grande foi chamado, e, com toda a sua sabedoria, colocou o pé na barriga de Crispina e detectou que o bebê estava morto.

Passaram-se vinte e oito luas quando minha mãe foi chamada de novo para ajudar no parto, dessa vez de Crispina. Seria de novo dia de lua cheia. Quem a acompanhou foi Belonísia, mas, pouco tempo depois de terem partido, minha irmã voltou sozinha e aflita para levar meu pai. Algo adverso acontecia a Crispina e minha mãe achou por bem buscar Zeca. Com o pé direito na barriga da mulher, meu pai viu que não havia movimento da criança. «É um anjo», minha mãe disse. A sentença que ninguém queria ouvir naquelas horas (Vieira Jr, 2018, p.60).

Barroso (2009) afirma que as parteiras, por serem mulheres sábias e conhecedoras da arte de partejar, são vistas em suas comunidades como pessoas respeitadas e importantes, as únicas com capacidade no atendimento à saúde da mulher e da criança. Adquirem conhecimento sobre o corpo da mulher, as raízes e as ervas, por intermédio do legado que é transmitido de geração em geração.

Com a perda do bebê todos temiam que Crispina tivesse uma recaída, que viesse a enlouquecer novamente e precisasse ficar hospedada na casa de Zeca Chapéu Grande. Uma grande tristeza havia dominado Crispina, ficando ela sem comer ou até mesmo sem cuidar de sua higiene pessoal. Isidoro, seu marido, esforçava-se para cuidar bem dela, sacrificando, em parte, seu trabalho na fazenda.

A preocupação aumentava porque o bebê de sua irmã Crispiniana havia nascido vivo, e ela morava na casa de seu pai, o compadre Saturnino, no outro lado do terreiro onde Crispina e Isidoro residiam. Bebê que poderia, talvez, ser filho de seu companheiro Isidoro.

Todos temeram, por algum tempo, que Crispina tivesse uma recaída do seu acesso de loucura, que desaparecesse como no passado, ou mesmo que precisasse ser recolhida à nossa casa para tratar novamente os males de sua alma. Chegavam notícias de que ela havia mergulhado num estado de melancolia preocupante, sem comer ou cuidar da própria higiene. Isidoro zelava por ela, sacrificando em parte seu trabalho na fazenda, expressando preocupação com a tristeza da mulher. Havia o peso da irmã instalada ainda na casa do pai, no outro lado do terreiro, com seu sobrinho crescendo saudável, sobrinho este que talvez fosse filho de seu companheiro (Vieira Jr, 2018, p.61).

Quando nasce um filho, nasce uma mãe. Quando morre um filho, morre uma mãe. Bromberg (1996) afirma que a morte de um filho traz efeitos devastadores à família, pois fragilizados, os sentimentos mais variados vêm à tona e isso afeta de forma única e individual os pais, alterando a dinâmica familiar e social.

O tempo colocou as emoções em seus devidos lugares e mesmo com a diferença entre as gêmeas, Crispiniana foi até sua irmã Crispina e cuidou dela como se fosse sua própria mãe. A princípio evitou levar o filho consigo, por achar uma afronta a sua perda e também por vislumbrarem alguma semelhança com Isidoro em seu rosto.

Quando o leite de Crispiniana secou, Crispina, ainda mergulhada em sua melancolia, mas atenta ao berreiro do sobrinho, sem que ninguém pedisse, abrigou em seu seio a criança e deu-lhe de mamar. Era o gesto que sinalizava a união e a paz entre as irmãs, até as próximas disputas e brigas.

Crispina e Crispiniana engravidaram de novo, ao mesmo tempo, e ninguém perguntava mais quem era o pai do filho da segunda. A notícia que chegava à nossa casa era que viviam às turras. O segundo filho de Crispina vingou, o que para minha mãe foi de grande alívio. Temia que nascesse outro anjo e fosse desconsiderada como parteira (Vieira Jr, 2018, p.105).

E nessa mistura de amor e ódio, numa disputa acirrada pelo mesmo homem, Crispina e Crispiniana tocaram as suas vidas, entre afeto e rancor, até os últimos dias de suas vidas.

Assim como Donana, Bibiana, Belonísia, Salustiana Nicolau, Crispina e Crispiniana, Maria Cabocla também teve seus conflitos na história de Vieira Jr. (2018). Ela que chegou com uma leva de trabalhadores, acompanhada do marido e de seus seis filhos, instalou-se em uma tapera próximo a casa de Tio Servó.

Meses depois que escola abriu, chegou uma pequena leva de trabalhadores à fazenda. Dentre eles, uma mulher franzina de cabelos negros e lisos, de nome Maria Cabocla. Estava na companhia do marido e seis filhos. A família foi instalada em uma tapera nas terras onde morava Tio Servó (Vieira Jr, 2018,

p.101).

Quando Belonísia foi viver com Tobias, as duas acabaram ficando amigas. Certa vez, Maria Cabocla adentrou a casa de Belonísia com a roupa rasgada, chorando, desesperada, não consegui falar, nem se fazer compreender. Só depois de tomar um copo d'água conseguiu dizer que estava fugindo do marido, que ele estava louco, que ela havia fugido e as crianças tinham corrido para a mata.

Um dia, logo depois de Tobias sair a cavalo para a lida com Sutério, Maria Cabocla adentrou a casa num repente que me fez imaginar que era alguma maldade à espreita, algum homem a entrar pela porta para atacar a mulher que vivia sozinha. Ela estava com a roupa rasgada, chorando muito, o corpo tremia, carregava seu menino caçulo também aos prantos. Não entendia muita coisa do que dizia, ouvia apenas algumas repetições, «ele vai me matar». Os olhos estavam arregalados, o cabelo liso grudado no rosto de suor e o muco viscoso deixava o nariz. [...] Só depois de algum tempo, Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido, e que as outras crianças haviam se embrenhado na mata (Vieira Jr, 2018, p.118).

A violência, quando praticada no seio familiar, adquire um significado especial. A família, que é um agente socializador e que deveria ser um local de amor, paz e alegria, passa a ser um ambiente agressivo e violento, uma escola de violência onde a criança aprende e reproduz automaticamente (Almarales, 2002).

A experiência da violência infantil, seja ela recebida ou presenciada, deixa marcas difíceis de serem apagadas. A criança, além de ser afetada, fica confusa pelo fato de amar o autor da agressão e constrói justificativas que não acusem o agressor, não validando o dano que lhe foi causado. (Ravazzola, 1997)

O tempo passou e novamente Maria Cabocla buscou refúgio na casa de Belonísia, mas dessa vez nem foi preciso perguntar o que havia acontecido, pois ela estava com um corte na boca. Aparecido estava ainda mais violento, havia ameaçado matar a esposa e os filhos caso retornasse para casa e os encontrasse lá.

Belonísia pensou em pedir ajuda a algum homem, mas Maria Cabocla achou melhor não, o marido era muito ciumento e as coisas poderiam piorar. Então decidiram ir sozinhas.

Chegando na casa de Maria Cabocla já avistou duas garrafas de cachaça jogadas em um canto da sala. Ajudou a reunir as crianças para o banho e em seguida foi lavar louça para a amiga. Após um longa conversa, retornou para casa preocupada com o que poderia acontecer quando Aparecido retornasse.

No mesmo dia em que terminei de trazer as coisas da casa antiga para a nova, Maria Cabocla adentrou a casa, acuada, com um corte na boca. Não precisava

falar para que eu soubesse. Aparecido estava a cada dia pior. Disse que se voltasse e a encontrasse em casa, que a mataria na frente dos filhos. [...] Pensei em pedir a ajuda de algum homem, mas antes que externasse isso, Maria me disse que se um homem fosse à sua casa seria pior, poderia até haver morte, Aparecido tinha ciúme doentio dela. Desisti e decidi ir sozinha, em sua companhia (Vieira Jr, 2018, p.143).

Corsi (2003) ressalta a falta de percepção da sociedade em relação ao problema por conta de sua ocorrência na intimidade do casal e também por conta da invisibilidade e da naturalização, onde o ato violento não é visto e é tido como natural no seio familiar.

E a cena de violência volta a se repetir. Menos de uma semana depois, os filhos de Maria Cabocla correram até a casa de Belonísia para pedir ajuda porque o pai estava batendo novamente na mãe. Belonísia passou em sua casa para pegar algumas coisas, dentre elas a sua faca, a mesma que decepcionou a sua língua, e rumou para ajudar a amiga.

Ao chegar, entrou como se a casa fosse dela. Reuniu as crianças que estavam desesperadas com a agressão sofrida pela mãe. Aparecido gritou com ela e pediu que fosse embora, cuidar da sua vida. Mas o encarou e não arredou o pé do lugar.

Maria Cabocla levantou-se e foi em cima do marido, mas ele lhe deu um tapa que a arremessou ao chão. Em seguida, Aparecido foi em direção à Belonísia, pegou-a pelo pulso e tentou colocá-la para fora de casa. Ela pegou sua faca e encostou no queixo dele.

Maria Cabocla, aproveitando-se do ato corajoso da amiga, levantou-se, foi até o quarto, fez uma pequena trouxa de roupa, e voltou gritando e expulsando o marido de casa, afirmando que nunca mais seria agredida por ele novamente.

Aparecido chorou, disse que isso não iria se repetir mais, que ela precisava perdô-lo, pois a culpa era da bebida, que o álcool havia desgraçado a sua vida. De nada adiantou, ele saiu estrada a fora cambaleando. Porém, o ciclo de violência de Maria Cabocla não se encerraria ali. Tempos depois, ela e o marido estavam juntos mais uma vez.

Menos de uma semana depois, um dos filhos de Maria foi me encontrar enquanto limpava a roça. Disse que o pai estava louco, batendo de novo na mãe. Fiz sinal para que o menino esperasse. Passei em casa para pegar o que precisava. [...] Entrei como se a casa fosse minha, apoiei os alimentos na mesa da cozinha, reuni as crianças desesperadas. Limpei seus rostos com um pedaço de tecido que estava num canto do fogão. O homem gritou para que eu fosse embora, que cuidasse da minha vida. [...] Permaneci em pé, desafiando-o, para que viesse ele mesmo me arrancar para fora, porque não sairia com minhas próprias pernas. [...] Maria levantou de onde estava, veio para cima dele, mas foi lançada em seguida ao chão por um tapa desferido com as costas da mão desproporcional do homem. [...] Quando ele veio para cima para tentar me retirar dali à força, meu coração estava aos pulos, sentia meu interior frio como a brisa da madrugada, mas permaneci firme como meus antepassados. Não foi o suficiente para evitar que Aparecido apertasse meu punho e tentasse me arrastar para fora. Encostei a lâmina que escondia atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao

ver minha reação. [...] Aparecido chorou, pedindo perdão, dizendo que ele não era de fazer isso, que a bebida era uma desgraça em sua vida. [...] Depois que ele seguiu cambaleando pela trilha, arrumamos a casa e alimentamos as crianças. [...] Semanas depois, soube que Aparecido havia retornado (Vieira Jr, 2018, p.149-151).

Carmelita, personagem que apenas foi citada na obra de Vieira Jr. também teve seus conflitos na trama. Dela pouco se soube, apenas o fato de que era violentada e foi flagrada na cama com o companheiro de Donana, e por não conseguir o perdão de sua mãe, fugiu, sem deixar nenhum rastro.

Carmelita andava arredia, chorosa pelos cantos da casa, ela percebia, mas não passava por sua cabeça nada do que havia visto. Quase não olhava para a mãe. [...] Carmelita implorou à mãe por perdão. A mãe que não conseguia mais olhar para a própria filha. A filha que agora queria ir embora de casa. Encontraria seu rumo como havia feito o irmão. E o homem não se redimiou: ficou mais forte, mandava em tudo, mandava na casa, tinha a mulher sob seu cabresto (Vieira Jr, 2018, p.239-240).

A triste história da jovem de Carmelita, é a dura realidade de muitas crianças e adolescentes, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Após um ato de violência, a vítima não consegue partilhar com ninguém o ocorrido, é preciso um tempo para que ela entenda o que aconteceu.

Perrone e Nannini (1998) afirmam que os sentimentos de culpa são comuns e frequentes em pessoas que foram abusadas sexualmente por um longo período. O abusador, ao apontar a vítima como corresponsável pelo ato abusivo faz com que seu sentimento culposo aumente.

Donana percebia que Carmelita quase não olhava para ela, porém, achava que fosse ciúme da filha por não aceitar o novo companheiro da mãe. Passaram-se quase três anos e Carmelita escondia os machucados causados pela violência sexual. Com o sentimento de culpa que carregava e falta de perdão da mãe, ela deixou as terras de Caxangá sem indicar o paradeiro.

Inúmeros são os conflitos vividos pelas personagens femininas de Vieira Jr. (2018), são mulheres bastante realistas, trabalhadoras que carregam a maldita herança da escravidão, negras que ganham destaque em sua obra pelas incansáveis batalhas em *Água Negra*, um local de muita miséria e abandono social.

4.3 Relação entre o ODS 5 e passagens da obra *Torto Arado* (2018)

O quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. A igualdade entre os sexos é importante para que se tenha uma sociedade livre e um desenvolvimento sustentável. Faz-se necessário empoderar meninas e mulheres, para que não haja mais violência, discriminação, reconhecimento do trabalho doméstico não remunerado, entre outros. Nessa perspectiva será analisada a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que além de Bibiana e Belonísia, protagonistas da história, traz consigo inúmeras outras personagens femininas que carregam consigo a triste sina do feminino-negro numa sociedade patriarcal, machista e racista.

No início do livro, no capítulo três, na primeira parte, intitulada Fio de corte, o autor relata que a personagem Donana havia sido a parteira das trabalhadoras da fazenda até o fim dos seus dias, como se pode observar no trecho:

Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, como deveria ser a mão de uma parteira, dona Tonha dizia. Pequenas, capazes de entrar no ventre de uma mulher para virar com destreza uma criança atravessada, mal encaixada, crianças com os movimentos errados para nascer. Ela fazia os partos das trabalhadoras da fazenda até poucos dias antes de sua morte. (Vieira Jr, 2018, p.21).

É possível relacionar esse trecho da obra com a meta 5.6 do ODS 5 que prevê assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos. Essa passagem evidencia que as mulheres que eram assistidas por Donana durante o parto não tinham o acesso aos serviços de saúde ou se tinham pode-se considerar também as características das comunidades tradicionais que muitas vezes optam por terem seus filhos com as parteiras.

O Brasil guarda uma diversidade geográfica e cultural imensa que se expressa na atenção da saúde das mulheres e no universo simbólico representado por meio das distintas práticas de cuidar. As mulheres indígenas e quilombolas, as mulheres das regiões ribeirinhas, dos sertões, dos pantanais e até das cidades, regiões metropolitanas contam frequentemente com essa figura de tradição antiga do cuidar que são as parteiras tradicionais para ajudá-las, cuidá-las e acompanhá-las em eventos importantes da sua vida sexual e reprodutiva (Dias, 2007, p.477).

O parto era realizado de forma precária, dentro das humildes residências, colocando em risco a saúde da mãe e do bebê. Embora Vieira Jr. cite que a parteira realizava os serviços com muita destreza, faz-se necessário ressaltar que muitas mulheres perdiam suas vidas e/ou a do recém-nascido por complicações durante ou após o parto e

por não estar em um hospital não havia equipamentos que pudessem evitar o infortúnio. Mesmo os hospitais da região, muitos não dispõem de muitos recursos como se pode observar na afirmação a seguir.

Dar à luz fora de casa era uma situação anormal, considerada apavorante e procurada apenas em casos extremos, sobretudo por pessoas tidas como desclassificadas socialmente. Nos casos dos partos complicados, apenas as mulheres mais pobres, indigentes prostitutas e mães solteiras recorriam às Santas Casas, mantidas por caridade religiosa e benemerência. [...] As acomodações eram precárias, as infecções e mortes eram freqüentes [sic], como na maioria dos hospitais de então: raramente havia enfermaria especial para parturientes, e, ao dar à luz, mãe e filho permaneciam ao lado de mulheres acometidas das mais variadas doenças (Mott, 2002, p. 198-199).

Percebe-se que Mott (2002), que se refere à mesma região onde se passa a trama, observa que além das questões culturais, havia também o medo e muitas vezes podiam considerar o ambiente doméstico mais seguro.

No capítulo seis, ainda na primeira parte do livro, o autor informa que a personagem Crispina, após se recuperar de um surto, graças às rezas e poções administradas por Zeca Chapéu Grande, contou à Salustiana o verdadeiro motivo que a fez enlouquecer e ficar desaparecida por uma semana, sendo encontrada em um cemitério, cheirando suor, urina e flores mortas e levada amarrada por uma corda à casa de Zeca e Salustiana, conforme mostra o trecho:

Crispina repetiu o que havia dito, que encontrou seu noivo deitado com a irmã na roça dele. Que foi tomada de um sentimento de amargor que nunca havia experimentado. Que já não atinava mais coisa com coisa e foi tomada de uma coisa ruim que a perturbou por completo. Só veio recobrar a consciência quando já instalada em nossa casa, havia semanas, e aos poucos foi recordando os dias que antecederam seu desaparecimento. (Vieira Jr, 2018, p.38).

Esse fragmento da obra é pertinente à meta 5.2 do ODS 5 que versa sobre eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas, inclusive a exploração sexual e demais tipos, em especial as mulheres do campo. A personagem, ao relatar o ocorrido entre sua irmã gêmea Crispiniana e seu noivo Isidoro, deixa evidente que tão grave quanto a violência sexual sofrida foi a traição da própria irmã. Porém, o amor falou mais alto. Ela perdoou tanto o noivo quanto a irmã. Tudo voltou a ser como era antes. Isso fica evidente no trecho em que Vieira Jr. narra a volta de Crispina com seu noivo Isidoro e a reconciliação com a sua irmã Crispiniana, deixando transparecer que nada foi feito em relação à violência, e tudo havia voltado ao normal.

Quando deixou nossa casa, ela voltou, contra a vontade do pai, a se encontrar com Isidoro. Pegaram seus pertences e foram morar juntos numa casa de barro que levantaram na parte destinada à morada dos trabalhadores. Da porta da casa do pai, Crispiniana mirava a vida da irmã com sua grande paixão. Não acreditávamos que a história das irmãs fosse terminar daquela forma (Vieira Jr, 2018, p.40).

Ainda sobre violência contra mulheres e meninas, incluindo a exploração sexual, Vieira Jr. explana que as irmãs Bibiana e Belonísia precisavam cobrir os seios com um tecido para que os mamilos não atravessassem os panos de seus vestidos e não despertassem os olhares dos homens da fazenda, conforme consta no capítulo nove, na primeira parte da obra.

Cobríamos nossos seios com um tecido para que os mamilos não despontassem através do pano de nossos vestidos. Os homens da fazenda cresciam os olhos para nós duas. Mas nada mais que isso, afinal, éramos as filhas do curador Zeca Chapéu Grande. Meu pai era respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. [...] Por isso, diferente das jovens de nossa idade, e mesmo com os olhares invasivos que nos despetalavam como flores, éramos quase intocáveis ao assédio tão comum dos homens sobre as meninas que chegavam à mocidade. Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias (Vieira Jr, 2018, p.53-54).

Nesse trecho da obra pode-se relacionar duas metas do ODS 5, a meta 5.2 que trata sobre eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas, destacando-se a violência sexual, e a meta 5.3 que versa sobre eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, forçados e de crianças e jovens, em especial para as mulheres do campo.

Em relação à violência sexual sofrida pelas mulheres, em especial as que vivem no espaço rural, por serem pobres, possuem menores possibilidades de exercer a sua cidadania e lutar pelos seus direitos. Por estarem em piores situações de vulnerabilidade social, isoladas, acabam por não terem a correta intervenção do poder público, ficando os agressores tranquilos e protegidos pelo isolamento geográfico e de serviços (LOPES, 2015).

Ao deixar a questão da violência sexual de lado para falar sobre os casamentos e as uniões precoces das mulheres do campo, ainda que com o consentimento familiar, precisa-se destacar que o casamento rural difere do urbano pelo fato de ter um papel garantidor de sobrevivência, e por ser um padrão feminino esperado pela sociedade, e isso independe da qualidade das relações (Costa; Lopes; Soares, 2015).

A lei brasileira estabelece como idade legal para se unir em matrimônio 18 anos, sendo possível que os jovens se casem aos 16 anos, desde que haja o consentimento dos pais.

Art. 1.517. O homem e a mulher com dezesseis anos podem casar, exigindo-se autorização de ambos os pais, ou de seus representantes legais, enquanto não atingida a maioridade civil.

Parágrafo único. Se houver divergência entre os pais, aplica-se o disposto no parágrafo único do art. 1.631.

Art. 1.518. Até à celebração do casamento podem os pais, tutores ou curadores revogar a autorização.

De acordo com o IPEA (2018), a Organização das Nações Unidas afirma que o Brasil ocupa o 4º lugar no ranking dos países com o maior número de casamentos infantis da América Latina. Costa e Freitas (2019) expõem que as crianças e os adolescentes que de uma hora para outra se casam, tornam esposas, donas de casa e, em muitos casos, mães, carregam consigo enormes prejuízos no seu desenvolvimento integral e à saúde sexual e reprodutiva. Apontam ainda que a maioria dos casamentos se concentram nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, mas que em 2019 houve um grande avanço em relação a proibição do casamento infantil com a alteração do Código Civil. A lei nº 13.811/19 alterou o artigo 1.520 do Código Civil de 2002, passando a nova redação: “Art. 1.520. Não será permitido, em qualquer caso, o casamento de quem não atingiu a idade núbil, observado o disposto no art. 1.517 deste Código” (Brasil, 2019).

Nas primeiras páginas do livro *Torto Arado*, Itamar Vieira Júnior informa aos leitores que a personagem Donana era quem fazia os partos dos trabalhadores da fazenda e que assim os fez até poucos dias antes de sua morte. No capítulo dez, na primeira parte, Vieira Jr. relata quem foram os sucessores de Donana e de que forma isso ocorreu.

Enquanto Donana vivia e tinha saúde, assumiu a missão com toda deferência que o nascimento de um novo ser poderia ter. Minha avó dizia que não fazia parto, quem o fazia era a mãe, apenas ajudava. Ajudava desde as moças, que se uniam muito cedo ou engravidavam de viajantes e trabalhadores, até as vacas, éguas e cadelas. Tinha mãos pequenas, capazes de virar a criança no ventre de um lado a outro. Era no que acreditavam, caso não houvesse o movimento certo para o nascimento, ou a criança não estivesse bem encaixada. Durante esse período em que Donana cuidava dos partos em Água Negra e propriedades vizinhas, minha mãe foi sua ajudante. Observava os movimentos do corpo, rezas e interditos; o que poderia ser comida, bebida, feito. Aprendia sobre o tempo certo para o banho da criança e da mãe, ou a tesoura nova que ficava guardada esperando o nascimento. Atentava para as provações do resguardo. Quando minha avó já não podia ajudar mais, Salu passou a acompanhar meu pai, que como curador, prestava assistência de que as mulheres necessitavam. Nunca vi meu pai nessas missões, mas minha mãe relatava para as comadres todo o constrangimento que ele transparecia ao tocar no corpo de uma mulher prestes a dar à luz. Por vezes as acomodava no chão, enquanto estavam amparadas por uma mulher da família ou vizinha, e as tocava com o pé direito na barriga, para capturar mensagens dos movimentos da criança, se havia ou não chegado a hora do parto. Mas não era meu pai quem

estava ali, constrangido, envergonhado de estar com uma mulher em delicada posição, com dores lancinantes, se contorcendo em gestos bruscos que faziam despontar um seio desnudo ou sua genitália. Muitas vezes a roupa mal cobria o corpo. Era um encantado, o Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Era o senhor do corpo e do espírito de meu pai, das bênçãos e curas que chegavam aos necessitados e à terra. Foi também o Velho, segundo meu pai, que designou Salustiana Nicolau como parteira. Eram as forças do seu encanto que guiavam as mãos e os saberes de comadre Salu na condução do parto. Pelo menos era isso que dizia quando era indagado por alguém que não tinha vivência em nossas paragens (Vieira Jr, 2018, p.56-57).

Esse trecho pode ser associado à meta 5.6 do ODS 5 que discorre sobre promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, em especial para as mulheres do campo. Os direitos sexuais e reprodutivos englobam os direitos humanos universais e a garantia deles é a concretização de igualdade. Dados do IPEA (2018) apontam que os partos domiciliares ainda acontecem no Brasil e são mais frequentes entre negras e indígenas.

Durante séculos o parto foi realizado como um evento ritualístico, cheio de ritos e tradições, enraizados de fé e mistério, e de exclusividade feminina. No Brasil, a tradição do parto coincide com a colonização realizadas pelos portugueses, e também com as negras e caboclas velhas das camadas menos favorecidas (Galvão, 2001).

Entre os séculos XVI e XVII, os partos eram realizados em casa, com a assistência de parteiras, também conhecidas como comadres, aparadeiras e curiosas. Elas eram reconhecidas e valoradas em suas comunidades por serem detentoras de um saber que era passado de geração em geração, principalmente a uma rede de mulheres que pertenciam ao seio familiar (Barreto, 2008).

Mott (2005) afirma que os partos, fossem eles normais ou complicados, eram realizados nas residências, e raramente encaminhados às Santas Casas. e mesmo que fosse necessária a participação da figura masculina como assistente, havia uma grande resistência em procurar por um médico. As parteiras eram figuras de maior aceitação social, e segundo Weber (1999) elas eram símbolo de confiabilidade para a população.

Fusco latia de forma incessante no terreiro de casa. Belonísia conduziu o mensageiro pela porta e o fez aguardar por minha mãe na sala. Uma das gêmeas de Saturnino estava em trabalho de parto, se contorcia de dor na casa de barro em que vivia, nas margens do rio Santo Antônio. [...] Era coisa urgente, pelo rosto desesperado do mensageiro. O pai estava em tempo de amarrá-la, por não conseguir deixar coisa alguma em pé dentro de casa. Parecia estar abrigando algum espírito perverso. Seus olhos ardiam feito brasas e os gritos podiam ser escutados a algumas léguas de distância. Os sons que percorriam o vale eram ecos assustadores, gritos de fúria, que nos chegavam com o vento morno da tarde. [...] Salu adentrou a casa com a altivez e a autoridade que emanava da sua posição de mulher do curador Zeca Chapéu Grande. De imediato, pude entrever o transtorno na fisionomia da mulher em trabalho de parto.

Incontrolável, avançou para agredir Salu. Naquele momento, pude antever a beleza do que nos aguardava. Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos. Mas a transformação da mulher hesitante, que vinha na estrada em preces por misericórdia e bem-aventurança, na força que se antepunha à perturbação de uma grávida transtornada pelas dores, e talvez por espíritos que desconhecíamos, era um milagre de energia. De tão habituada à assertividade de Zeca, eu nunca havia sido capaz de contemplar com a atenção que agora tinha. Diante de meus olhos, vi minha mãe erguer sua mão direita e segurar com força o braço que avançava rompendo o ar para lhe atingir. Bastou esse gesto para que cessassem os urros e a cólera da mulher, e um fluxo de serenidade se instaurasse entre os presentes. Era Crispiniana quem estava em trabalho de parto. Que, talvez afligida pelo abandono e pela solidão de amar o homem de sua irmã, havia se deixado levar por uma torrente de mágoas tão semelhantes às mágoas da outra que tempos atrás a fizeram chegar amarrada à nossa casa. Minha mãe a levou para a cama, com a ajuda de tia Hermelina, que nos encontrou no meio do caminho, e fez com que repousasse. Dali a algum tempo nasceria um menino, e seu vagido anunciando a vida preencheria o espaço onde poucas horas antes havíamos escutado os urros de dor e delírio de sua mãe. Exausta, Crispiniana adormeceu com a criança em seu peito. Já não chorava de agonia por seu futuro nem pelo dele. Assim como a mão do Velho Nagô pacificou seu corpo em cólera, seu filho confortou naqueles dias seu coração dos maus tratos de que tínhamos conhecimento (Vieira Jr, 2018, p.57-59).

Nesse trecho da obra de Vieira Jr. fica evidente que as parteiras eram mulheres que ajudavam outras mulheres durante o período de gravidez e na hora do parto, e que na ausência ou na omissão do poder público eram elas quem entravam em ação e faziam seus serviços. As parteiras, além de se organizarem em pequenas comunidades, formavam uma rede de reciprocidade, onde uma ajudava a outra sem a necessidade de receber algum dinheiro por isso. A pessoa que foi ajudada se sentia “obrigada” a cumprir o pagamento dessa “dívida” não com moedas, mas sim com uma ajuda recíproca (Pereira, 2016).

Pereira (2016) ressalta que as parteiras são incansáveis, que não importa o dia, a hora, a distância, as condições meteorológicas, a dificuldade de locomoção, nada, elas estão sempre prontas a atender um chamado e socorrer quem precisa. Ele ainda aponta que o parto realizado por elas segue um ritual que busca uma aproximação com o mundo sagrado, por meio das rezas, dos amuletos, dos chás, das ervas, entre outros.

Para Durkheim (1998) os rituais realizados com palavras, gestos, frases e movimentos são os meios pelos quais o grupo de parteiras se reafirma. O ritual praticado por elas estrutura-se no domínio do sagrado, estabelecendo uma fronteira com o profano.

Passaram-se vinte e oito luas quando minha mãe foi chamada de novo para ajudar no parto, dessa vez de Crispina. Seria de novo dia de lua cheia. Quem a acompanhou foi Belonísia, mas, pouco tempo depois de terem partido, minha irmã voltou sozinha e aflita para levar meu pai. Algo adverso acontecia a Crispina e minha mãe achou por bem buscar Zeca. Com o pé direito na barriga

da mulher, meu pai viu que não havia movimento da criança. “É um anjo”, minha mãe disse. A sentença que ninguém queria ouvir naquelas horas (Vieira Jr, 2018, p.60).

Esse pequeno fragmento da obra de Vieira Jr. também pode ser relacionado à meta 5.6 do ODS 5 que busca promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, em especial para as mulheres do campo, pois no momento em que a personagem Salustiana Nicolau é chamada mais uma vez para ir até à casa de Saturnino realizar um parto, só que desta vez era Crispina quem daria a luz, tem-se a constatação de que as mulheres preferiam as parteiras aos médicos. Tanto que ao perceber algo de anormal com Crispina, Salu pede para buscar seu marido e curador Zeca Chapéu Grande, ao invés de pedir ajuda a um médico.

Barroso (2009) ressalta que apesar dos médicos possuírem conhecimentos teóricos de obstetrícia, eles não conseguiam fazer com que as mulheres procurassem os hospitais para fazerem um acompanhamento da gestação e se prepararem para o parto. Eles eram convocados em casos extremos, quando precisavam de uma intervenção cirúrgica.

Fui tomada por uma intensa ansiedade quando comecei a sentir tontura e enjoos quase diários. Tinha dezesseis anos e já havia visto muitas mulheres da fazenda pegarem barriga. A primeira coisa a me causar repulsa foi o beiju de jatobá. Saía devagar para o quintal, distante de casa, para colocar para fora o que não caía bem. Não iria aguentar olhar para minha mãe e meu pai e explicar o que estava acontecendo. Me preocupava ainda mais a reação de Belonísia. Se estivesse mesmo grávida, teria que deixar a casa e ir morar com Severo (Vieira Jr, 2018, p.77).

Esse excerto relaciona-se com a meta 5.6 do ODS 5 pelo fato da personagem Bibiana, tão jovem, com apenas dezesseis anos, engravidar se seu primo Severo. O IPEA (2018) informa que há uma grande desigualdade em relação ao acesso e uso dos métodos contraceptivos por parte das mulheres negras, impedindo-as a ter seus direitos sexuais e reprodutivos garantidos. Assim como a falta do uso de métodos contraceptivos, em especial a camisinha, que além de evitar gravidez, previne com as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), é maior também na população negra do país.

A ansiedade narrada por Bibiana ao suspeitar que estava grávida e que teria que encarar seus pais, Salustiana Nicolau e Zeca Chapéu Grande, para explicar o que estava acontecendo com ela, deixa evidente o pensamento de Paulo (2010) e Longhi (2007) que afirmam que falar de sexualidade em contextos rurais ainda é um tabu imposto pela família rural patriarcal.

Há uma intensa fiscalização dos jovens, por parte dos familiares e da comunidade, controlando a sexualidade, para que os jovens se mantenham virgens, principalmente as meninas, para que não percam o status de moças. A virgindade da mulher é algo importantíssimo nas famílias rurais, engravidar antes do casamento é sinal de desonra para toda a família (Silva, 2007). Por conta desse forte controle sobre a vida amorosa dos filhos, em especial as meninas, é que a personagem Bibiana se encontrava as escondidas com Severo. Ao mesmo tempo que temia a reação dos pais, receava em dar a notícia ao amado, como mostra o trecho:

Continuava a encontrar Severo e deitávamos juntos na terra, em lugares mais afastados da vista de qualquer pessoa. Quando levantávamos, ele retirava de meu cabelo a palha seca acumulada no chão. Sentia a minha preocupação. Estava dispersa, preservava pouco do que me falava e compreendia tudo pela metade. Quando comuniquei minhas suspeitas, que minhas regras não haviam descido, senti seu rosto se iluminar. Assim como eu estava aflita por tudo que teria que enfrentar quando meus pais descobrissem, vi em suas expressões sentimentos diversos dos que me afligiam. Severo ficou eufórico, subiu numa jaqueira de fronde vistosa naquela atmosfera de galhos secos e retirou um fruto do seu tronco para comermos juntos. Abriu a jaca viscosa com o facão que trazia junto ao corpo e sorriu. O leite grudento minando da casca aumentou ainda mais minha náusea. Mas gostei tanto de vê-lo agitado que comi dois bagos, num esforço tremendo para fazê-los descer pela garganta – era jaca mole e eu regurgitava tentando engolir – até que prendi a respiração para mantê-los em meu estômago (Vieira Jr, 2018, p.77-78).

Na segunda parte do livro, intitulada Torto Arado, no capítulo três, a personagem Tobias entrega à Zeca Chapéu Grande um envelope. Ele, por não saber ler, passou à Salustiana Nicolau, que por ter idade avançada e, estar no cair da tarde, à luz do candeeiro, e não enxergar mais direito, passou o envelope à Domingas, que logo identificou ser carta de Bibiana, trazendo informações sobre ela e Severo e o especial pedido à Salu, que ela fizesse o seu parto, caso conseguisse voltar à fazenda, conforme mostra o trecho:

Apeou do cavalo, chamou meu pai, que havia acabado de chegar da roça, e lhe entregou um envelope. Meu pai não poderia ler, então passou o envelope para minha mãe, que perguntou o que era, e Tobias só fez repetir que lhe deram na cidade e que era para o compadre Zeca. Salu estava envelhecendo, e no cair da tarde, à luz de candeeiro, não enxergava mais direito. Deveria estar precisando de óculos, como a professora Lourdes. Passou o envelope para Domingas, que leu com os olhos que faiscavam refletindo a luz fraca. «É de Bibiana, mãe.» Meu pai sentou numa cadeira. Não conseguia olhar fixamente para ninguém. Minha mãe suspirou por Deus, em prece para que fossem boas notícias. Domingas rasgou o envelope, havia outro envelope dentro, esse destinado a Severo pai, nosso tio Servó. Tobias se aproximou de mim, seu gibão cheirava a couro que ainda curtia, seus olhos cercavam Domingas, mas logo se desviavam em minha direção. Minha irmã se pôs a ler, aproximando o papel de vez em quando do candeeiro. Parecia que o bilhete havia sido escrito com uma caneta fraca. Estavam todos bem, trabalhavam em uma fazenda na região

de Itaberaba. Bibiana se aproximava de ganhar criança. Gostaria que nossa mãe fizesse o parto, tentaria voltar para o nascimento, mas se não desse, viriam no fim do ano. Severo estava trabalhando no corte de cana, tinha feito amizade com gente do sindicato. Tinham notícias da chuva que havia encerrado o longo período de seca, porque lá também chovia. Que iriam tentar guardar dinheiro para comprar um pedaço de terra. Queriam ser donos da própria terra. Estavam bem, não lhes faltava nada. Que no início do próximo ano ela iria fazer um supletivo voltado para trabalhador rural e logo poderia fazer o magistério para ser professora. Perguntava por mim, Domingas e Zezé. Dizia que sentia falta de todos. Logo mandaria notícias (Vieira Jr, 2018, p.102-103).

Esse trecho do livro pode ser associado à meta 5.6 do ODS 5 que versa sobre assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, em especial para as mulheres do campo. A personagem Bibiana, ao desejar retornar à fazenda Água Negra para que sua própria mãe fizesse o seu parto, deixa claro e evidente a confiança que as mulheres depositavam nas parteiras e o respeito que elas tinham na sua comunidade, mas principalmente, pelo vínculo familiar existente entre elas.

Helman (2003) traz essa relação íntima entre a parturiente e quem está realizando o parto quando diz que todas as mulheres, de todas as culturas, no momento em que iam dar à luz eram assistidas por uma ou mais pessoas, e que a princípio eram do sexo feminino, sendo elas parentes, amigas, parteiras.

Maldonado (2002) afirma que até o século XVII a arte de parir era um assunto exclusivo das mulheres, onde tudo era resolvido de maneira simples e caseira, cabendo a uma parteira experiente e a mãe da parturiente resolver a situação.

Ainda na segunda parte, no capítulo quatro, Vieira Jr. continua a relatar o incansável trabalho de parteira, que outrora era realizado por Donana, e agora estava sob a responsabilidade de Salustiana Nicolau. Em meio a tantas mulheres grávidas, inúmeras crianças vindas ao mundo pelas mãos de Salu, a matriarca da família não conseguiu realizar o desejo de Bibiana, nem tampouco sabia quem tinha ajudado a filha a colocar seu/sua neto/neta no mundo, é o que mostra o trecho:

Depois do fim da estiagem, nasceram crianças como orelha-de-pau em troncos apodrecidos nos charcos que se tornaram a vazante. Passei a acompanhar Salu quase toda semana para ajudar as mulheres no parto. [...] Seguiu de casa em casa para pegar criança, com as forças do Velho Nagô, lembrava sempre, e se regozijava com o «Deus lhe pague». Não vi minha mãe se queixar da quantidade de mulheres parindo, do trabalho que não era pouco, do preparo do ferrado para evitar qualquer mal depois da parição, dos restos a serem enterrados no quintal, do cuidado com o corte do cordão do umbigo. O som da colher quente queimando o umbigo do recém-nascido e o cheiro de banha derretida que enchia o ambiente ficaram gravados em minha memória. Era o cheiro daquele ano movimentado de tanto trabalho, mas tido como de grande benção, diferente dos anos de seca, quando enterramos anjinhos na Viração. Os dias se passaram como o vento. Nem Bibiana nem Severo vieram no fim

do ano, como prometido. Nem mesmo um bilhete chegou para dizer se a criança havia nascido, se era menino ou menina, se se chamava Severo ou José, ou Salustiana ou Hermelina. Ou se chamava Maria ou Flora, como chamávamos as bonecas de sabugo de milho de nossa infância. Minha mãe se demonstrava aflita, sensível a qualquer anúncio de chegada de um caixeiro ou vendedor de mantas e panelas, que poderia trazer um novo bilhete com notícias de Bibiana (Vieira Jr, 2018, p.105-106).

Vieira Jr., em várias partes do livro, relata episódios em que os homens assediavam as meninas, conforme exposto anteriormente. Isso independia da idade delas e/ou da diferença de idade existente entre eles e as jovens. No capítulo três, da segunda parte, o autor mostra a personagem Tobias se aproximando de Belonísia com segundas intenções, mesmo tendo ele idade para ser pai dela, como mostra o fragmento abaixo.

Com o passar do tempo, Tobias já deveria saber de minha deficiência e não me importunava com perguntas. Retirava um raminho de sempre-viva do chapéu e colocava em meu cabelo. Sentia vergonha e incômodo. Não estava acostumada a ter que responder às cortesias de estranhos. Depois tive vontade de sorrir, mas, desajeitada que era quando precisava me relacionar com outras pessoas, só conseguia desviar meu olhar e seguir minha caminhada. Nas noites de jarê via o vaqueiro de prosa com outros moradores, por vezes se juntavam mulheres, como as meninas de dona Tonha, e ele continuava sorrindo, cortejando, principalmente depois de tomar umas boas doses de cachaça. No começo senti indiferença, até gostava quando estava em prosas animadas com outras pessoas e seus olhos me deixavam quieta, ao lado de Domingas ou de minha mãe. Depois passei a me sentir inquieta e desconfiada, querendo talvez que dirigisse sua atenção a mim (Vieira Jr, 2018, p.101-102).

Esse excerto pode ser relacionado com a meta 5.2 do ODS 5 que propõe eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, em especial para as mulheres do campo, pois a personagem Tobias, homem experiente, maduro, tenta seduzir Belonísia, menina ingênua, deficiente e menor de idade, deixando-a constrangida e envergonhada.

No capítulo quatro da segunda parte, Vieira Jr. continua narrando sobre a personagem Tobias e o seu interesse por Belonísia, revelando que o homem havia procurado por Zeca Chapéu Grande e manifestado o interesse em levar Belonísia para morar com ele, queixando-se da solidão vivida por ele na margem do Santo Antônio, de acordo com o trecho transcrito.

Em certa manhã, meu pai se dirigiu a mim, à mesa que exalava o cheiro do café fresco que Salu coava. Disse que Tobias o havia procurado com respeito, porque queria me levar pra morar com ele. Falou que o homem se queixava da solidão na tapera da margem do Santo Antônio. Que tinha muita estima e consideração por mim. Por um minuto, imaginei meu pai alertando o homem do meu defeito, dizendo que a filha era deficiente, que tinha uma natureza forte,

rude como uma onça, mas que tinha um bom coração. Imaginei meu pai lhe fazendo prometer que cuidaria de mim, que eu não conheceria sofrimento. Imaginei aquela conversa que nunca soube se existiu, porque nada foi dito sobre minha condição. Disse que não precisava responder logo, poderia pensar, e que só aceitasse se me sentisse pronta para ir, porque ele não queria conceder a mão da filha a qualquer um. Que só o fazia porque conheceu Tobias durante aquele ano e o considerava trabalhador e de respeito (Vieira Jr, 2018, p.108).

O trecho acima relaciona-se com a meta 5.3 do ODS 5 que relata sobre a necessidade de eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, em especial para as mulheres do campo. Aqui a personagem Tobias, nem pede a Zeca Chapéu Grande a mão de Belonísia em casamento, tampouco demonstra ter algum sentimento por ela. Simplesmente procura o pai para falar que queria levar a menina para morar com ele alegando sentir-se muito sozinho na tapera da margem do Santo Antônio, sem ao menos saber se essa era a vontade de Belonísia.

A união entre adolescentes e adultos, seja ela de natureza formal ou informal, é denominada casamento infantil. Santos (2017) afirma que essa nomenclatura vem dos documentos e relatórios existentes na Organização das Nações Unidas (ONU) e no Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Cabe ressaltar novamente que, segundo Taylor et al (2015), no ranking de casamento infantil, o Brasil é o quarto país do mundo, perdendo apenas para a Índia, Bangladesh e Nigéria.

Deixei a casa de meus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas, lembrando a mala de couro surrada de Donana que Bibiana havia retirado de debaixo da cama antes de partir. Se ela não tivesse levado, talvez fosse eu a carregá-la comigo. Senti um aperto no peito; o trotar das patas invadia a parte baixa de meu quadril como um eco. Seguimos devagar, Tobias em silêncio, quando preferia que falasse algo para confortar minha aflição. Com uma mão eu segurava sua cintura, e com a outra, a trouxa (Vieira Jr, 2018, p.109).

Nesse pequeno fragmento da obra de Vieira Jr., no capítulo cinco da segunda parte, ficam nítidas as questões que levam meninas tão jovens quanto a personagem Belonísia a iniciar uma vida conjugal antes mesmo de atingir a maioridade. Teixeira *et al* (2019) apontam que as baixas perspectivas de vida, somadas ao discurso de uma sociedade machista e patriarcal, remontam a ideia de que a mulher nasceu, única e exclusivamente, para casar, gerar filhos e cuidar da casa. Ressaltam ainda que as mulheres oriundas de classes sociais inferiores veem o casamento como única saída para melhorar de vida e que essa situação ocorre com maior frequência nas regiões periféricas das cidades ou nas zonas rurais, sendo a maioria delas negras ou pardas e de baixa renda.

O casamento precoce passa a ser algo comum para essas meninas, visto que esta é uma realidade existente em decorrência da pobreza, do machismo e do patriarcado e que por serem mais novas e não terem maturidade, encaram essa união como um ciclo natural da vida (Teixeira *et al*, 2019).

«Aqui é sua casa, sinhá moça.» [...] Eu me sentia paralisada e já com vontade de voltar para casa de meus pais. «Entre.» Fiquei em choque com a desordem que havia naquele casebre de três cômodos, com roupas sujas, mau cheiro e toda espécie de entulho espalhado pelos cantos. Sem contar no estado geral da casa, com paredes esburacadas e filetes de luz entrando pelo telhado, o que indicava que precisava de reparos ou de uma nova cobertura. Em poucos dias sentiria um enorme arrependimento de ter escrito «quero» no papel pardo que dei a minha mãe, porque percebi que minha vida dali em diante não seria nada fácil. [...] Naquele momento, fui sendo tomada de pavor, mas fiz de tudo para não transparecer minha tristeza. Apesar de assustada e em dúvida, não queria magoar. Era natural aquela repulsa, afinal nunca havia saído de casa. Ali, na tapera de Tobias, tudo era novidade. Em breve se tornaria um lugar que poderia me trazer gosto. Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado, tanto em casa quanto nas aulas da professora, na casa de dona Firmina (Vieira Jr, 2018, p.109-110).

O trecho que se encontra no capítulo cinco da segunda parte revela que os sentimentos da personagem Belonísia não estavam claros para ela nesse momento tão decisivo de sua vida. Sair da casa de seus pais para ir morar em um outro ambiente, com uma outra pessoa muito mais velha que ela, despertou na jovem o medo, a insegurança e o arrependimento de ter aceitado o pedido de Tobias. Uma mudança muito brusca para uma jovem que nunca havia saído de casa e agora teria que enfrentar o mundo, seus medos, suas limitações e ainda se fazer esposa, na cama, nos afazeres da casa, e quem sabe, gerar um filho e ter mais uma responsabilidade atribuída a ela em meio a tantas outras exigidas a uma moça tão jovem e deficiente.

Garcia (2017) aponta que de acordo com as pesquisas realizadas nas áreas da neurociência e da psicologia em relação a (in) capacidade do adolescente para tomar decisões e avaliar as consequências é restrita e que por estarem com o cérebro em formação, precisam de proteção especial.

Tobias parecia estar contente. Tomou a trouxa de minha mão e jogou na cama. Me pegou pelo braço e andou agitado pelos cômodos da casa me mostrando objetos, um monte de cacarecos, coisas estragadas e que jamais seriam recuperadas. Me conduziu alvoroçado pela porta do fundo, havia um pequeno jirau, achas de madeira, um fogão de barro quase desmoronando. [...] Disse que eu poderia fazer o almoço, que se faltasse algo ali poderia encontrar crescendo no meio da terra. Agradei a Deus por estar muda porque não saberia o que falar diante daquela pocilga. Cumprida a apresentação, Tobias voltou para fora de casa, colocou seu chapéu de couro e desamarrou o cavalo, dizendo que iria retornar para a roça. Voltaria para almoçar. Cavalgou para longe. Me

vi sozinha. Não sabia a que distância estava a vizinha mais próxima, nem o que fazer se encontrasse algum perigo, como uma caninana ou uma cascavel dentro de casa. Num primeiro instante, caí dura numa cadeira com o assento de palha desfeito, e o zumbido das moscas durante um tempo foi a única coisa que consegui escutar (Vieira Jr, 2018, p.110-111).

O fragmento localizado no capítulo cinco da segunda parte, deixa claro que a decisão marital é a mais pura expressão do desejo masculino: casar-se com mulheres mais jovens para se sentirem mais jovens também (Segundo *et al*, 2012).

Fica evidente também que a vontade do homem, além de ter um caráter impositivo, e sempre se sobrepõe aos desejos femininos, é fator decisivo para a relação (Teixeira *et al*, 2019).

De imediato, Tobias abriu um sorriso quando entrou na casa. Temi por um momento que reclamasse por ter mexido em suas coisas, por ter tentado arrumar a bagunça, ainda que não tivesse conseguido fazer tudo naquelas horas que permaneci sozinha. Mas a diferença era clara. Ele olhava os cantos, a cama arrumada, o rasgo no colchão de palha de milho costurado – com linha e agulha que trouxe em minha trouxa –, a mesa limpa, as moscas que voavam mais distantes, a comida que fumegava no fogão. Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera. Fiz um prato farto para ele, postei-me de pé ao seu lado, esperei que comesse, queria ver em seu rosto o deleite por provar meu tempero. Comeu ávido, com as mãos, despejava largas porções de farinha de mandioca em seu prato, até esvaziá-lo. Joguei as espinhas no mato. Nem esperei que pedisse por mais e repus o feijão e o peixe. Esvaziou com o mesmo entusiasmo do primeiro. Deixei que se afastasse para o banho na lata cheia que tinha ido buscar no rio, ao terminar a minha tentativa de arrumar a casa. Estava exausta quando entrei para me banhar no Santo Antônio (Vieira Jr, 2018, p.113-114).

O excerto que está no capítulo seis da segunda parte, pode ser relacionado com a meta 5.4 do ODS 5 que discorre sobre eliminar a desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado e não remunerado, inclusive no trabalho doméstico e de cuidados, promovendo maior autonomia de todas as mulheres, em especial para as mulheres do campo. Vieira Jr. escreve que a personagem Tobias ficou contente por ver que a sua casa havia se modificado graças ao trabalho realizado por Belonísia, mas em momento algum ele a agradeceu por ela ter se empenhado e conseguido limpar a casa, arrumar a cama e as roupas, cozinhar, entre outros. Apesar da reação insensível de Tobias, Belonísia acredita que ele, de fato, não precisava ter agradecido pelo simples fato de que cabe às mulheres os afazeres domésticos, a fim de que possam melhor atender e agradar aos seus maridos.

A divisão sexual de trabalho no Brasil ainda é realizada de forma desigual. Aos homens cabem o trabalho remunerado e às mulheres restam o trabalho doméstico e os cuidados não remunerados. Enquanto os maridos saem para trabalhar e conseguir dinheiro para sustentar as famílias, as mulheres ficam dentro de suas casas lavando, passando, limpando, cozinhando, cuidando dos filhos e dos maridos, deixando de cuidar delas mesmas, para não receberem nada por isso. Isso deixa evidente a separação de atividades e a hierarquização.

Quando a noite caiu, acendi o candeeiro com o querosene que havia achado misturado ao lixo. Coloquei-me por perto da luz, sentada para costurar um dos dois lençóis puídos e com grandes rasgos que havia lavado pela manhã. Estava tomada pela agonia e tentava me concentrar na agulha. Tobias me cercou, bebia a cachaça que havia deixado em cima da mesa. Passou a falar do dia, das reses, de Sutério, dos trabalhos na fazenda. Eu parava por uns minutos para olhar um pouco para seu rosto, para que não pensasse que era desfeita minha costurar àquela hora. Para que não desconfiasse que temia o que estava por acontecer a nós dois, na mesma cama em que havia batido com o cabo da vassoura para levantar o pó e que havia costurado. Mas bastava que encontrasse seus olhos para de imediato desviar para a agulha que rompia a trama do tecido entrando de um lado a outro. E com o coração aos pulos dizia a mim mesma «a cada hora, sua agonia» (Vieira Jr, 2018, p.114).

O fragmento faz parte do capítulo seis da segunda parte e mostra o medo e a insegurança que a personagem Belonísia estava sentindo na sua primeira noite com Tobias. Não sabia como agir e o que iria acontecer com ela, pois sua mãe nunca havia dialogado com ela sobre sexo e sexualidade. Jardim e Brêtas (2006) apontam que a família tem um papel crucial na educação sexual dos filhos, mas muitos pais não assumem esse papel e deixam os jovens desinformados sobre o assunto.

Guessser (2016) ressalta que é na família que deve acontecer o primeiro diálogo sobre sexo e sexualidade. Porém, muitas acabam deixando a desejar. Acredita-se que fatores como cultura, vergonha ou até mesmo a desinformação dos pais acabam comprometendo esse momento tão importante na formação dos jovens, passando à escola a missão da educação sexual dos filhos.

Depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. Enquanto ele entrava e saía de mim num vai-e-vem que me fez recordar os bichos do quintal, senti um desconforto no meu ventre, aquele mesmo que me invadiu pela manhã com o trotar do cavalo. Virei minha cabeça para o lado da janela. Tentei olhar pelas frestas a luz da lua que tinha despontado no céu mais cedo. Senti algo se desprender de seu corpo para meu interior. Ele se levantou e foi se lavar com o resto de água. Abaixei minha roupa e fiquei de costas com os olhos no teto de palha procurando filetes de luz. Procurando alguma estrela perdida, que se apresentasse como uma velha

conhecida, para dizer que não estava sozinha naquele quarto (Vieira Jr, 2018, p.114-115).

Este trecho que compõe o capítulo seis da segunda parte do livro pode ser relacionado à meta 5.2 do ODS 5 que versa sobre eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, em especial para as mulheres do campo.

A forma como Vieira Jr. relata a primeira noite de Belonísia com o seu parceiro Tobias é impactante. O jeito com que ele descreve a cena e a reação que a jovem teve durante e após o ato sexual deixa evidente que aquela é uma experiência traumática para ela. Barcellos (2007) aponta que um dos maiores traumas que dilaceram a vida de qualquer ser humano é a violência de cunho sexual, marcada por traços de arbitrariedade, vivenciada em silêncio dentro de quatro paredes de um lar.

No dia seguinte, logo depois que Tobias saiu para a lida, minha mãe apareceu trazendo Domingas. [...] Queria ver como eu estava, saiu cedo de casa, vieram caminhando aproveitando enquanto o sol ainda não estava a pino. Senti certo alívio de ver as duas. Salu tinha a apreensão nos olhos. Se não fosse a vergonha, teria me perguntado se me fiz mulher direito durante a noite, se ele tinha sido respeitoso comigo. [...] Eu estava agitada, minhas mãos cortavam o ar, Domingas tentava acompanhar meu raciocínio e ria das minhas tarefas de nova dona de casa. Passamos horas felizes naquela manhã, mas senti um aperto no peito ao vê-las se afastarem tomando o rumo para casa (Vieira Jr, 2018, p.115).

Esse trecho, encontra-se no capítulo seis da segunda parte, mostra a alegria da personagem Belonísia ao receber a visita de sua mãe Salustiana Nicolau e da sua irmã Domingas. Porém, a falta de intimidade entre a mãe e a filha fica evidente quando Vieira Jr. relata que se não fosse a vergonha de Salustiana, teria perguntado à Belonísia como foi a primeira noite com o companheiro Tobias, se ele a tinha feito mulher e se havia sido respeitoso com ela. Ainda que Belonísia conseguisse falar, não relataria à mãe como foi a sua primeira noite com Tobias, guardando para si o triste ocorrido com ela na noite anterior. O mesmo fará com as inúmeras situações ruins que passará com Tobias, conforme relatado.:

Tobias retornava ao fim da tarde e a primeira coisa que fazia era dar uma talagada na garrafa de cachaça que ficava em cima da mesa. Depois tomava banho ou ia direto se sentar à mesa para a refeição. Eu parava o que estivesse fazendo para servir. No começo, parecia apreciar minha comida, sempre repetia. Depois passou a reclamar. [...] Nessas horas eu ficava aflita, o coração aos pulos, magoada comigo mesma, me sentindo uma tonta por ter sido desleixada com o preparo. Mas suas queixas não passavam disso, não alterava o tom da voz, não falava alto. Falava como se olhasse para o cultivo e constataste alguma coisa que enfraquecia a plantação. [...] Enquanto o tempo passava, Tobias parecia não sentir satisfação pelo que eu fazia. [...] Nessas horas, crescia a vontade de deixar tudo para trás, de voltar para minha casa,

mas o que os vizinhos não diriam? [...] Deixava aquela mágoa morrer no peito, mormente quando ele levantava a roupa antes de dormir para entrar em mim. Ele dormia, roncava, não reclamava da mulher deitada, então ficava quieta por dentro, como se estivesse tudo bem. Me levantava logo quando o via se mexer na cama, antes de o sol levantar. Mas era só acordar que vinha mais queixa. [...] Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava. [...] O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito. [...] Era assim que me sentia. Mas ali, na casa do homem com quem vivia, nos limites daquele casebre de paredes que ruíam, era uma intrusa. Não me sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos (Vieira Jr, 2018, p.115-117).

Esse fragmento encontra-se no capítulo seis da segunda parte e pode ser relacionado com a meta 5.2 do ODS 5 que discorre sobre eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas, em especial para as mulheres do campo. A personagem Tobias, aos poucos, foi mudando seu comportamento dentro de casa e principalmente o seu tratamento com a companheira. Com o passar do tempo, Belonísia foi entristecendo e cada dia mais se arrependendo de ter saído de casa. Sabia que permanecer inerte não era do seu feitio, porém, não sentia vontade de reagir.

Silva, Dimenstein, Dantas (2018) pontuam que um dos fatores que contribuem para a permanência da mulher em uma situação em que sofre violência, é sem dúvida, o casamento; sofrem dentro de casa, sentem-se coagidas a não manifestar seu sofrimento em nome da harmonia familiar.

Costa (2014) afirma que o casamento é um dos motivos do sofrimento da vida da mulher rural, visto que a maioria tem baixa escolaridade, casa ainda muito jovem, passa a ter uma vida submissa, dedicando os cuidados ao marido, aos filhos e aos afazeres domésticos, não recebem ajuda do companheiro e não tem nenhum momento de lazer e diversão.

Um dia, logo depois de Tobias sair a cavalo para a lida com Sutério, Maria Cabocla adentrou a casa num repente que me fez imaginar que era alguma maldade à espreita, algum homem a entrar pela porta para atacar a mulher que vivia sozinha. Ela estava com a roupa rasgada, chorando muito, o corpo tremia, carregava seu menino caçulo também aos prantos. Não entendia muita coisa do que dizia, ouvia apenas algumas repetições, «ele vai me matar». Os olhos estavam arregalados, o cabelo liso grudado no rosto de suor e o muco viscoso deixava o nariz. Ela se sentou. Fechei a porta de casa para ver se seu pavor diminuía, para abafar o som dos choros que ecoavam porta afora. Servi um copo de água, tomei o menino em meus braços, mas nada do que fazia parecia amenizar o sofrimento dos dois. Só depois de algum tempo, Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido, e que as outras crianças haviam se embrenhado na mata. Senti um arrepio só de pensar que aquele homem adentrasse a casa para buscar Maria Cabocla, além de me dar umas pancadas por ter violado a regra de que não se deve meter em briga de marido e mulher. Depois tentei me acalmar. [...] Foi então que vi seu olho roxo, um ferimento acima da pálpebra, e senti amargura. [...] Maria estava magra, parecia ter uma fome permanente. Seu corpo miúdo tinha manchas púrpuras,

era possível ver à luz do dia. Mulher bonita, minha mãe diria, mas maltratada. Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas. Em pé, olhando Maria sentada na cadeira, vi seus seios pequenos, subindo e descendo na inquietude de sua respiração desolada. Me senti compadecida de sua situação e com vontade de dividir o pouco almoço, mas me contive porque ainda dava importância à reação de Tobias (Vieira Jr, 2018, p.118-119).

O trecho compõe o capítulo sete da segunda parte do livro de Vieira Jr. e pode ser associado à meta 5.2 do ODS 5 que relata sobre eliminar todas as formas de violência de gênero, em especial para as mulheres do campo. A personagem Maria Cabocla, ao adentrar na casa de Belonísia com a roupa rasgada, chorando e com o caçula também aos prantos, configura uma cena de violência muito comum sofrida pelas mulheres.

A violência contra as mulheres é um problema de cunho social e de saúde pública, além de ser uma violação dos direitos humanos das mulheres (Rodriguez-Borrego; Vaquero-Abellan; Rosa, 2012).

De acordo com Costa e Lopes (2012), a violência contra as mulheres no cenário rural se torna mais grave, pois fatores como o anonimato e o isolamento associados à distância da área urbana contribuem para o aumento da invisibilidade da violência sofrida por elas no ambiente rural.

A Lei Maria da Penha, reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das três melhores legislações em âmbito internacional para o enfrentamento da violência contra as mulheres, conceitua as formas de violência doméstica e familiar contra as mulheres como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, ocorrida no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família e em qualquer relação íntima de afeto (Brasil, 2006).

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Art. 6º A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos.

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018)

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A violência contra as mulheres, seja em ambiente urbano ou rural, precisa ser vista como violência de gênero, ocorrida por conta de uma desigualdade, nos mais variados espaços sociais (Saffioti, 2011).

Assim como adentrou, Maria Cabocla, depois de um tempo curto, saiu porta afora, agradecendo. O menino dormia encangado em seu corpo, esquecido do choro. Disse que iria procurar pelos outros filhos, que o marido deveria ter saído, que a raiva haveria de ter passado. Quase li em seus pensamentos que foi uma tolice ter deixado a casa, se assustar, que o lugar de uma mulher é ao lado do marido. Não se sai de casa em casa contando o que acontece na sua própria, fazendo de sua vida assunto de mexerico. À porta vi seu corpo deslizar ágil pelo caminho, e pedi aos encantados que a protegessem com seus meninos (Vieira Jr, 2018, p.119-120).

Esse trecho, localizado no capítulo sete da segunda parte do livro de Vieira Jr., retrata a triste realidade de muitas mulheres. As vítimas de violência doméstica no meio rural não realizam denúncias por vários motivos, entre eles o medo, a dependência

econômica, a falta de apoio familiar e social, e as poucas informações. É preciso cessar esse ciclo de violência, esse silenciamento, essa falta de dados, para que se possa construir novas relações entre homens e mulheres, seja no campo ou na cidade (Gehlen; Cherfem, 2021).

Minayo (2005) afirma que a naturalização da violência contra a mulher é uma característica marcante da cultura do povo ocidental, onde o machismo que norteia essa cultura acaba exercendo grande influência nas relações entre os homens e as mulheres, fazendo com que a violência seja algo corriqueiro, natural.

Mais tarde, Tobias chegou suado e com os olhos vermelhos. De longe senti que havia bebido. [...] Fiquei apreensiva, aliás, essa apreensão havia se tornado uma rotina em minha vida naquele pouco tempo em que morávamos juntos. Pensava na grande besteira que foi ter saído de casa, mas ele nem queria me dar o direito ao pensamento naquele dia, berrava palavras violentas contra todos: desde os vizinhos até Sutério e a família Peixoto. [...] Quando botei o prato na mesa, ele meteu as mãos sujas e levou à boca. Falou palavra que não entendi, parecia ter queimado os dedos na comida quente. Continuei ao seu lado. Depois que levou a mão à boca de novo, gritou que estava sem sal. Babava. Era a primeira vez que o via completamente embriagado. [...] Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era. No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas. [...] Ele se recostou na parede, o banco pendia para trás. Olhei para o chão, imaginei que esperasse que fosse limpar tudo naquela mesma hora, mas passei saltando o prato de esmalte de andu e galinha esparramado. Limpei minhas mãos na roupa, saí pela porta do quintal, e me pus a cavoucar o canteiro de tomate e cebolinha. Esperava que viesse atrás de mim, valente, que quisesse levantar a mão para me bater. Ouvi gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca. Dava um golpe mais forte fazendo desprender da terra grandes torrões. Que se atrevesse a vir me agredir que faria o mesmo com sua carne: a faria soltar da face com um golpe apenas. Antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga. Ele continuou com os insultos, mas deixei meu coração aquietar. Trabalhar a terra tinha desses sentimentos bons de amansar o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam (Vieira Jr, 2018, p.120-121).

Esse trecho compõe o capítulo sete da segunda parte do livro de Vieira Jr. e pode ser relacionado com a meta 5.2 do ODS 5 que versa sobre eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, em especial para as mulheres do campo. A personagem Tobias, ao agredir verbalmente Belonísia, magoou-a intensamente, despertando nela uma raiva sem tamanho. Como não conseguia expressar seu ódio em palavras, devido a mutilação sofrida na infância, teve como válvula

de escape o trabalho na terra, uma maneira de descontar toda a sua fúria e controlar seus sentimentos.

A violência traz um grande risco para o processo de desenvolvimento do ser humano. Ameaçar, fazer pressão psicológica, agredir física ou psicologicamente, causa um prejuízo imensurável à saúde das pessoas, chegando, em alguns casos, a levar à morte. Sabe-se que quaisquer tipos de violência, em especial a violência contra a mulher, é caso de saúde pública e precisa ser enfrentado e resolvido pelo Estado (Agudelo, 1990).

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno mundial. Embora ocorram ações e movimentos em defesa da cidadania feminina, ainda não é o suficiente para eliminar a violência contra a mulher, pois muitas delas sofrem a violência em ambiente familiar, dentro de suas residências, sendo coagidas e silenciadas, o que torna difícil o trabalho de extinção do ato violento. Ao manifestar suas insatisfações e começarem a protestar as agressões sofridas, elas contrariam os interesses de seus parceiros, e passam ser vistas com ameaça à posse e à virilidade (Guedert, 2020).

Guedert (2020) ainda pontua que se faz necessário eliminar a violência dentro dos lares para que se possa transformar a sociedade. A violência contra a mulher não pode ser naturalizada, ela precisa e deve ser denunciada por todos, fazendo valer-se as leis e os aparatos jurídicos, além da criação das redes de atendimento e de campanhas educacionais reflexivas que trarão mudanças de comportamentos e levarão a eliminação da violência doméstica.

A agressividade de Tobias cresceu nos meses que se seguiram, a ponto de minha mãe fazer chegar a mim um recado de meu pai: estava preocupado comigo e queria que voltasse para casa. Não seria vergonha alguma para a família meu retorno. Apenas queria zelar por sua filha para que nada de ruim acontecesse. [...] Não foram poucos os dias em que pensei em retornar à casa de meu pai. Mas algo me dizia que poderia dobrar o homem. Não deveria deixar a casa, acovardada. Se havia coisa que aprendi era que não deveria aceitar a proteção de ninguém. Se eu mesma não o fizesse, ninguém mais poderia. [...] Ele nunca havia feito perversidade como o marido de Maria Cabocla e de tantas outras que faziam das mulheres saco de pancada. Somente uma vez havia ameaçado me bater, quando me fez procurar uma calça puída que havia costurado dias antes para que vestisse. Gritou com seu jeito grosseiro, e eu, me sentindo ofendida, não ardeei o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa e a susteve no ar quando interrompi a costura para mirar com olhos ferozes os seus olhos. Como se o desafiasse a fazer o que ele queria, para ver se sua bravura ultrapassaria minha determinação. Senti um bicho ruim me roendo por dentro naquele instante e talvez tenha visto a fúria que guardava. Tobias abaixou a mão e parou de falar, envergonhado, e saiu para beber mais. Quando retornou, cambaleando, deitou na cama ainda sujo e dormiu (Vieira Jr, 2018, p.134-135).

Esse fragmento que está no capítulo dez da segunda parte do livro de Vieira Jr. relaciona-se com a meta 5.2 do ODS que versa sobre eliminar todas as formas de violência

de gênero nas esferas pública e privada, em especial para as mulheres do campo. Aqui fica evidente que a agressividade da personagem Tobias em relação a sua companheira Belonísia aumentava a cada dia. Quanto mais ele bebia, mais ele proferia palavras ofensivas a ela, chegando inclusive a jogar as coisas no chão durante as discussões.

Siqueira e Rocha (2019) ressaltam que a alteração provocada no homem por causa do álcool o faz praticar atos abusivos contra a mulher sem se preocupar com as consequências desses atos.

Sabe-se que a bebida alcóolica não é a única responsável pela violência doméstica, mas também não se pode negar que ela seja um impulsionador da agressividade. De acordo com Siqueira e Rocha (2019), o álcool traz inúmeros prejuízos aos relacionamentos, entre eles, fazer com que a mulher acredite que a culpa nunca é do homem, mas sim da bebida, ou ainda, na tentativa de fazer com que o parceiro pare de beber, as discussões aumentem e as agressões deixem de ser verbais e passem a ser físicas, culpando agora a mulher pelo ato violento.

Com a personagem Belonísia Tobias não chegou a vias de fato, pois na primeira vez em que ele levantou a mão ela não se intimidou, olhou-o com olhos ferozes e intimidadores, que o fez abaixar a mão, parar de falar e sair envergonhado.

Passadas semanas, depois de uma noite mal dormida, sem eu saber por onde andava Tobias, Genivaldo, vaqueiro da fazenda, chegou à porta de nossa casa com o chapéu na mão. Silencioso, o mau presságio a ponto de arrebentar em seu rosto. Parecia uma ave de mau agouro, e senti meu corpo se arrepiar por inteiro. Me convidou a acompanhá-lo pela estrada para o lugar onde encontrou o homem que havia me tirado de casa, caído (Vieira Jr, 2018, p.137).

Esse pequeno trecho que se encontra ainda no capítulo dez da segunda parte do livro de Vieira Jr. mostra que o sofrimento de Belonísia chegara ao fim. Ela que viu sua vida resumir-se em trabalhos domésticos para agradar ao companheiro, em agressões verbais praticadas pelo próprio marido e arrependimento por ido morar ele, agora teria seu grito de liberdade ouvido.

Me ajoelhei e fechei os olhos de Tobias. Levantei sem sobressalto, caminhei para o canto da estrada onde o cavalo comia com a cabeça baixa e abanando as orelhas para espantar as varejeiras. Alisei sua barriga, como se fosse o ser mais importante do mundo. Dei dois tapinhas no lombo, indicando que queria partir. Tomei as rédeas em minhas mãos e segui caminhando com os moradores, que carregaram o corpo até nossa casa. [...] Meus olhos estavam secos, tamanha era a duração da estiagem. Estiou alguma coisa em mim desde o dia em que permiti aquela união, desde quando entrei na casa repleta de entulhos e deixei que Tobias levantasse minha roupa. Desde quando me permiti ouvir insultos sem devolver da maneira que gostaria. Me postei de pé um pouco afastada do caixão, mas próxima à porta, recebendo os vizinhos que chegavam em grande número. [...] Esperavam que me comportasse como uma viúva inconsolável. Cuidavam para que meu luto estivesse evidente, em

respeito ao homem que vivia comigo. Tive que me conter algumas vezes para não deixar escapar um sorriso traiçoeiro, um gesto que fosse considerado desrespeitoso pelos presentes, por meu pai e minha mãe, principalmente. [...] Durante todo o velório, só olhei para o rosto de Tobias uma única vez, mesmo assim guardando certa distância de seu corpo (Vieira Jr, 2018, p.138-139).

Esse trecho do capítulo onze da parte dois da obra de Vieira Jr. mostra a frieza com que a personagem Belonísia trata o companheiro agora morto. Tamanho foi o sofrimento causado por ele, que somado às dores que ela trazia consigo ao longo da vida, a fez dar mais atenção ao animal do que com o próprio defunto. Ela não derramou nenhuma lágrima se quer, nem quando soube da morte do companheiro, tampouco quando o viu estirado no chão já sem vida, muito menos durante o velório, onde olhou para ele apenas uma vez, ainda a uma certa distância. Inclusive teve que se conter algumas vezes para não dar um sorriso, tamanho era o alívio que sentia por saber que não sofreria nunca mais pelas agressões de Tobias.

Araújo (2017) afirma que as mulheres que são agredidas, na grande maioria, sofrem caladas e por não conseguirem dar um basta acabam vivendo, convivendo e sobrevivendo com a violência por muito tempo. O amor, motivador da união, após uma sequência repetida de violência, dá espaço a dor e ao sofrimento.

No mesmo dia em que terminei de trazer as coisas da casa antiga para a nova, Maria Cabocla adentrou a casa, acuada, com um corte na boca. Não precisava falar para que eu soubesse. Aparecido estava a cada dia pior. Disse que se voltasse e a encontrasse em casa, que a mataria na frente dos filhos. Senti revolta, tive más recordações de Tobias, mesmo achando que não deveria lembrá-lo dessa forma, para que tivesse seu derradeiro descanso. Arrastei Maria para sua casa de novo, havia chegado com três crianças, mas as outras continuavam lá, sozinhas. Não achava justo deixá-las aos cuidados de um bêbado. Estava farta de vê-la chegar desamparada. Ela parecia não querer ir, tinha o medo em seus olhos, mas cedeu. Fui buscar algumas coisas no armário de roupa para colocar no pequeno bocapio. Pensei em pedir a ajuda de algum homem, mas antes que externasse isso, Maria me disse que se um homem fosse à sua casa seria pior, poderia até haver morte, Aparecido tinha ciúme doentio dela. Desisti e decidi ir sozinha, em sua companhia (Vieira Jr, 2018, p.143).

O excerto que se encontra no capítulo onze da segunda parte do livro de Vieira Jr. relaciona-se à meta 5.2 do ODS 5 que trata sobre eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, em especial para as mulheres do campo. Mais uma vez a personagem Maria Cabocla vai até a casa de Belonísia pedir socorro por contra das agressividades do marido Aparecido. Porém, dessa vez a agressão passa dos limites, pois Maria Cabocla chega com um corte na boca e com apenas três dos filhos, pois os demais haviam ficado em casa com o marido. Belonísia, com toda a sua força e garra

decidiu ir até a casa de Maria Cabocla falar com Aparecido e convenceu a amiga a ir junto com ela para lutar pelos seus direitos.

Santos e Moré (2011) apontam que filhos que presenciam a violência entre os pais, tendem a ser agressivos, delinquentes e até mesmo repetir a violência em suas relações, uma vez que o modelo de relação aprendido foi o da agressão dos pais.

Silva *et al.*, (2007) ressaltam que tanto as crianças quanto os adolescentes que presenciam a violência sofrida pela mulher têm as mesmas sequelas físicas e psicológicas às da vítima de agressão, podendo desencadear ansiedade, dores de cabeça, úlceras, sentimento de culpa, depressão, problemas na fala quando crianças, dificuldade de aprendizagem e de concentração.

Menos de uma semana depois, um dos filhos de Maria foi me encontrar enquanto limpava a roça. Disse que o pai estava louco, batendo de novo na mãe. Fiz sinal para que o menino esperasse. Passei em casa para pegar o que precisava. [...] Cheguei à casa de Maria Cabocla como quem não queria nada, e a certa distância pude ouvir o choro ecoando pela trilha em que caminhava a passos rápidos. Bati na porta que já se encontrava aberta, mas avisando que alguém iria entrar. [...] Entrei como se a casa fosse minha. [...] O homem gritou para que eu fosse embora, que cuidasse da minha vida. [...] Maria levantou de onde estava, veio para cima dele, mas foi lançada em seguida ao chão por um tapa desferido com as costas da mão desproporcional do homem. Eram mãos engrossadas pelo trabalho, pela vida nada fácil. Meus olhos cresceram ferozes ao ver Maria no chão, que parecia não se acovardar àquela hora, dizendo que eu iria ficar. Quando ele veio para cima para tentar me retirar dali à força, meu coração estava aos pulos, sentia meu interior frio como a brisa da madrugada, mas permaneci firme como meus antepassados. Não foi o suficiente para evitar que Aparecido apertasse meu punho e tentasse me arrastar para fora. Encostei a lâmina que escondia atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao ver minha reação. Estava em minha mão direita, com o cabo fresco como um seixo recém-tirado do rio. Maria parecia sobressaltada com a visão que tinha, mas não hesitou em pedir que Aparecido fosse embora de novo. Correu para o quarto para fazer uma pequena trouxa e voltou gritando que não iria mais apanhar, que ele fosse de uma vez e a deixasse com os meninos, que se virariam. A faca encostou de tal maneira no seu queixo que quase vi o momento em que o laceraria. Seus olhos vermelhos de fúria amansaram como os de uma criança acuada pelo medo de uma aparição da mata. Aparecido chorou, pedindo perdão, dizendo que ele não era de fazer isso, que a bebida era uma desgraça em sua vida (Vieira Jr, 2018, p.149-150).

Esse trecho encontra-se no capítulo treze da segunda parte do livro de Vieira Jr. e relaciona-se à meta 5.2 do ODS 5 que aborda a eliminação de todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, em especial para as mulheres do campo. Mais uma vez a personagem Belonísia é informada que Maria Cabocla está sofrendo violência do seu marido Aparecido. A frequência dos ataques de fúria do marido contra a esposa tem aumentado e cada vez que o ato se repete é a Belonísia que Maria Cabocla tem

recorrido. Ela não recorre aos homens da vila porque o marido é ciumento e ela teme que a fúria seja ainda maior.

Só que desta vez Aparecido não só agrediu a esposa como também tentou agredir Belonísia, porém, ela, enfurecida, sacou a faca de sua avó Donana que carregava consigo e encostou no queixo do agressor pronta a cortá-lo, caso fosse preciso. Ao ver que Belonísia partiu para cima do agressor, Maria Cabocla encorajou-se, arrumou a trouxa de roupa dele e pediu que fosse embora, que a deixasse sozinha com os filhos, pois ela nunca mais iria apanhar. Encurralado e assustado, chorou, pediu perdão, prometeu que não faria mais isso e colocou a culpa na bebida alcóolica.

É possível observar a relação entre o consumo de álcool e a violência no ambiente familiar. As mulheres, vítimas de agressões, acabam naturalizando o abuso da bebida alcóolica dentro de casa e quando questionam o parceiro sobre o excesso do consumo de álcool, eles reagem com violência. Desta forma, o álcool apresenta-se como um elemento potencializador da violência no ambiente familiar. (Carvalho *et al.*, 2018).

O uso progressivo e constante do álcool favorece ao desgaste emocional, a depressão, o medo, a instabilidade de humor, a agressividade, entre vários outros problemas emocionais das esposas (Feijó *et al.*, 2016).

Meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós. Minha avó, Donana, tinha dado à luz o filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda. Donana dizia que ele nasceu com os olhos esbugalhados e não chorou nos primeiros minutos. Quase sem forças o levou ao seio para que tomasse de seu peito. Somente depois de saciado deu um berro, que pôde ser ouvido de longe, anunciando sua chegada. Meu pai foi o primeiro dos onze filhos que minha avó teve com diferentes maridos (Vieira Jr, 2018, p.164-165).

O trecho faz parte do capítulo dezesseis da segunda parte do livro de Vieira Jr. e relaciona-se com a meta 5.6 do ODS 5 que versa sobre assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, em especial para as mulheres do campo. Ao relatar que a personagem Donana deu à luz ao filho José Alcino em meio a uma plantação de cana porque não haviam permitido que ela deixasse de trabalhar naquele dia, mostra o quanto lhe foi negado em relação a assistência ao parto. Nessas condições, mãe e filho poderiam ter ido a óbito devido a falta de local apropriado para a realização do parto.

De acordo com Sousa, Schweickardt, Ferla e Tobias (2022) as parteiras preparam o local onde será realizado o parto, higienizando, fazendo todo o preparo para melhor atender a mãe e o bebê que está para chegar. As parteiras geralmente preparam bebidas e banhos à base de ervas, realizam técnicas manuais de manuseio da barriga, endireitam o bebê dentro da barriga da mãe, fazem suas rezas. Tudo para oferecer um parto mais rápido e menos doloroso. Porém, não foi o que ocorreu com a personagem Donana no momento em que foi dar à luz.

Foi nesse dia que Bibiana resolveu reunir o povo de Água Negra para falar. Mesmo enredada em seu luto, precisava expor o que pensava. Não poderia deixar as coisas se desenrolarem do jeito que estavam ocorrendo porque, do contrário, em breve todos estariam em perigo. Mesmo que o vazio permanecesse em seu corpo, não deixaria a memória de Severo ser violada por uma mentira. Logo essa mentira seria muitas mentiras a acompanharem sua história, sem que pudesse se defender. E seus filhos? Como viveriam com a imagem vilipendiada do pai? Não permitiria que seu legado fosse despedaçado pela história que as autoridades queriam contar. Muitos deixaram seus afazeres, em respeito, para ouvi-la. Salu seguiu pelo caminho apoiada no braço de Domingas e do genro. Belonísia acompanhou os sobrinhos, mancando, depois de hesitar e escutar da irmã se deveria ou não permitir que ouvissem o que tinha a dizer. “Não há o que esconder”, disse Bibiana, num momento de rara firmeza nas últimas semanas. “Por mais que doa a verdade, é melhor saber por nós mesmos do que por outros. E, sabendo por mim, poderão defendê-lo com os mesmos argumentos.” (Vieira Jr, 2018, p.217).

Esse excerto compõe o capítulo cinco da terceira parte do livro de Vieira Jr. e relaciona-se à meta 5.c do ODS 5 que versa sobre adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, em todos os níveis, em especial para as mulheres do campo. O trecho acima mostra a personagem Bibiana reunindo o povo de Água Negra para falar, expor a sua opinião, alertar os moradores, papel que antes cabia ao falecido marido Severo. Ela ergueu sua voz, impôs-se e mostrou toda a sua garra diante de todos, agora seria a chefe da família.

De acordo com Herídia e Cintrão (2006) a luta das mulheres rurais trouxe a elas o protagonismo, a visibilidade, que proporcionou um grande avanço na construção de políticas públicas que garantissem a igualdade de gênero no meio rural. No início dos anos 1980 houve o aparecimento das primeiras organizações de mulheres trabalhadoras rurais, cuja visibilidade foi conseguida em encontros, congressos e marchas que traziam como lema o reconhecimento do trabalho feminino na agricultura familiar, o direito à aposentadoria, a sindicalização, ao salário maternidade, a reforma agrária e o direito à terra em seu nome.

Assim também fez a personagem Bibiana, mesmo em luto pela perda do marido, de forma trágica, criou coragem, reuniu todo o povo de Água Negra e fez o seu pronunciamento, expondo a sua opinião e os seus apontamentos mediante a morte ocorrida.

Quando Donana encontrou a filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envergou no chão como um jumento que não quer seguir o caminho que lhe resta. Retesou todo o corpo como se nunca mais fosse deixar aquela posição. Gritou com grande cólera, pôs os meninos em prontidão, sua fúria era seu próprio desespero. Carmelita andava arredia, chorosa pelos cantos da casa, ela percebia, mas não passava por sua cabeça nada do que havia visto. Quase não olhava para a mãe. Donana pensou que era ciúme de filha que não aceitava o novo companheiro. Mas se passou um ano, dois. Adentrava o terceiro. Os machucados que a filha escondia, como se estivesse boba de atenção, esbarrando em tudo, caindo em todo lugar. Tudo fazia sentido. Seu homem batia, maltratava, violava e ameaçava sua filha debaixo do seu teto, com sua concordância? Carmelita implorou à mãe por perdão. A mãe que não conseguia mais olhar para a própria filha. A filha que agora queria ir embora de casa. Encontraria seu rumo como havia feito o irmão. E o homem não se redimiou: ficou mais forte, mandava em tudo, mandava na casa, tinha a mulher sob seu cabresto (Vieira Jr, 2018, p.239-240).

O fragmento faz parte do capítulo nove da terceira parte do livro de Vieira Jr. e está ligado à meta 5.2 do ODS 5 que trata sobre eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, em especial para as mulheres do campo. A personagem Donana, ao encontrar a sua filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço, enfureceu-se, mas não fez nada. Somente após decorridos três anos e ao ver Carmelita com alguns machucados é que ela entendeu que ele batia, maltratava, violava e ameaçava sua filha debaixo do seu teto. Donana já não conseguia olhar para a filha, esta, por sua vez, queria fugir de casa por não ter o perdão da mãe. Enquanto isso, o abusador de Carmelita só ganhava forças, mandava e desmandava dentro de casa.

Segundo Lira *et al.* (2017), os abusos sexuais ocorridos dentro dos lares, seja por pai, padrasto ou qualquer outro membro familiar, quando revelados, repercutem em todos da família, em especial, entre a mãe e a filha abusada. Essa situação traz um afastamento entre os membros da família, principalmente entre a mãe a filha que foi abusada. As lembranças perseguem a todos e a situação torna-se difícil de ser encarada. Tomar conhecimento do ocorrido entre a própria filha e uma pessoa de seu convívio gera uma situação delicada para muitas mulheres, pois elas se veem diante de um terrível dilema, escolher entre a filha abusada sexualmente e o abusador, que na maioria das vezes é o pai ou o padrasto. Grande parte das mulheres não denunciam os autores do abuso, que por

ser seu companheiro, temem prejudicá-los, ou até mesmo, retomar as relações e a convivência entre os membros da família.

4.4 Dificuldades para atingir o ODS 5

Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas é o lema do 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, durante a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, na Assembleia Geral, para que fosse implementado em todos os países até 2030.

Inúmeros são os empecilhos para que se atinja o ODS 5, principalmente no Brasil, onde se impera uma grande desigualdade social, resquício do período colonial e da escravidão, além do racismo e da discriminação de gênero.

Embora as personagens femininas de *Torto Arado* (2018) sejam mulheres fortes, guerreiras, que carregam consigo uma força desmedida, observa-se que a meta 5.1 que versa sobre acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em todas as partes apresenta dificuldades para ser alcançada, pois habitam uma região do Brasil que precisa ser observada com mais atenção. São trabalhadoras rurais do sertão baiano, descendentes de negros que foram escravizados e hoje vivem em regime de servidão e totalmente discriminadas.

Para Souza (2015) as discriminações de gênero sofridas por negras e quilombolas dão-se tanto nos tempos de antigamente como nos dias de hoje, delimitada por um tempo geracional. A discriminação de gênero está enraizada no exercício da maternidade, nos cuidados da casa, da família, entre outros, na liberdade masculina, no padrão de masculinidade, impostos pela sociedade, onde a figura do esposo e do pai é limitada ao provimento alimentício para a família e na possibilidade de agressão nas situações de conflito conjugal.

As discriminações ocorrem não somente com as meninas e mulheres negras, quilombolas, embora, nesses casos, elas sejam mais acentuadas. Basta ser do sexo feminino para que seja tratada de maneira desrespeitosa. Vieira Jr. mostra que a personagem Donana, adotada e mantida como doméstica pelos seus mantenedores, sofreu por toda a sua vida, inclusive na velhice, quando os homens chegavam armados, com documentos, muitas vezes falsificados, dizendo que haviam comprado pedaços de Caxangá, e só a preservavam por conta da idade avançada e por saberem dos poderes da velha feiticeira, das viuvezes, entre outros.

Assim como Donana, as demais personagens também foram vítimas de discriminação, como por exemplo Belonísia, por ter sua língua mutilada e conseqüentemente não conseguir pronunciar corretamente as palavras e Bibiana, por liderar o sindicato dos trabalhadores na Fazenda Água Negra e em seguida, por erguer a sua voz.

A violência é tratada na meta 5.2 e traz em seu texto a pretensão de eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos. A violência feminina é uma das inúmeras desigualdades de gênero e acomete tanto meninas quanto mulheres. As personagens Bibiana e Belonísia quando se tornaram mocinhas, precisaram cobrir os peitos para que os homens não a assediassem, embora todos as respeitassem por serem filhas do curador Zeca Chapéu Grande.

Vieira, Oliveira e Sókora (2017) afirmam que para compreender a violência sexual contra crianças e adolescentes é preciso refugar teorias e apreensões lineares, pois é um fenômeno multidimensional de extrema violação dos direitos humanos. O machismo, o senso comum, e principalmente as apreensões reducionistas que transformam a violência sexual em uma definição absoluta e fechada potencializam os processos de (re) vitimização e culpabilização das vítimas.

Bibiana e Belonísia cobriam os seios porque sabiam que os homens mais velhos abusavam sexualmente das moças de Água Negra, engravidavam-nas e desgraçavam com a reputação e a vida dessas jovens. Da mesma maneira, o padrasto de Carmelita a abusou por longos anos, deixando marcas da agressão em seu corpo e sua mente. Ao ser encontrada por Donana na cama com o homem de sua mãe e a partir de então ser ignorada por ela, sentiu-se imensamente culpada pelo abuso e tomou a decisão de sumir sem deixar rastros.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma questão complexa que requer tanto o amparo da legislação quanto um olhar atento da sociedade. É preciso compreendê-la na sua totalidade e essencialidade para que elimine práticas conservadoras de moralização e culpabilização (Vieira; Oliveira; Sókora, 2017).

Martins (2022) afirma que o crime de estupro tem suas raízes históricas, levando em consideração as violências sexuais sofridas pelas mulheres negras desde o período colonial no Brasil e que a formação do povo brasileiro que se deu por meio das práticas de estupro das mulheres negras e indígenas, sem se esquecer do estupro ocorrido dentro

da relação conjugal, onde o machismo impõe à mulher a obrigação de satisfazer sexualmente seu marido.

As personagens Belonísia e Maria Cabocla, vítimas de violência doméstica, retratam a realidade inúmeras mulheres da vida real que sofrem com a dominação de gênero, de raça e de classe. Para Saffioti (2015) a violência doméstica possui características específicas, como a codependência e o estabelecimento de relação fixada, onde o homem deve agredir porque é macho e precisa dominar, e a mulher deve tolerar porque esse é o seu destino.

A violência doméstica, por ser praticada por pessoas próximas, do convívio familiar, com quem se tem uma relação afetiva, apresenta dificuldade de ser superada por envolverem fatores emocionais, familiares, financeiros, somados a carga moralista imposta pela sociedade. Há uma naturalização da violência familiar, da aceitação por parte das mulheres, além das interferências dos familiares, dos amigos e das religiões (Martins, 2022).

Sabe-se que a violência doméstica praticada contra as mulheres é reflexo da cultura machista, porém, é preciso encará-la como um grave problema da sociedade e para superá-la não basta criar leis, embora, seja indubitável o avanço obtido após a criação das leis Maria da Penha, do Feminicídio, faz-se necessário investir em políticas públicas específicas para o enfrentamento da violência e nas mudanças estruturais da sociedade, como o sexismo e o racismo.

A personagem Belonísia casou-se precocemente com Tobias não porque o amava, nem porque era amada por ele. A união deu-se pelo simples fato dele pedir a Zeca Chapéu Grande que a deixasse morar com ele na tapera da margem do Santo Antônio por se sentir muito sozinho. Atingir a meta 5.3 que versa sobre eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, forçados e de crianças e jovens, em especial para as mulheres do campo não é tarefa fácil.

Embora o ordenamento jurídico determine que a idade mínima para o casamento seja os 18 anos, cabe ressaltar que até 2019 o matrimônio era permitido aos menores de idade em duas situações: aos jovens a partir dos 16 anos mediante a autorização dos responsáveis e aos menores de 16 anos mediante ordem judicial especial. Em 2019, a permissão de casamento aos que não atingiram os 16 anos foi revogada (Brasil, 2019).

Apesar de haver lei que proíba o casamento infantil, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aponta que o Brasil ocupa a quarta posição no ranking de

casamento infantil, com mais de três milhões de casos, sendo assim o líder na América Latina. O líder no ranking mundial é a Índia, seguidos por Bangladesh, Nigéria e Brasil.

Varia (2015) ressalta que os Estados precisam garantir a aplicabilidade e a eficácia da lei, envolver-se com os líderes religiosos e comunitários para que se afaste por completo os costumes e as tradições religiosas.

Vieira Jr. (2018) relata que grande parte das meninas de Água Negra casavam ainda muito jovens, pois muitas delas acabavam engravidando e quando não, os pais autorizavam-nas a se juntar com homens, em sua maioria, mais velhos, na certeza de que seriam bem cuidadas e que nada faltaria a elas.

Taylor *et al.* (2015) ressalta que o casamento infantil ocorre com mais frequência em áreas com menor acesso à educação e a oportunidade de emprego para meninas e mulheres, e com taxas elevadas de violência de gênero. Isso acontece não somente na fictícia Água Negra, como em todo o Brasil e no mundo inteiro.

Meninas e mulheres que vivem nas periferias da cidade ou na zona rural, e em sua grande maioria negras ou pardas e de baixa renda, veem o casamento como a única opção de melhoria de vida. Para Conceição *et al.* (2017), dados do IBGE de 2012 mostram que o número de adolescentes negras grávidas, com idade entre 12 e 18 anos, é superior ao de adolescentes brancas, assim como o nível de escolarização e permanência na escola após a gravidez também é maior nas adolescentes negras.

A UNICEF aponta que um dos fatores importantes para a eliminação do casamento infantil é a uniformização do quadro jurídico nacional, evitando a prolação das decisões divergentes, além de respeitar os padrões internacionais de direitos humanos. Uma das medidas essenciais a ser tomada é adotar como idade mínima para se contrair matrimônio os 18 anos, sem possibilidade de exceções, e com punição para os que violam a lei (Varia, 2015).

A meta 5.4 que visa eliminar a desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado e não remunerado, inclusive no trabalho doméstico e de cuidados, promovendo maior autonomia de todas as mulheres, em especial para as mulheres do campo pode ser vista não somente na obra Torto Arado (2018) quanto na vida real, no Brasil e no mundo.

Não considerar os afazeres domésticos como trabalho silenciou e ocultou, por muito tempo, as relações desiguais entre os sexos. As atividades domésticas sempre foram destinadas às mulheres, a elas cabiam a função de cuidar da família, e aos homens, prover

financeiramente o lar. Esse modelo histórico de núcleo familiar coloca a mãe como protagonista, a responsável por cuidar e educar os filhos (Ramos, 2013).

A divisão do trabalho oriunda das relações sociais de sexo é assimétrica, reproduz as desigualdades dos papéis e funções que o homem e a mulher exercem na sociedade, acentua a exploração e a opressão de um sexo em detrimento ao outro. A divisão do trabalho estabelecida entre os sexos, coloca a mulher como cuidadora do lar, tornando a sua função de pouco valor social, quando não, invisível; e o homem como produtor material da família, assumindo um papel de prestígio e de poder dentro de uma sociedade (Sousa e Guedes, 2016).

Sousa e Guedes (2016) ressaltam ainda que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho além de não equilibrar as funções atribuídas aos sexos, ainda reforçou as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente contribuem com os homens para a provisão financeira da família. A saída do lar e as conquistas adquiridas pelas mulheres aparentam uma revolução incompleta, sendo que elas além de realizarem o trabalho fora de casa, assumem praticamente sozinhas as atividades do espaço privado, perpetuando a desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho.

As personagens de Vieira Jr. (2018) retratam a dura e triste realidade das mulheres quilombolas, moradoras de Água Negra. A elas cabiam a função de cuidar da casa, das roupas, dos filhos, da alimentação e ainda, na medida do possível, ajudar o marido nos seus afazeres. Infelizmente a vida imita a arte. Mulheres, no Brasil e no mundo, sentem-se sobrecarregadas, além de trabalharem o dia inteiro fora de casa, ao retornar, não recebem ajuda de seus companheiros para realizarem os afazeres domésticos, que não são poucos. Muitas, inclusive, se sacrificam pela família, abrindo mão de sua vida particular, dos seus cuidados pessoais, em prol da felicidade de todos os membros de sua família.

A vida cobra muito das mulheres, desde pequenas lhes são impostas condições e crenças para que elas possam conseguir um bom marido e serem bem quistas pela sociedade. Entretanto, essa dificuldade não fica restrita apenas na questão da divisão de trabalho, mas também na saúde sexual e reprodutiva, como aborda a meta 5.6 que discorre sobre promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, considerando as intersecções de gênero com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo.

As questões econômicas e sociais que atingem o mundo ressaltam as desigualdades sexuais e reprodutivas. Milhares de mulheres vivem em locais onde o

acesso aos serviços de saúde reprodutiva são limitados, principalmente para as meninas e mulheres rurais, indígenas e quilombolas

Jardim e Bretas (2016) afirmam que cabe à família orientar e fornecer a educação sexual aos jovens, porém, muitos encontram dificuldade em assumir esse papel, fazendo com que o adolescente cresça desinformado e despreparado para suas novas descobertas em relação à sua sexualidade. Muitos pais não realizam esse diálogo por vergonha, ou até mesmo por desinformação, atribuindo à escola e aos professores o papel da educação sexual.

A falta de informação faz com que muitos jovens acabem engravidando precocemente, ou até mesmo pegando uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). As personagens Bibiana e Belonísia relataram a necessidade de cobrir os seios para que os homens não as olhassem com maldade, pois já haviam visto inúmeras meninas engravidarem ainda muito jovens. A falta de orientação e de prevenção fez com que Bibiana engravidasse precocemente do seu primo Severo. Situação muito comum em famílias mais carentes e de pouco estudo.

A gravidez na adolescência traz consequências e mudanças profundas na vida das meninas, como deixar de frequentar a escola, trabalhar para sustentar o filho, encontrar alguém ou algum lugar para deixar a criança enquanto a mãe trabalha, entre outros. A personagem Bibiana, não tendo com quem deixar seus filhos, teve que sujeitar a ganhar muito pouco, conseguindo um emprego de babá por ser o único local em que ela pudesse levar os seus filhos no trabalho.

Esse não é o único problema relacionado à saúde sexual e reprodutiva, o parto também tem sido algo preocupante e delicado. Meninas e mulheres que vivem em situações precárias, ou em áreas rurais não têm acesso às unidades de saúde pública, não fazem o acompanhamento pré-natal, tampouco se programam para a hora do parto, muitas vezes dando à luz com a ajuda de parteiras.

As personagens femininas existentes na obra *Torto Arado* (2018) tinham seus filhos em suas casas, com a ajuda de parteiras. Inúmeras foram as crianças colocadas ao mundo pelas mãos de Donana, Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau. Por residirem na zona rural, longe do hospital, por não possuírem meio de transporte que as levassem à cidade, dar à luz com o auxílio de parteiras transformou-se em uma questão cultural.

As parteiras, também conhecidas como comadres, tinham muito prestígio na comunidade. Além de ajudar na hora do parto, orientavam sobre os cuidados com a

gravidez, recomendavam chá e remédios caseiros às mulheres e aos bebês, apoiavam a amamentação, sem receber necessariamente algum dinheiro pelo serviço prestado.

Falar de igualdade de gênero é falar de igualdade de direitos, porém, ainda temos uma sociedade muito desigual, incapaz de garantir que se alcance a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas. Garantir que se cumpra a agenda 2030, em especial o ODS 5, não é uma tarefa fácil, há muito chão a ser trilhado para que se consiga uma sociedade justa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior traz uma representação importante das vozes femininas na literatura brasileira. Por meio da história das irmãs Bibiana e Belonísia e da figura de outras mulheres que habitam o universo ficcional da obra, o autor apresenta uma crítica social sobre as condições de vida e trabalho das mulheres rurais, bem como sobre a luta diária pela sobrevivência. Com uma narrativa intimista, o livro apresenta uma perspectiva de gênero que é capaz de trazer à tona aspectos importantes sobre a vida de personagens historicamente invisibilizadas. Além disso, o uso da representação de vozes femininas no livro *Torto Arado* faz parte de um movimento na literatura brasileira que busca a ampliação da diversidade e da inclusão em termos de gênero e raça, contribuindo para uma literatura mais abrangente e representativa.

A análise do discurso presente no livro *Torto Arado* aborda questões importantes sobre a identidade brasileira, a exploração do trabalho no campo, as desigualdades sociais e a luta pela sobrevivência. A obra retrata a opressão vivenciada pelos negros no Brasil, onde a cor da pele ainda é determinante para a exclusão social e para a perda de direitos. A estratégia de negar a própria identidade torna-se então uma maneira de resistência e de manutenção de um vínculo com as raízes ancestrais, ao mesmo tempo que protege a comunidade da perseguição e da violência.

A narrativa de Bibiana e Belonísia evidencia uma realidade que ainda existe em muitas partes do país, onde a luta pela sobrevivência se mistura com a luta por dignidade e justiça social. O livro *Torto Arado* é uma obra importante para a compreensão das complexidades da história e da cultura brasileira, e para a reflexão sobre questões fundamentais como a opressão, a resistência e a identidade.

Os conflitos vividos pelas personagens femininas são bastante realistas, configuram trabalhadoras que trazem em seu DNA a impiedosa herança da escravidão,

quilombolas que vivem em um local de extrema miséria e abandono social, retratando a realidade do nordeste brasileiro, mais especificamente a Chapada Velha na Bahia.

Torto Arado, por apresentar personagens, em sua grande maioria, femininas, que trazem consigo a inclemente sina do feminino-negro numa sociedade patriarcal, machista e racista apresenta um grande potencial de estudo analítico do quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Falar sobre a igualdade entre os sexos é colaborar para a construção de uma sociedade livre e um desenvolvimento sustentável.

Garantir que se cumpra a Agenda 2030 da ONU para que se consiga um mundo melhor para todos os povos e nações, em especial o ODS 5, não é uma tarefa fácil, há muito caminho a ser percorrido para que se consiga uma sociedade justa. Assim, essa dissertação traz novas perspectivas para as futuras pesquisas e, poderá auxiliar nas discussões de políticas públicas voltadas para as mulheres, no ensino formal, por meio de disciplinas como literatura, sociologia e filosofia, discussões essas que podem contribuir para o empoderamento de meninas e mulheres, em especial, no que se refere ao espaço rural.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGUALUSA, José Eduardo. **A vida no céu:** Romance para jovens e outros sonhadores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

AGUDELO, S. F. La Violencia: un problema de salud pública que se agrava en la región. **Boletín Epidemiológico de la OPS**, 1990.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura e educação: diálogos. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 17-27.

AHLERT, M. **Cidade Relicário:** uma etnografia sobre terecô, precisão e encantaria em Codó (Maranhão). 2013. Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília. Brasília.

ALMARALES, I. R. Hacia una investigacion sobre proteccion juridica de la familia y el menor. **Publicaciones cubanas**. Disponível em: <<http://www.ceniai.inf.cu/publicaciones/documentos/cubalex/Numero6/067.html>>.

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev.1996.

ARAÚJO, A. A. **Medicina rústica**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1979.

ARAÚJO, Iara Maria de. O amor e a violência nas relações íntimas: os significados construídos em torno do gênero. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

BACIGALUPO, Rosiane. Cemitérios: fontes potenciais de impactos ambientais. História, Natureza e Espaço-Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF, v. 1, n. 1, p. 05, 2012.

BANAGGIA, Gabriel. As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional, Rio de Janeiro. 2013

BANAGGIA, Gabriel. As forças do jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: Garamond. 2015.

BARCELLOS, M. **Atendimento às mulheres vítimas de estupro**: um estudo bibliográfico. 2007. Monografia (Conclusão de curso de Enfermagem) – UniCEUB, Brasília, Distrito Federal.

BARRETO, M. R. Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista. História, Ciências, Saúde. 2008 out-dez, 15(4): 901-925.

BARROS, T. H. B. **A representação arquivística**: uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro. 2014. 218 f. Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2014.

BARROSO, I. C. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. 2009 dez; 2.

BASAGLIA, C. C. P. A prática de parteiras e o universo multifacetado da maternidade. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

BATISTA, Sidnei Eduardo. **A anatomia da vingança**: uma leitura da obra romanesca de Moacir Japiassu. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 366. 2017.

BOXALL, P. **Ficção do século XXI**: uma introdução crítica. Cambridge: Cambridge UP, 2013. Print.

BRASIL. Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>.

BRASIL. Lei n. 13. 811, de 12 de março de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13811.htm>.

BROMBERG, M. H. P. Vida e Morte: Laços da Existência. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1996.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 2.

CANDIDO, A. O mundo desfeito e refeito. In: CANDIDO, A. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.30-34, 1993

CARDOSO, João Luís. A moralização do tempo em Simão de Nantua ou o Mercador de Feiras: experiência da história, imprensa e linguagem sentimental na cultura histórica brasileira como contexto da Abdicação (1831- 1834). 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11849>.

CARVALHO, Milca Ramaiane da Silva et al.. Interface between conjugal violence and alcohol consumption by the partner. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 71, p. 2109-2115, 2018

CAVALCANTI, Camillo. Sistematização da Literatura Contemporânea. **Cadernos do CNLF (CIFEFIL)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1217-1230, 2017.

CHAUÍ, M. (1996/1997). Senso comum e transparência. In J. Lerner (Org.), O preconceito (pp. 115-132). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

COELHO, E. Fundamentos para a criação de um Instituto de Partos no Rio de Janeiro. *Anais da Academia de Medicina*, p. 374-379, jan.-mar. 1887.

CONCEIÇÃO, I. M.; MOURA, P. A.; SANTOS, E.S. Gravidez e abandono escolar de adolescentes negras: Qual o papel da escola nesse contexto? Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/5268/1789>>

CORSI, J. La violencia en el contexto familiar como problema social. In: CORSI, J. (Comp.) *Maltrato y abuso en el ámbito doméstico*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

CORDEIRO, Filomena Luciene Reis. **Universo Feminino**: Academia Feminina de Letras de Montes Claros. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2013.

COSTA, Maria da Graça Silveira Gomes da. **Gênero, trabalho e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas na Região do Mato Grande Potiguar**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFRN, Natal-RN.

- COSTA, M. C.; LOPES, M. J. M.; SOARES, J. S. F. Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 162-68, 2015.
- COSTA, M. C.; LOPES, M. J. M. Elementos de integralidade nas práticas profissionais de saúde a mulheres rurais vítimas de violência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1087-1094, 2012.
- COSTA, M M M; FREITAS, M V P. O casamento infantil no Brasil e as questões de gênero. **Revista Jurídica em Pauta**, v. 1, n. 2, p. 33-44, 2019. Disponível em: < <http://revista.urcamp.tche.br/index.php/revistajuridicaurcamp/article/view/3112> >
- DADOORIAN, D. Gravidez na Adolescência: um novo olhar. **Psicologia ciência e profissão**, v.23, p. 84-91,2003.
- DALLA PALMA, Moacir. Discurso literário: linguagem intrinsecamente diferenciada ou texto institucionalmente determinado?. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 9, p. 69-76, 2007.
- DEL PRIORE, Mary. Mulheres no Brasil colonial. São Paulo: Contexto, 2000.
- DEL VALLE, Tadeu. El espacio y el tiempo en las relaciones de gênero. Madrid: Instituto de la Mujer, 1991, n. 05, p. 223. (Série Antropología Cultural).
- DIAS, M. D. Histórias de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em casa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 2, p. 476/488, 2007. Disponível em:
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. Routledge. Londres: Routledge, 2003, 270 P.
- FEIJÓ, Marianne Ramos et al. Álcool e violência nas relações conjugais: um estudo qualitativo com casais. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 581-592, 2016.
- FERNANDES, Maria L. O. Perspectivas Pós Modernas na Literatura Contemporânea. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v.2, n.2. p. 42-55, 2010.
- FRANÇA, Júlio. O nascimento da literatura do espírito da ficção: um estudo sobre as relações entre os conceitos de ficção e os de literatura. **Caderno Seminal**, v. 12, n. 12, 2009.
- FRANCELINO, P. F. O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber. **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**, v.3, n.1, 2005.
- FREIRE, M. **Rasif**: Mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>>

GALVÃO, M.L.S. Memória de ritos e símbolos na prática das parteiras no Nordeste brasileiro. in: Brasil, espaço memória e identidade. In: Lemos MTTB; Bahia LHN; Dembcz A, editores. Warszawa: CESLA; 2001. p. 261.

GARCIA, L. O difícil começo: racionalização e motivação na decisão da iniciação sexual. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017,

GOMES, Karina de Oliveira; REIS, Edna Afonso; GUIMARÃES, Mark Drew Crosland; CHERCHIGLIA, Mariângela Leal. Utilização de serviços de saúde por população quilombola do Sudoeste da Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29(9), set. 2013.

GUARINELO, Ana Cristina et al. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes -filhos surdos. In:Tuiuti: **Ciência e Cultura**, n. 46, Curitiba, 2013.

GUEDERT, S. **Violência doméstica contra mulher no campo da saúde: um estudo no HRSJ**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharel em Serviço social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GUESSER, A. P. **Gravidez na adolescência: causas e impacto na vida escolar de mulheres jovens de um município rural de Santa Catarina**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso, Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GUMBRECHT, Hans U. Uma rápida emergência do “clima de latência”. In Topoi, v. 11, n. 21, jul.-dez. 2010 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/VF5TFNdpVqW3PpqZj9wHFPg/?format=pdf&lang=pt>.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Rev. Bras. Enferm. 2006 marc-abr; 59(2): 157-62.

JOHNSON, N. et al. Storytelling for complex sustainability perspectives in business and management. In: **Storytelling for Sustainability in Higher Education**. Routledge, 2020. p. 271-281.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cadernos Cedes, Campinas, v. 19, n. 46, 1998, p. 68-80.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e; RODRIGUES, Vanda Palmarella; COUTO, Telmara Menezes; GOMES, Nadirlene Pereira; DINIZ, Normélia Maria

- Freire. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto Contexto Enfermagem**. 2017
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. **Revista Alceu**, v. 10, no. 20, jan/jun. 2010, pp. 5-15.
- LOPES, M. J. M. Violência contra mulheres em áreas rurais sob o olhar da saúde. In: GERHARDT, T.E.; LOPES, M.J.M. (Org). **O rural e a saúde: compartilhando teoria e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 77-86.
- LUKÁCS, György. O Romance Histórico. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. 440 p.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MICHELOTTI, Patricia. Despertando a formação inteligente: transformando o prazer da leitura em conhecimento integral a crianças, adolescentes e jovens. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, v. 7, n. 11, p. 146-165, 2017.
- MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 18-34, 2005.
- MOTT, Maria Lúcia. Assistência ao parto: do domicílio ao Hospital (1830-1960). In: Projeto História. São Paulo, 2002, p. 198.
- MOTT, Maria Lúcia. Assistência ao parto: do domicílio ao hospital (1830-1960). *Pro. História*. São Paulo (25), dez. 2002.
- MOTT, Maria Lúcia. Parteiros: o outro lado da profissão. *Revista Gênero*. 2005 2º sem; 6(1):117-40.
- MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. In: KRAMER, H. e SPRENGER, J. O martelo das feiticeiras. 12. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 05-17
- MURPHY, P.; BRERETON, P.; O'BROLCHAIN, F. New materialism, object-oriented ontology and fictive imaginaries: new directions in energy research. **Energy Research & Social Science**, v. 79, p. 102146, 2021.
- NERI, A. L. (Org.). Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais. Campinas: Alínea, 2002.
- NERI, A. L. (Org.). Palavras-chave em gerontologia. Campinas: Alínea, 2008.
- NILSON, L. L.; BOER, N.; FUZER, C. Aspectos que facilitam a sensibilização acerca da sustentabilidade na obra " A chave do tamanho", de Monteiro Lobato. **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1, p. 2008-2020, 2016.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova York: ONU; 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2021

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2000.

PAIVA, C. G. (2011). FAIRCLOUGH, N. Analysing Discourse: textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003. *Discursos Contemporâneos Em Estudo*, 1(1), 233–240. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/discursos.v1i1.0/8281>.

PALACIO, R. J. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. RIBEIRO, Elisa Antônia.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5.ed. São Paulo: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 1. ed. Campinas: UNICAMP, 1988.

PEREIRA, H. C. O conceito de ficção em Hayden White e sua validade para os debates em história e literatura. **Humanidades em diálogo**, 8, p. 93-107. 2017.

PEREIRA, Marina Santos. Associação das Parteias Tradicionais do Maranhão: relato da assistência ao parto. *Saúde e Sociedade*, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 589-601, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162542>.

PERRONE, R., & NANNINI, M. (1998). *Violencia y abusos sexuales en la familia - un abordaje sistémico y comunicacional*. Buenos Aires: Paidós

PINHEIRO, Maria Cristina. O trabalho de crianças escravas na cidade de Salvador 1850-1888. *Afro-Ásia*, 32, 159-183, 2005.

PIZZIO, D. M. **Torto Arado: um romance territorial**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Bacharel em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

PORAY-WYBRANOWSKA, J. *Climate Change, Ecological Catastrophe, and the Contemporary Postcolonial Novel*. London: **Routledge**, 2020.

POIRIER, J., DANIK, M., BLASS, J.P. Pathophysiology of the Alzheimer syndrome. In: GAUTHIER, S. (Org) *Clinical diagnosis and management of Alzheimer's disease*. Canadá: Martin Duniz. 2ª Edição, 2001, p.17-32.

QUADROS, R. M. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.) *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005. v. 1. p. 26-36.

- RAMOS, G. S. Leitura feminista da história das mulheres no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v.21, n.3, p.1232-5, dez. 2013.
- RAVAZZOLA, M. C. **Histórias infames: los maltratos en las relaciones**. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- RODRIGUES, A.C.E. **Estupro de vulnerável no âmbito familiar**. Juazeiro do Norte: UNILEÃO – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, 2022. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Bacharel em Direito, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, 2022.
- RODRIGUEZ-BORREGO, M. A.; VAQUEROABELLAN, M.; ROSA, L. B. A cross-sectional study of factors underlying the risk of female nurses' suffering abuse by their partners. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, p. 11-18, 2012.
- ROSA, C. R. O álcool e a violência doméstica: efeitos e dramas. **VirtuaJus**. Belo Horizonte, v.13, n.1, p.243-2691, ° sem. 2017.
- SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.
- SAFFIOTI, HIB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu*. 2011;(16):115-36.
- SANTOS, Vitória Brito. **Ela se juntou com um cara!: um estudo sobre Casamento de Crianças no Brasil, comunicação e direitos humanos**. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social)- Feevale, Novo Hamburgo- RS, 2017.
- SCHOENE, B. *O romance cosmopolita*. Edimburgo: Edimburgo UP, 2010a.
- SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SEGUNDO, M., Araújo, D., Nascimento, M. e Moura, T. (2012). **“Homens, Mulheres e a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes em Quatro Cidades do Brasil: Resultados de um Estudo Qualitativo e Quantitativo.”** Rio de Janeiro: Instituto Promundo.
- SIGNORI, A.A. sem nome, sem profissão e sem herança: a construção da invisibilidade das mulheres no processo de colonização do oeste de Santa Catarina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X
- SILVA, E.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C. Violência contra a mulher em um assentamento rural de reforma agrária do nordeste brasileiro. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 88-106, 2018. ISSN2177-2886.
- SILVA, Sérgio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia ciência e profissão**, v. 30 (3), p. 556-571, 2010.

- SILVA, V.A. As flores do pequi: sexualidade e vida familiar entre jovens rurais. Campinas, SP: Unicamp/CMU Publicações; Arte Escrita, 2007.
- SIQUEIRA, C., & ROCHA, E. S. (2019). Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, 2(1), 12-23.
- SOARES, Ivanete Bernardino. O (in) específico na análise do discurso literário. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, p. 86-106, 2020.
- SOUSA, Luana Passos de, GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos avançados*. 30 (87) • May-Aug 2016.
- SOUSA, Ticiane Melo de, SCHWEICKARDT, Júlio César, FERLA, Alcindo Antônio, TOBIAS, Rodrigo. A assistência ao parto por parteiras leigas: Uma revisão integrativa. **Revista Saúde em Redes**. V. 8, supl. n. 1. 2022.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.
- TAYLOR, A. Y., LAURO, G., SEGUNDO, M., Greene, M. E. “**Ela vai no meu barco.**” **Casamento na infância e adolescência no Brasil. Resultados de Pesquisa de Método Misto**. Rio de Janeiro e Washington DC: Instituto Promundo&Promundo-US. Setembro 2015.
- United Nations Children’s Fundation (UNICEF). Child marriage: latest trends and future prospects [Internet]; 2018. [acessado 2020 Jul 7]. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/child-marriage-latest-trends-and-future-prospects/>
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. Disponível em: [<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>](https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/)
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>>
- VARIA, Nisha. Meeting the Global Development Goals’ Promise to Girls. 2015. Disponível em:< <https://www.hrw.org/world-report/2016/ending-child-marriage>>. Acesso em: 23 mai. 2017.
- VERSA, C. R.; SOARES, A. S. F. Sujeito e sentido em O dia em que matei meu pai, de Mario Sabino. In PATTI, A. R. et al [Orgs.]. **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, 421 p.
- VIEIRA, D. C. P.; RODRIGUES, G. H. A literatura contemporânea e o ensino. **Encontros de vista**, v.13, n.1, p. 3–17, 2021.

VIEIRA, F. A ficção como limite. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 17, p. 13-31, 7 jun. 2018.

VIEIRA JR., I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2018.

WEBER, B. T. As artes de curar: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928. Santa Maria: Editora da UFSM; Bauru: EDUSC; 1999.

ZILBERMAN, R. “Cor local” e História da literatura. *Revista Léngua & Meia*, 6(1), 09–21, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/lm.v6i1.2037>. Acesso em 01 de junho de 2023.